



SEGURANÇA ALIMENTAR

Estado investe em programas para eliminar a fome e reduzir pobreza

Tá na Mesa e PPA atendem milhares de famílias carentes e beneficiam produtores em todo o Estado. **Página 3**



Foto: Evandro Pereira

Programa evolui e se transforma em Fundação Parque Tecnológico

Instituição funcionará no prédio do antigo Colégio das Neves, na capital, como polo da área tecnológica.

Página 19

“Dezembrite”, a tristeza que acomete muitos no Natal

“Então é Natal, e o que você fez?” é pergunta que provoca estresse em pessoas com a “síndrome do fim do ano”.

Página 7

A celebração do nascimento de Jesus Cristo

Igrejas cristãs festejam o Natal, hoje e amanhã, com missas e cultos; a data tem um grande significado religioso. **Páginas 5 e 6**

Foto: Edson Matos



Memórias

Caderno B foi a escola para um bom texto

O desembargador federal Alexandre Luna Freire iniciou a carreira profissional escrevendo no caderno de cultura do Jornal A União. Influência do pai, João Lélis, que foi correspondente de guerra.

Páginas 14 e 15

■ “Certos autores são como velhos amigos, pessoas que amamos, e das quais não podemos nos afastar por muito tempo. Andar lendo é estar convivendo; estar convivendo é realimentar esse amor”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ “É necessário que percebamos que não só é importante repartir o pão físico, mas a vida plena de direitos, desde os direitos humanos essenciais até os sociais. O ‘Feliz Natal’ deve ser ‘Feliz Vida’”.

Rui Leitão

Página 2

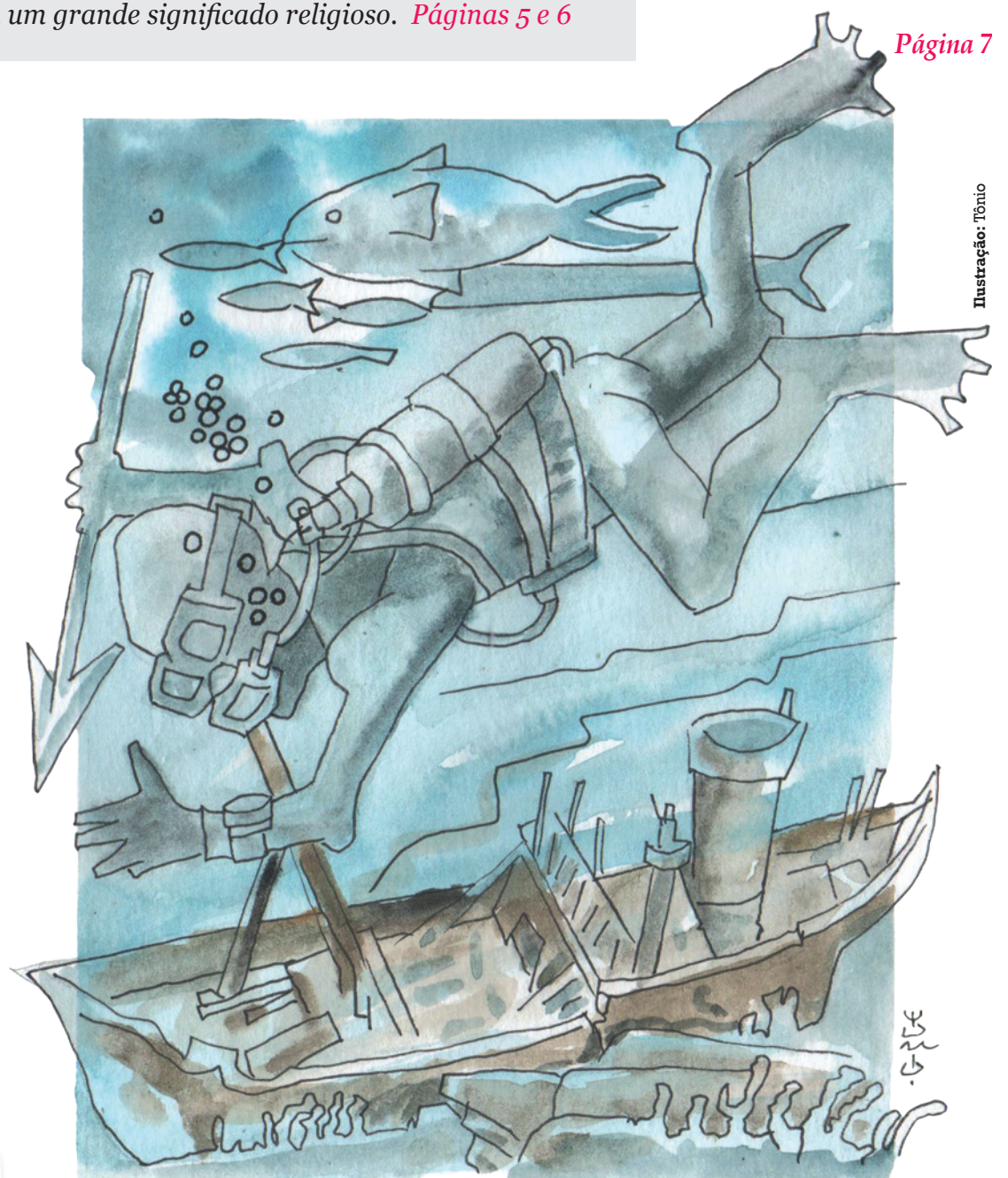


Ilustração: Tório

Mistérios adormecidos nos naufrágios no Litoral paraibano

Dos 41 naufrágios de embarcações catalogados pelo pesquisador Jair Miranda, 18 seguem sem identificação. As pesquisas que fez o levaram a suspeitar da localização da esquadra luso-espanhola que combateu os invasores holandeses. O explorador identificou, inclusive, um satélite alemão de pesquisas espaciais.

Página 25

Pensar

A aversão a certos tipos de sons, conhecida como misofonia, causa ao portador da síndrome reações física e emocional desagradáveis, com prejuízos mentais ao indivíduo, e pode ter origem hereditária. O diagnóstico do problema é feito através de avaliação multidisciplinar.

Páginas 29 a 32



Editorial

A poesia da esperança

Haverá um dia oceanos só água, fauna e flora marinhas, sem os corpos dos refugiados que se afogaram na tentativa de chegar a algum lugar sem guerras, fome e doenças que os acolhessem apenas por serem seres humanos em busca de uma nova pátria, na qual tenham chances reais e imediatas de recomeçar a vida sem os perigos e as exclusões das terras onde nasceram? Mares sem o desespero navegando em pequenos botes?

Haverá um dia desertos sem falsos coiotes? Sem as cercas e as armas que impedem que pessoas do lado considerado de fora, unidas pela falta de perspectivas, exponham-se à morte pelo fato de almejem cidadania; um documento que lhes dê identidade, imunizando-as contra a exclusão? Ermos de almas de carne, osso e muitos sonhos que, infelizmente, na imensa maioria das vezes, irão se tornar horríveis pesadelos?

Haverá um dia em que todas as pessoas terão uma pátria, com território, leis e bandeira, na qual poderão viver suas vidas sem o assombro das metralhadoras e dos bombardeios daqueles que não lhes reconhecem o direito de viver na terra que pertencera a seus ancestrais? Até quando pessoas nativas irão continuar morrendo por não mais aceitarem serem rotuladas de proscritas e desterradas pelos usurpadores de suas terras?

Haverá um dia sem subnutrição, desemprego, roubos, assaltos, socos, insultos e assassinatos? Uma manhã de neblina sob o guarda-chuva dos bons mandamentos do tronco comum das principais religiões, ou um meio-dia escaldante sob o guarda sol das boas perspectivas comunitárias de certos ateísmos? O que se lê, o que se vê e o que ouve, exercitados na prática, favorecendo, assim, o bem-estar comum?

Haverá um dia no qual todos estarão em casa, com mesa farta e rede armada para o descanso? Sem rifles nas paredes, capangas nas varandas, tocaias nos jardins? Sem medo de nada, enfim, nem da hora que é certa, embora de data incerta, porquanto sem tempo para isso, tão intenso é o viver, menos para si e muito mais para o outro. Uma mão na fruta para o vizinho, a outra recebendo dele o tu-bérculo oferecido para o jantar.

Haverá um dia, afinal, de um mundo na forma de uma Santa Ceia? De pão, vinho, boas gargalhadas e nenhum punhal? Uma casa para todos, de pomar fértil e poço de água límpida, ornada de plantas bem cuidadas? Uma casa com um retrato do poeta, sobre o qual se lê: “Você pode dizer que eu sou um sonhador/ Mas eu não sou o único/Espero que um dia você junte-se a nós/E o mundo viverá como um só...”. Feliz Natal!

Artigo

Recuperemos o espírito natalino

O Natal é antes de tudo um estado de espírito. Precisamos compreender bem o significado desta noite, que é a celebração do nascimento de Jesus, embora não se tenha a certeza de que foi realmente esta a data em que nasceu. Mas, deve ser um momento de reflexão, de acolhimento e de renovação, em que possamos compartilhar amor e solidariedade. Que não seja apenas uma festa em que se trocam presentes, mas que a alegria despertada em cada um de nós nesta data permaneça por todos os dias do ano.

A celebração do Natal nos induz a decorar e iluminar árvores, montar presépios, chamar o Papai Noel para presentear as crianças que ainda acreditam nele, enviar mensagens de boas festas para os familiares e amigos, reunirmo-nos em torno de uma mesa com diversidade de pratos, sobremesas e bebidas tradicionais, quando isso é possível. Uma festa com motivação religiosa, abrindo espaço para o profano. Pratica-se um cristianismo de aparência, perdendo a sua dimensão estritamente cristã, misturando tradições de muitas origens com o consumismo desenfreado. Elementos religiosos e pagãos se confundem entre a festa e a liturgia.

A representação simbólica do Natal, em que Cristo nasce na humildade de uma manjedoura, numa periferia da cidade e sem registro oficial do seu nascimento, retrata bem uma grande parte da sociedade que vive na marginalidade, os desvalidos da sorte e do amparo social, sofrendo as consequências de suas origens. A comemoração deles é bem diferente da nossa, posicionados numa escala social melhor. O apelo comercial do capitalismo selvagem, de certa forma, desestimula a reflexão sobre a conjuntura econômica, quando essa massa empobrecida se torna invisível socialmente.

É necessário que percebamos que não só é importante repartir o pão físico, mas a vida plena de direitos, desde os direitos humanos essenciais até os sociais. O “Feliz Natal” deve ser “Feliz Vida”. O ideal é que o Natal seja verdadeiramente de todos. É inaceitável que continuemos fazendo de conta que não somos cúmplices dessa situação, ao negarmos encarrar os males do mundo. Essa não é uma postura cristã. Je-

sus consolava os aflitos, procurava dignificar os escoraçados, orientava os caminhos aos que se encontravam perdidos. Bem diferente do comportamento egoísta que se vê entre os que ficam fora da faixa social dos desfavorecidos.

Frei Betto em um artigo intitulado “Promessas de Natal”, diz: “Neste Natal, porei em prática sábias lições de vida: pão que se guarda endurece o coração; a cabeça pensa onde os pés pisam; o contrário do medo não é a coragem, é a fé. Não darei lugar aos príncipes revestidos de palavras vãs, nem porei a minha confiança nos arautos surdos ao clamor dos desvalidos. Não mais farei de meu corpo mero adereço estranho ao espírito”. São afirmações que provocam reflexão.

Façamos com que entre os homens não aconteça que as relações de solidariedade cedam lugar ao ódio e às divergências intransigentes. Que este Natal seja uma luz resplandecente na noite dos que estão cegos pela ganância e pelo egoísmo. E assim possamos olhar com mais atenção para o mundo dos excluídos. Feliz Natal para todos os homens e mulheres solidários com os mais necessitados.

“

A celebração do Natal nos induz a decorar e iluminar árvores, montar presépios, chamar o Papai Noel para presentear as crianças que ainda acreditam nele

Rui Leitão

Foto Legenda



As luzes do trânsito da época

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Um Natal com Semeão

A foto ilustra a publicação de discurso de Samuel Duarte no número 12 de *Paraíba Cultura*, revista editada para documentar as “Noites de Cultura”. A foto reproduzida é de início dos anos 1940.

Nela reconhecemos, além do secretário Samuel, o professor Emanuel de Miranda Henriques, que viria se destacar como diretor do Liceu no governo José Américo; e José Semeão Leal, (de gravata borboleta) diretor da Divisão de Serviço Público, cargo que exerceu até 1944. Concentra-se nele, em Semeão, a razão deste registro.

De terno branco como a maioria dos figurantes, alto, desempenado, a calva já se acentuando. Mas não será na gravatinha borboleta já adotada desde moço que avultará a grande figura do Semeão Leal que vamos encontrar noutras fotos, vinte anos depois, posando com Manuel Bandeira, Jorge Amado, Eduardo Portela, Tomaz Santa Rosa, Marques Rebelo e dezenas de outras celebridades vivas da literatura e das artes brasileiras.

Na foto com Samuel Duarte tem o ar de súdito inglês, de quem estava ali apenas para compor a fotografia, de quem se preparara para voos mais altos.

Fui conhecê-lo de perto e bem perto no Rio, no Natal de 1962, em busca de estágio gráfico na antiga Imprensa Nacional. Ele era diretor da Divisão de Documentação e Cultura do antigo MEC e eu diretor recém-nomeado da Imprensa Universitária da UFPB, com a prioridade de instalar a gráfica-editora.

Dois anos antes, em minha primeira viagem ao Rio, ao mesmo tempo que o Corcovado, conheci Semeão. Eu fazia parte de um grupo de jornalistas e escritores que o governo de Pedro Gondim premiara com essa viagem, a pretexto da I Feira de Livros do Rio, em Copacabana. Fomos juntos, sob o pátio da União Brasileira de Escritores, secção da Paraíba, Carlos Romero, Otacílio Cartaxo, Waldemar Duarte, Wilton Velloso e mais um ou dois que agora não me ocorrem. Baixamos no gabinete do paraibano mais solicitado por artistas e escritores do Rio e que só alguns privilegiados da Paraíba conheciam.

Estava lendo qualquer coisa com as pernas estiradas sobre o birô e levantou-se rápido, efusivo, para nos receber. Os braços longos, bem abertos e a exclamação brincalhona inspirada na figura cajazeirense de Otacílio Cartaxo: – Eita, cangaceirada!

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Velga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

Ortilo Antônio

“
Fui conhecê-lo de perto e bem perto no Rio, no Natal de 1962

Gonzaga Rodrigues

E ficamos logo à vontade. Daí a pouco levounos ao Museu de Arte Moderna, ouvindo dele muita coisa que não alcançávamos nos quadros. Eu, pelo menos. Foi uma manhã que se estende até hoje sempre que me vejo diante de um quadro modernista.

Depois veio o melhor, aquele Manuel Bandeira com seu tanto de inefável nas nossas leituras, entrava em carne e osso na sala de Semeão. E parecia pessoa como nós. E deixou-me tocar em suas mãos. E ouvi-lhe a conversa com Semeão como eu conversava aqui com Juarez Batista, Vanildo Brito, Jomar, com Nathanael Alves. Custava acreditar. E lá vem Anísio Teixeira, Mário Pedrosa, Afrânio Coutinho, Eduardo. Todo esse mundo fabuloso, aos meus olhos matutos, vivido nesse ambiente, mesmo num cantinho, num Natal que se estendesse por tanto tempo. Um Natal permanente que era o de uma Divisão do MEC regida por um paraibano de todas as naturalidades.

Não fora de graça que isso acontecia. Num tempo em que o livro ainda não era ostensivamente mercadoria, isento de marketing, a Divisão de Cultura se empenhando em difundir maciçamente os valores compromissados com a nossa consciência e a nossa formação. O produto ou livro dirigido menos pelo mercado do que pelas prioridades culturais.

E assim tivemos a revista Cultura, os Cader-nos de Cultura levados aos milhões às bibliotecas do país com o essencial ao nosso aprendizado. São centenas de títulos da melhor ensaística literária e artística do pós-modernismo.

Ainda está para ser avaliada a atuação desse paraibano na difusão de ensinamentos no campo das letras, da historiografia e das artes quando nos faltavam as universidades.



Foto: Secom-PB

Programa do Leite garante alimento para milhares de famílias paraibanas e ainda beneficia a produção dos agricultores

COMBATE À INSEGURANÇA ALIMENTAR

Programas beneficiam mais de 133 mil famílias

Governo do Estado também incentiva a produção de 600 agricultores

André Resende
andresendejornalismo@gmail.com

Um dos temas que mais se consolidou na Paraíba, a partir dos cuidados dobrados que a gestão pública precisou aplicar com a pandemia, foi o combate à insegurança alimentar. No estado, muitos programas foram desenvolvidos a partir da necessidade de reduzir o impacto na economia que as medidas, como foi o caso do “Tá na mesa”, presente em 147 cidades com refeição a partir de um real, outros foram consolidados como o Programa de Aquisição de Alimentos, em parceria com o Governo Federal, que ajuda diariamente

133 mil famílias e garante o sustento de 600 pequenos agricultores do estado.

Os dados são de um balanço feito pela secretária de desenvolvimento social, Pollyana Dutra. A gestora, que assumiu a pasta no início deste ano, avaliou que o trabalho que tem sido desempenhado pela secretaria, tido na gestão como uma das mais importantes do ponto de vista prático, destacou que, embora o saldo seja positivo em dar continuidade a uma estrutura que já funcionava muito bem, o problema da fome é de responsabilidade conjunta.

“Nós entendemos que o combate à fome e à pobreza,

neste momento, é a principal prioridade do governo e é um tema intersetorial que dialoga com as demais secretarias, mas na Secretaria de Desenvolvimento Humano, ela passa a ter uma importância muito maior do que todas as demais políticas. O conceito de fome é multifacetado e a fome, além da ausência de alimento, é a ausência de oportunidades. Há fome porque não tem qualificação profissional, não consegue acessar o mercado de trabalho. É a ausência dos direitos que o governo chega junto e oferece a essa população um ambiente favorável para que ela quebre ciclos de pobreza”, comentou Pollyana.

Além do programa “Tá na Mesa”, a Secretaria de Desenvolvimento Humano (Sedh) também conta, entre os trabalhos implementados para combater a fome e a miséria no estado, com o Cartão Alimentação que oferece o valor mensal de R\$ 50 e é distribuído para famílias paraibanas realizarem a compra de comida. Conforme dados da Sedh, o cartão que é exclusivo para compra de alimentação em estabelecimentos do estado beneficia diretamente 52 mil pessoas em 135 municípios, atacando o problema da insegurança alimentar e movimentando a economia local, sobretudo nos pequenos municípios.

Alimentos produzidos pela agricultura familiar

Pollyana Dutra, em seu balanço, também destacou a importância das parcerias com outras entidades do poder público, em outras esferas, para reduzir a fome. O exemplo disso é o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) que tem uma versão específica apenas para compra e distribuição de leite, e uma em geral para compra de alimentos produzidos pela agricultura familiar paraibana. “São dois programas importantes, provenientes da parce-

ria com o Governo Federal. Só no programa do leite são distribuídos diariamente 31,7 litros de leite na Paraíba, um benefício que se espalha por 83 municípios. A gente sabe o quanto isso é importante na Paraíba, porque o leite é um alimento de qualidade, é uma proteína que a gente consegue ofertar, pelo menos equilibrar, o nível nutricional das crianças”, avaliou.

No caso do PAA para os demais alimentos além do leite, o poder público estimula a agri-

cultura familiar, ou o pequeno agricultor, uma vez que a compra de sua produção agrícola é garantida, desta forma não havendo desperdício ou prejuízo. São 106 itens no total que vão desde raízes, como macaxeira, mandioca e demais tubérculos, até mesmo a parte de frutas, de legumes, de hortaliças e de proteína, como é o caso do ovo, da galinha e também os pequenos ruminantes.

De acordo com a secretária da Sedh, a atuação do PAA

é feita em parceria com outras entidades, uma vez que os alimentos adquiridos junto aos pequenos produtores não passam pelo manejo direto do estado no que diz respeito à distribuição. “Esses alimentos são oferecidos a entidades que realizam trabalho no combate à fome e à pobreza, a instituições como os Crais municipais, hospitais filantrópicos, que também trabalham nessa frente de combate”, complementou Pollyana Dutra.

Recursos para combater a fome no Estado

A secretária de Estado de Desenvolvimento Humano Pollyana Dutra destacou que a política de promoção da segurança alimentar tem se consolidado e se tornou uma prioridade na gestão estadual. “Esses programas de segurança alimentar se consolidam no governo João Azevêdo. Oferecendo alimento em quantidade e qualidade suficientes. É extremamente importante uma gestão entender que é a partir do combate à fome que a gente vai pensar em fazer as demais

políticas públicas”, comentou.

Para seguir combatendo a fome e a insegurança alimentar em níveis menos severos no estado, a Sedh terá a disposição em seu orçamento para 2024, conforme Lei Orçamentária Anual aprovada pela Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) no último dia 20 deste mês, um volume de recursos na ordem de R\$ 164,3 milhões. Uma quantia robusta, prove-niente de verbas para a operação dos programas “Tá na mesa”, PAA, Cartão Alimenta-

ção e dos restaurantes populares do estado, para buscar resolver um problema distante de uma solução na comunidade global.

Pollyana Dutra, avaliou que ter à disposição na sua pasta um orçamento compatível com a dimensão do problema é uma demonstração do governador João Azevêdo de tratar a promoção da segurança alimentar como uma política prioritária da gestão.

“Comer é um ato político, é uma decisão política. A gente

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

PACHECO APOIA E LIRA É CONTRA: PEC QUE FIXA MANDATOS NO STF VAI CONFRONTAR CASAS LEGISLATIVAS

No próximo ano, uma pauta em particular tenderá a confrontar o Senado com a Câmara dos Deputados e alguns magistrados do Supremo Tribunal Federal (STF): a PEC que fixa mandato para ministros da corte suprema – pelas regras atuais, ministros precisam ter mais de 35 anos e podem ficar no cargo até os 75 anos. O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (foto, do PSD) declarou que pretende pautar a proposta para 2024. Parta ele, o poder Legislativo tem prerrogativa para alterar não somente o tempo de permanência na cúpula do Judiciário, mas também a forma de ingresso. “Eu acho que o Supremo tem o seu poder definido na Constituição, que foi concebida pelo Legislativo. Alterações no poder do Supremo também devem ser feitas pelo Legislativo. Isso é normal”, disse. Para ministros do STF, como Gilmar Mendes, a PEC representa uma interferência “inoportuna” na corte. Por seu lado, o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP), expressou sua posição contrária à proposta. “Você imagina uma pessoa que vá para o STF com 44, 45 anos, que sabe que vai sair com 55. O que é que vai se esperar de isenção de julgamento de alguém que sabe que em 10 anos vai sair com 55 anos, em plena atividade?”, questionou em entrevista à GloboNews.



Foto: Agência Brasil

MANDATO DE OITO ANOS

Entre as mudanças que serão debatidas pelo Senado, no âmbito da PEC que fixa mandato para ministros do STF, está a elevação para 45 anos da idade mínima para ser ministro. O mandato, de acordo com a proposta apresentada pelo senador Plínio Valério (PSDB), propõe um mandato fixo de oito anos para os magistrados, sem a possibilidade de reeleição.

PRAZO ESTÁ CRAVADO

Quando a oposição vai anunciar o nome apresentará o grupo na disputa pela prefeitura de Campina Grande? Eis a pergunta feita ao presidente municipal do PSB, Jhony Bezerra. “Até fevereiro. A gente tem um time muito forte e nosso objetivo é construir uma unidade”, respondeu. Ele afirmou que o grupo da oposição é formado por 13 partidos.

APENAS UM NOME

Pela visibilidade que tem alcançado nas últimas semanas, sendo uma voz da oposição na “Rainha da Borborema”, Jhony Bezerra vem se credenciando para ser o candidato a prefeito do grupo. Mas vale ressaltar que o governador João Azevêdo (PSB) condiciona a escolha do candidato ao desempenho que tiver nas pesquisas. Apenas um nome não precisará ser “testado” nesse critério: Romero Rodrigues (Podemos), caso ele decida migrar para a oposição.

JOÃO PESSOA SE BENEFICIA

A Comissão de Integração Nacional e Desenvolvimento Regional da Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei 5042/23 que poderá beneficiar diretamente João Pessoa: ele obriga o Governo Federal a transferir recursos para estados e municípios com áreas costeiras afetadas por erosão e avanço do mar. Como sabemos, o avanço do mar tem destruído a barreira do Cabo Branco, na capital.

SEM ESTADO DE CALAMIDADE

O relator do Projeto de Lei 5042/23 no colegiado, Daniel Agrobom (PL), disse à Agência Câmara de Notícias que a condição de vulnerabilidade de áreas costeiras do país, face aos impactos advindos das mudanças climáticas, impõe o “estabelecimento de políticas públicas específicas para conter a erosão e avanço do mar”. As verbas serão liberadas independentemente de declaração de estado de calamidade.

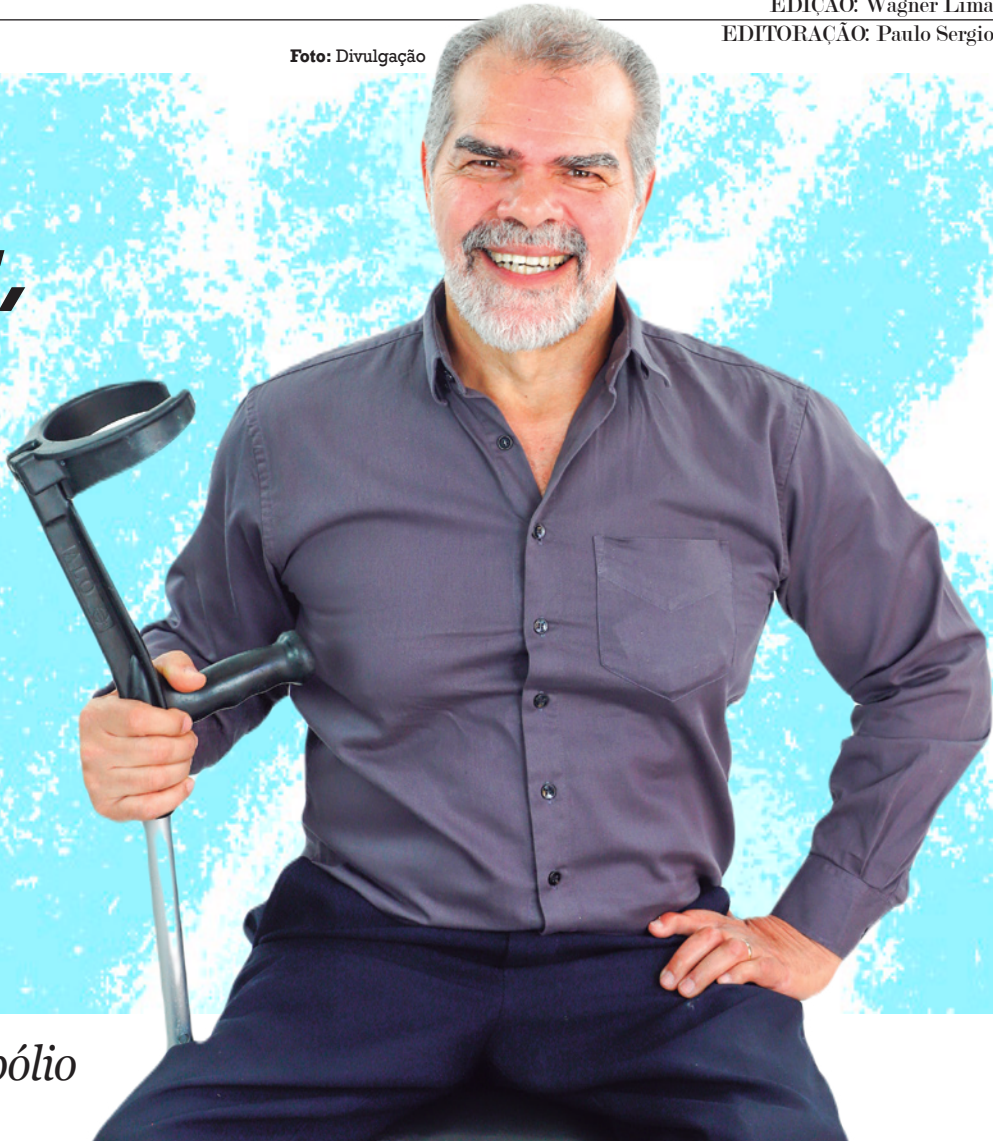
CÍCERO ALTERA PRAZO PARA REFORMA ADMINISTRATIVA

O prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena (PP), transferiu para o final de janeiro o prazo para fazer uma reforma administrativa na prefeitura – a previsão inicial era que a reforma seria concluída até o final deste ano. A reforma ocorrerá porque alguns auxiliares da gestão serão candidatos na eleição municipal de 2024.

Mário Sergio Rodrigues,

ativista da causa das Pessoas com Deficiência

“A partir dos 50 anos, todos nós vivemos a Síndrome Pós-Pólio”



Escritor lançou livro contando sua história e traz reflexões sobre a pólio

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

A primeira experiência de vacinação em massa no Brasil contra a poliomielite aconteceu em 16 de julho de 1961. Nascido quatro anos antes, o servidor público Mário Sergio Rodrigues não teve a oportunidade de receber a imunização, o que acarretou o desenvolvimento da doença. Em agosto deste ano, Mário Sérgio lançou o livro “Sobre viver com Pólio”, que conta parte da sua trajetória de vida.

Em entrevista ao Jornal A União, Mário Sérgio conta um pouco dessa história, de como foi ser um adolescente com deficiência, sua entrada no ativismo, e a importância da vacinação, especialmente num momento em que o Brasil voltou ao mapa do risco da poliomielite, depois de décadas de erradicação. Ele também fala sobre as legislações e aponta a educação formal e a qualificação profissional como caminhos possíveis para uma sociedade mais inclusiva.

Entrevista

A poliomielite foi totalmente erradicada no país em 1989, graças às campanhas de vacinação em massa. O senhor faz parte de um dos últimos grupos de crianças que desenvolveu a doença, antes da chegada da vacina no Brasil. O que pode nos contar sobre essa história da pólio e do acesso à imunização?

No ano em que eu nasci, em 1957, as vacinas disponíveis contra a poliomielite ainda estavam em uma fase incipiente e praticamente só estavam disponíveis nos Estados Unidos. No Brasil, ela era raríssima. Só existia em São Paulo e no Rio de Janeiro. Eu morava no interior de Minas Gerais, não havia qualquer disponibilidade.

Naquele mesmo ano, nós tivemos uma epidemia de poliomielite muito forte e a grande maioria dos casos chegou ao Brasil a partir dos anos 1960. A primeira campanha aconteceu só em 1961, quando chegou a vacina do Albert Sabin, diferente daquela que era usada nos EUA.

Tanto eu quanto várias outras crianças no Brasil não tivemos a chance de sermos contemplados com a vacina Sabin. Não tivemos acesso. É importante deixar claro que fomos acometidos da doença não por negligência ou distração dos nossos pais e responsáveis, mas porque realmente não havia vacinas no Brasil.

E como foi ser uma criança e adolescente com deficiência?

Eu sempre faço muita questão de pontuar isso: para uma criança, a poliomielite é ruim, claro que é segregador. No entanto, a criança sente menos o problema. Dificilmente a gente conseguia perceber alguma exclusão, ou usando uma palavra mais em voga, o bullying porque havia uma troca de brincadeiras e não sentíamos tanto. Quem sentia mais eram os adultos responsáveis ou os adultos próximos. Quando chegamos na fase da adolescência e na fase adulta, aí sim começamos a perceber com muita nitidez os preconceitos e as discriminações.

Foi nessa fase que o senhor se tornou um ativista pela causa?

Na minha fase de criança e adolescente, eu não tinha muito essa noção de ativismo. Quando fui morar em Belo Horizonte, senti o peso disso. Naquela época, início da década de 1970, os acessos eram mais complicados. Uma viagem com 100km de distância durava umas quatro horas. Quando nós chegamos a Belo Horizonte (MG), eu conheci o amigo José Maia (que namorou a minha irmã) e ele já era um ativista nessa área, atuava na Associação Mineira dos Paraplégicos e me convidou para participar. A partir desse momento, eu tomei a questão da pessoa com deficiência como uma bandeira, e nós começamos a trabalhar nisso. Naquela fase, nossa atuação ainda era muito incipiente. Eu devia ter por volta dos meus 20 anos de idade e começamos a participar dos jogos de basquete em cadeiras de rodas, que era uma forma de mostrar para as pessoas que estávamos vivos e atuantes.

Depois, comecei a trabalhar com a União dos Paraplégicos em Belo Horizonte, e nessa entidade, fui diretor de esportes e de comunicação. Era uma oportunidade de divulgar que as pessoas com deficiência podiam ser produtivas e independentes. Hoje, inclusive, muitas dessas pessoas são arrimos de família, especialmente no esporte.

Aproveitando a questão dos esportes, o Brasil é campeão medalhista nas Paraolimpíadas. Como o senhor analisa a importância do esporte na vida das pessoas com deficiência?

Na verdade, o esporte é uma porta gigante de acessibilidade para as pessoas com deficiência e também uma porta muito grande para mostrar nossas competências e capacidades. Essa é uma história curiosa que eu faço questão de contar. Quem iniciou esse processo foi Ludwig Guttmann, um médico alemão, judeu, que fugiu das perseguições nazistas em 1939 e foi para a Inglaterra. Lá ele foi convidado a administrar um

hospital, o Stoke Mandeville, voltado para cuidar de pacientes com sequelas de guerra. Essas pessoas iam para esse hospital com uma expectativa de vida de, no máximo, dois anos, porque o tratamento era quase que totalmente voltado para o controle da dor. No entanto, eles ficavam deitados constantemente e essa condição acarretava o aparecimento de escaras profundas que levavam, no final das contas, à morte.

Esse médico resolveu fazer as coisas de um jeito diferente. Ele começou a introduzir nesses pacientes, atividades com jogos de mesa, como baralho, xadrez e gamão, e com o tempo ele percebeu que isso poderia ser ampliado com jogos que utilizassem membros que haviam sido preservados de forma produtiva. Esse ganho alcançou muito além do físico. A expectativa de vida dessas pessoas se ampliou de forma gigantesca, e mais, a partir desse momento, foram criados os primeiros jogos para pessoas com deficiência, que começaram a acontecer de forma oficial já nos anos 60.

Esse resgate através do esporte é muitíssimo importante para as pessoas com deficiência. Você já imaginou um cego jogando bola? É muito legal.

Como o senhor avalia o cenário atual de inclusão para pessoas com deficiência aqui no Brasil e o que senhor aponta como necessário para se avançar nesse sentido?

Nós evoluímos bastante em relação ao período em que eu fui acometido pela poliomielite. E quando falo dessa doença, torço para que eu e todos os sequelados pela pólio sejamos vistos como dinossauros, porque eles foram extintos! A nossa expectativa é que sejamos a última geração do Brasil a ter poliomielite. Infelizmente, devido à baixa adesão das pessoas à vacinação, voltamos a integrar o quadro de risco da poliomielite.

Há uma série de situações que buscam proteger as pessoas com deficiência, mas temos que reconhecer que poderia ser muito melhor, muito mais incisivo. Falo muito da poliomielite porque é uma situação que eu vivo e conheço. Uma questão que deve ser levantada diz respeito aos equipamentos que nos garantiam qualidade de vida. Eles eram produzidos até a década de 1970. A partir das campanhas de imunização, se reduziu drasticamente o número de pessoas com a doença, e claro, tudo na vida é comercial, então, não houve evolução nesses equipamentos. Não que não existam, só para deixar claro! Mas há de se pensar que a evolução desses equipamentos parou porque já não há demanda.

Em relação à legislação, nossa preocupação diz respeito à proteção porque nós, sequelados da poliomielite, temos outro proble-

Autor diz que Censo aponta que cerca de 70% das pessoas com deficiência apresenta analfabetismo

ma: a partir dos 50 anos de idade, praticamente todos nós vivemos uma segunda condição, que é muito desagradável, que é a Síndrome Pós-Pólio. Sentimos mais dores e outros problemas decorrentes da própria doença e, para qualquer atividade, nosso esforço é muito maior do que o das pessoas comuns. Isso faz com nosso corpo se ressinta muito, e muito mais rápido.

Hoje, nós temos uma legislação que permite, por exemplo, que pessoas com deficiências consideradas leves, se aposentem com 33 anos de contribuição; no caso de deficiência média, com 29 anos de contribuição; e nas deficiências graves, com 25 anos. Isso é legal, no entanto, o próprio governo não reconhece que as pessoas que já cumpriram esses períodos podem ter os mesmos direitos que as pessoas sem deficiência porque entendem que teríamos que cumprir os prazos normais. É como se eu te oferecesse duas maçãs e tomasse uma maçã e meia de volta, porque um amigo meu está precisando. É um direito que é meio direito, não é um direito integral.

Dados do Ministério da Saúde apontam que, desde 2016, o Brasil vem sofrendo uma queda na cobertura de vacinação contra a poliomielite. Na sua opinião, o que acarretou esse fenômeno?

Eu vou falar uma coisa que é histórica e, especificamente, em relação à pólio. Falei que a primeira vacina foi utilizada em 1953 e a primeira campanha de vacinação em massa ocorreu em 1955. Porém, o criador da vacina, que foi o Jonas Edward Salk, estava bem de vida e abriu mão da patente, o que significou que ela começou a ser produzida por qualquer laboratório, sem restrição. Um dos laboratórios fez com que várias pessoas que foram inoculadas e que deveriam ter sido imunizadas foram, na verdade, infectadas pela doença, provocando mortes e sequelas. Claro que isso criou na população um medo terrível de vacina.

Em 1957, já corrigido o problema, houve uma nova bateria de vacinação em massa nos Estados Unidos e não aconteceu um único caso de problema. Ainda as-

sim, aquela situação causada em 1955 já tinha criado raízes nos corações e nas mentes de algumas pessoas, que se posicionaram veementemente contra qualquer tipo de vacina. O problema que aconteceu com a vacina da pólio em 1955 gerou esse mal-estar e é claro que criou em algumas pessoas a cultura da anti-vacina.

Albert Sabin testou a vacina na então União Soviética e deu super certo. Com todos os problemas solucionados, e com a vacina Sabin, ou a vacina do Zé Gotinha, praticamente se erradicou a poliomielite no mundo inteiro. Mas aquela situação de 1955 conseguiu criar um imaginário e ainda hoje algumas pessoas consideram a vacina como algo ruim.

Mas é curioso que, pela erradicação, os mais jovens nunca tiveram contato nem conviveram com pessoas com pólio, e isso é importante dizer porque a erradicação fez com que as pessoas não conheçam a doença e não saibam do nível de problemas que ela acarreta. É difícil ter medo de uma coisa quando não se conhece as consequências.

Do ponto de vista social, governamental e empresarial, o que pode ser feito para garantir mais inclusão das pessoas com deficiência no Brasil?

Quando eu ainda estava em Belo Horizonte (hoje Mário Sérgio mora em Brasília), foi instituída uma lei que garantia que, de acordo o percentual de funcionários de uma empresa, ela deveria admitir pessoas com deficiência. Isso foi muito bacana e funcionou razoavelmente bem. Nós da Associação Mineira dos Paraplégicos fomos convidados para fazer uma palestra numa empresa de ônibus em Belo Horizonte. Lá havia um grupo empresarial que admitia várias pessoas com deficiência, especialmente motoras, e tivemos oportunidade de observar que muitas dessas empresas se interessavam em admitir essas pessoas e dar oportunidade de trabalho. Mas o problema para a captação desse público precede uma situação complicada: a falta de qualificação.

De acordo com o último censo realizado pelo IBGE, por volta de 70% das pessoas com deficiência são analfabetas, semi analfabetas, ou analfabetas funcionais. Isso significa que a primeira grande oportunidade precisa estar no campo da educação formal e na qualificação. Se é oferecida uma oportunidade para uma pessoa que a deficiência não atrapalharia no desempenho da função, a falta de qualificação com certeza vai atrapalhar. Então é preciso garantir educação e capacitação. A primeira oportunidade, deve ser a oportunidade de aprender.

CELEBRAÇÃO

Igrejas celebram a chegada de Jesus

Segundo a Arquidiocese da PB, missas em homenagem a Cristo abrem o Tempo do Natal, que perdura por oito dias

Alinne Simões
alinnesimoesjp@gmail.com

Para festejar o nascimento do Menino Jesus, uma das maiores tradições do calendário cristão, várias celebrações religiosas estão programadas para acontecer hoje e amanhã, véspera e dia de Natal, respectivamente. De acordo com a programação divulgada pela Arquidiocese da Paraíba, nesse domingo as celebrações começam logo cedo na Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, a partir das 6h com a missa do 4º Domingo do Advento, que será presidida pelo padre Allan Karlos, vigário da Catedral.

Ainda celebrando o último domingo do Advento, às 9h, será realizada a Santa Missa, também na Basílica de Nossa Senhora das Neves, que deverá ser presidida pelo Monseñor Robson Bezerra, pároco da igreja matriz. Já a missa solene da véspera de Natal acontece às 18h, na Catedral, sendo celebrada pelo arcebispo Metropolitano da Paraíba, Dom Manoel Delson. A expectativa, segundo a arquidiocese, é que a igreja receba um grande número de fiéis, “que desejam celebrar o nascimento de Jesus”.

Conforme a arquidiocese, a celebração do nascimento de Jesus Cristo abre o Tempo do Natal e se estende por oito dias, com a Oitava do Natal. Desse modo, a solenidade continua a ser celebrada, como se fosse um mesmo dia, entre os dias 25 de dezembro e 1º de janeiro. Assim, seguindo a programação, amanhã, dia 25, às 9h, será realizada a Missa de Natal na Catedral, presidida pelo arcebispo Dom Delson. E às 18h será celebrada a Santa Missa, no mesmo local, sob a coordenação do padre Allan Karlos.

Ano Novo

Para a celebração do Ano Novo, no dia 31, a Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves terá três opções de horários de missas. Às 6h, presidida pelo monsenhor Robson Bezerra; a Santa Missa, às 9h, celebrada pelo padre Allan Karlos e, às 18h, a Missa de Ação de Graças, que encerra o ano de 2023 e será conduzida pelo arcebispo Dom Manoel Delson.

Encerrando a Oitava do Natal, no dia 1º de janeiro, haverá duas missas, nos horários das 9h e 18h, que serão realizadas na Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves.

Ano Novo

Três missas vão ser realizadas no dia 31 de janeiro na Catedral: a primeira às 6h, em seguida haverá outra às 9h e a última ocorrerá às 18h

Foto: Marcos Russo



Primeira missa de hoje, na Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, começa às 6h



Foto: Marcos Russo

Dom Delson celebrará a missa solene às 18h, na Basílica



Foto: Ortilio Antônio

Culto da Primeira Igreja Batista será amanhã, às 19h30

Igreja Batista: culto reunirá cinco mil pessoas

O tradicional culto de Natal da Primeira Igreja Batista ocorrerá amanhã, 25, às 19h30. Como geralmente acontece, será montado um palco com estrutura para receber cinco mil fiéis, ao lado da igreja, na Rua Corálio Soares de Oliveira, ao lado do templo, Centro de João Pessoa.

“Será uma noite de louvor e festa. Teremos a encenação do nascimento de Jesus, realizado pelo grupo de teatro da igreja, apresenta-

ção de dois corais e do grupo de arte e dança composto por mais de 100 crianças do ballet clássico da igreja. Vamos celebrar ao ar livre o Natal de Jesus e também deixarei uma mensagem de Natal”, revelou o pastor Estevam Fernandes.

Vigésima edição

Ele destacou que essa será a vigésima edição do culto natalino, que virou tradição e já entrou no calendário da cidade. Ainda dentro das pro-

gramações de Natal, o pastor informou que hoje acontecerá um culto especial de Natal, às 10h30, no Espaço Gospel, localizado na

Avenida Ruy Carneiro, no Brisa-mar. O tema das festividades de Natal da Primeira Igreja Batista esse ano é “Seja Luz!”.

Espíritas Não Farão Solenidades

Conforme o presidente da Federação Espírita da Paraíba, José Raimundo, não há programação definida para cada centro. “Não há solenidades especiais. As reuniões em homenagens a Jesus ocorrem como havia na Casa do Caminho”, disse. Desse modo, caso coincida de já haver reunião nos centros, no dia e véspera de Natal, os religiosos deverão se reunir para fazer suas homenagens.

Arcebispo pede que fiéis sintam o amor de Deus

Em sua mensagem de Natal, o arcebispo da Paraíba, Dom Manoel Delson, desejou que as famílias possam celebrar o Natal como um encontro com Jesus Cristo, que nasceu para trazer luz e esperança para todos. Ele pediu ainda que os cristãos possam, nesse tempo, contemplar o nascimento do Menino Jesus e sentir a força do amor de Deus que vem ao encontro do ser humano.

“Gostaria, do fundo do meu coração, de compartilhar com todos vocês uma mensagem de amor e de esperança. Estamos celebrando os 800 anos do presépio criado por São Francisco de Assis, em 1.223, e foi uma iniciativa genial e feliz do santo de Assis que teve essa ideia para visualizar o nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo”.

Ele destaca que, recentemen-

te, o papa Francisco fez uma carta apostólica para falar do presépio, um “cenário de contemplação, de fé e oração”. Por fim, o arcebispo deseja que as famílias possam, nesse tempo de Natal, diante do presépio, contemplar o nascimento de Jesus Cristo e sentir a força do amor de Deus que vem ao encontro do ser humano.

“E que assim, em família, celebrando o Natal, possamos

nos encontrar com o Senhor, porque o verdadeiro Natal é encontro com o Senhor Jesus Cristo, que nasce no nosso mundo trazendo paz, alegria e esperança. Então, que esse Natal de 2023 seja pleno de graça, de bênção e de encontro real com Jesus Cristo. Que tenhamos dias de luz e de esperança sempre com o Senhor que nasce para nós”, são os votos do arcebispo Dom Delson.

NATAL E RELIGIÕES

Representatividade, tradição e fé

Na visão dos religiosos, as comemorações referentes ao nascimento de Jesus levam à reflexão sobre o amor de Deus

Julio Silva
julioviniciuss@gmail.com

O menino que nasceu em uma manjedoura e mudou, literalmente, o mundo - Jesus Cristo, veio habitar entre nós com a missão de ser o Salvador, o Messias. Mais de dois mil anos depois, este

fato continua a ser celebrado em milhares de rincões da Terra. Muito além do nascimento propriamente dito, o Natal é carregado de símbolos e significados universais, que remetem ao amor, à alegria, à fé e à esperança. Na visão dos religiosos, remete à re-

flexão sobre o amor de Deus, a família, a simplicidade e a união entre povos. A grande pergunta de quem tenta entender a magnitude e o significado do Natal é: se não há registros históricos precisos sobre o dia do nascimento de Jesus Cristo, por que o Natal é celebra-

do exatamente no dia 25 de dezembro? Historicamente, a origem do Natal remonta ao século 4. Nessa época, os pagãos romanos celebravam a chegada do inverno cultuando o Deus Sol e realizavam dias de festividade com o intuito de renovação. A partir

de então, com a consolidação do Cristianismo, a festividade foi oficializada como Natal do Senhor (Natale Domini), como forma de cristianizar estas festas pagãs. A data foi escolhida pelo papa Júlio I (337-352) e, mais tarde, tornada feriado pelo imperador Justiniano, no ano 529.



Nós, evangélicos, vemos o Natal com três significados distintos: o primeiro é a data histórica, o segundo é o tempo de reflexão, um convite para as pessoas refletirem sobre o amor de Deus. O terceiro é a queda dos ‘muros’ religiosos, a gente conseguir imaginar as religiões sem muros dividindo

Estevam Fernandes



Símbolo do local onde Cristo nasceu, o presépio é montado antes do Natal e desmontado no dia 6 de janeiro, data em que os Reis Magos adoraram o filho de Deus

Dia 25: tempo de pensar em união

Além do marco histórico do nascimento de Jesus, para o pastor Estevam Fernandes, da Primeira Igreja Batista, em João Pessoa, o Natal também significa uma oportunidade de repensar a vida espiritual e de união entre os cristãos. “Nós, evangélicos, vemos o Natal com três significados distintos: o primeiro é a data histórica, o segundo é o tempo de reflexão, um convite para as pessoas refletirem sobre o amor de Deus. O terceiro é a queda dos “muros” religiosos, a gente conseguir imaginar as religiões sem muros dividindo”, explicou o religioso. Para o Espiritismo, a data significa a simplicidade. “Jesus é o nosso modelo e guia. É o governador espiritual da Terra, escolhido por Deus, para governá-lo”, disse o presidente da Federação Espírita Paraibana (FEPB), José Raimundo de Lima. Segundo ele, as próprias vibrações do planeta, nesse período, melhoram, as pessoas são mais fraternas, mais humanas. “Tanto que acreditamos que Jesus se aproxima

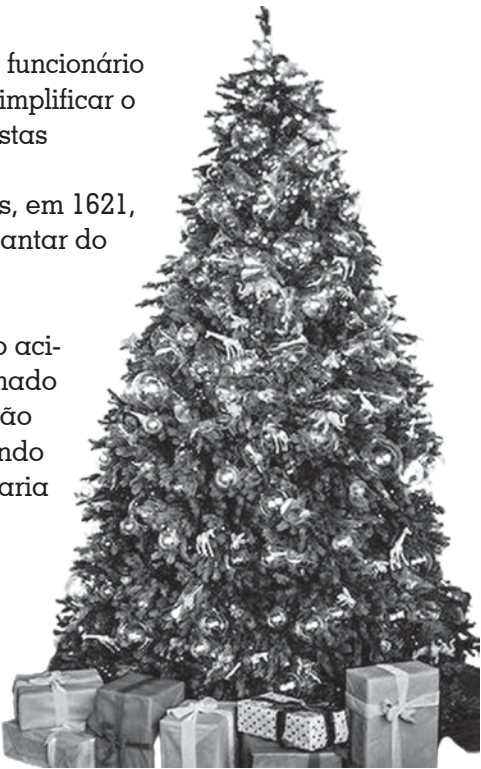
da Terra modificando o nosso psiquismo. Esse é o nosso Natal, reverenciar Jesus. Não há opulência, não há solenidade especial. A nossa mensagem significa uma oportunidade de repensar a vida espiritual e de união entre os cristãos. “Jesus se encarnou, vem para nós para nos redimir e nos salvar. Que as famílias possam, nesse tempo de Natal, contemplar o nascimento do Nosso Senhor Jesus Cristo, sentir a força do amor de Deus que vem ao encontro do ser humano. E que assim, em família, celebrando o Natal, possamos nos encontrar com o Senhor, porque o verdadeiro Natal é o encontro com Jesus Cristo.”, disse .

Presépio
A tradição de montar o

presépio natalino foi criada há exatos 800 anos, em 1223, por um dos santos mais conhecidos da Igreja Católica: São Francisco de Assis. Foi uma forma que ele encontrou para explicar ao povo como Jesus tinha vindo ao mundo. Além de recriar o local onde Jesus teria nascido, o presépio também faz referências ao Anjo Gabriel, que anunciou a Maria que ela seria mãe de Jesus, e aos três Reis Magos (Baltazar, Gaspar e Melchior), que foram à procura de Jesus para adorá-lo e presentear-lo com ouro, incenso e mirra - daí, vem a tradição de dar presentes no Natal. Esses três presentes também tinham sua simbologia: o ouro representava a realeza de Cristo, o Rei dos Judeus; o incenso remetia à divindade de Jesus Cristo, já que era um presente dado exclusivamente aos sacerdotes; e a mirra, um composto utilizado no embalsamamento, fazia referência à morte de Cristo e a sua ressurreição. “O presépio é um cenário de contemplação, de fé e de oração”, frisou Dom Delson.

Significado dos Símbolos do Natal

- Vela:** faz referência à luz que o nascimento de Cristo representa na vida da humanidade e simboliza a fé
- Sino:** nas igrejas, anuncia as horas ou marca o começo e o fim das celebrações; para o Natal, representa o anúncio do nascimento de Jesus
- Presépio:** representação do cenário em que Jesus nasceu; montado antes do Natal, tradicionalmente é desmontado no dia 6 de janeiro, data em que os Reis Magos localizaram o Menino Jesus
- Árvore de Natal:** antes usada para comemorar a chegada do inverno, a tradição foi adaptada por Martinho Lutero, no século 16. Única árvore que consegue suportar o rigoroso inverno europeu, o pinheiro foi escolhido para representar vida e esperança
- Bolas de Natal:** representam os frutos das árvores; no início, as árvores de Natal eram decoradas com frutas, mas, segundo a lenda, em um ano de escassez delas, um artesão decidiu substituí-las por bolas de vidro.
- Guirlanda:** inicialmente um símbolo pagão dos romanos, virou tradição pendurá-la nas portas das casas para representar um sinal de boas-vindas aos visitantes no período natalino
- Papai Noel:** faz referência a São Nicolau, um bispo turco que, segundo a lenda, jogava moedas de ouro nas chaminés das casas dos mais necessitados. Com o passar do tempo, a figura do santo foi adaptada ao que hoje conhecemos como o “Bom Velhinho”, que dá presentes para as crianças que se comportam bem durante o ano
- Cartões de Natal:** tradição iniciada por um funcionário público inglês, Sir Henry Cole, que queria simplificar o envio de mensagens com desejo de boas festas
- Peru:** tradição nascida nos Estados Unidos, em 1621, onde é tradição comer a carne da ave no jantar do Dia de Ação de Graças (Thanksgiving)
- Panetone:** diz a lenda que o pão foi criado acidentalmente por um padeiro italiano chamado Toni quando fazia um pão para o seu patrão na véspera de Natal. O errado acabou dando certo, pois o patrão gostou e batizou a iguaria de “pão de Toni”
- Presentes:** remetem aos presentes dados pelos Reis Magos a Jesus; esses presentes representavam a realeza (ouro), a divindade (incenso) e a humanidade de Jesus (mirra)



Árvore de Natal surgiu na Alemanha

Principalmente na Europa, a tradição de enfeitar árvores já existia para comemorar a chegada do inverno no Hemisfério Norte. A tradição de montá-la teria nascido na Alemanha, no século 16, com Martinho Lutero (1483-1546). Ele teria tido a ideia de en-

feitar uma árvore com luzes enquanto caminhava pela floresta na noite da véspera de Natal e viu pinheiros cheios de neve e o céu estrelado. Lutero, então, decidiu reproduzir a cena em casa, pegando um galho de pinheiro e o enfeitando com

velas, algodão e papéis coloridos. Assim nascia a tradição da árvore de Natal, que foi até motivo de divisão entre protestantes e católicos até o século 19 - a primeira árvore decorada e exposta em praça pública data de 1910, em Nova York.

CUIDADO

Como driblar a tristeza de fim de ano

Chamada de “dezembrite”, o misto de desânimo e estresse acomete muitas pessoas durante os festejos dessa época

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

“Então é Natal, e o que você fez?”, a tradicional canção de fim de ano pode parecer inofensiva, mas, para muita gente, essa simples frase pode trazer gatilhos de um ano que não foi tão produtivo assim. Desânimo, estresse e ansiedade tomam o lugar da esperança, paz e amor, normalmente conhecidos com a chegada de dezembro, para aqueles que sofrem com a chamada “síndrome do fim de ano”.

De acordo com a psicóloga Aléxia Pereira, não é recomendado que as pessoas façam um autodiagnóstico nesse período, devendo procurar sempre um profissional de saúde para entender os sintomas do que também pode ser chamado de “Dezembrite”. “Mesmo que a gente apresente contextos, ideias práticas para as pessoas tentarem elaborar esse sentimento, a melhor forma de você compreender esses fatores é buscando ajuda profissional”, afirmou.

No entanto, a especialista afirmou que os sintomas não aparecem como um passe de mágica, junto com as luzes de Natal, mas são um acumulado de coisas que aconteceram ao longo do ano. Metas não cumpridas, exaustão devido à carga horária excessiva de trabalho e outras questões pessoais podem acarretar o problema. “Os fatores não existem de forma isolada, mas há aspectos específicos que, muitas vezes, a gente não tem acesso”.



Foto: Freepik

Segundo a psicóloga Aléxia Pereira, na maioria dos casos, há histórico de outras doenças relacionadas à saúde mental

Segundo Aléxia, na maioria dos casos de pessoas que apresentam essa síndrome, há histórico de outras doenças relacionadas à saúde mental, a exemplo da depressão e ansiedade. “De acordo com alguns estudos, esses sintomas se vinculam às pessoas que já apresentam algum tipo de transtorno emocional. Já lidam com alguma demanda emocional muito forte”.

É o caso da professora e

servidora pública, Ellen Santos, de 24 anos. Ela conta que normalmente sofre com ansiedade, mas que quando chega o fim do ano, esses sentimentos são intensificados por diversos motivos. Além de ensinar inglês, ela ainda estuda uma pós-graduação e, o período que deveria ser de descanso, acaba sendo desgastante mentalmente.

De acordo com ela, o principal motivo dos sintomas

são as metas não cumpridas. Olhar para trás e ver que as promessas de comer mais legumes, praticar exercícios e socializar com seus amigos e familiares não foram cumpridas, causa frustração em Ellen, ao ponto dela desistir de realizar esse tipo de lista.

“As metas e resoluções não cumpridas me deixam triste. Normalmente, vejo que não consegui realizar nem 5% do que eu tinha decidido fazer.

Em 2020, eu até tinha feito um plano, comecei conseguindo e realizando as metas, separei em etapas fáceis de atingir e que funcionou por bastante tempo, mas, desde a pandemia, esses planos acabaram arruinados e eu não consegui ter esse costume e motivação desde então. Se eu faço metas no início do ano, em fevereiro eu já desisti da maioria”.

As muitas confraternizações nesse período também

afetam a saúde mental de Ellen, que por ser introvertida, precisa de um esforço maior para conseguir atender às demandas sociais. “Eu sou uma pessoa introvertida e quando começam várias confraternizações, é cansativo mentalmente e fisicamente ter que comparecer. Apesar de eu gostar, se torna cansativo pra mim e causa ansiedade porque eu não quero deixar as pessoas mal dizendo não”.



Foto: Arquivo Pessoal

Sou uma pessoa introvertida, e quando começam as confraternizações, é cansativo mentalmente e fisicamente para mim ter que comparecer

Ellen Santos

Estudos apontam que as mulheres são as mais afetadas

A psicóloga Aléxia Pereira ressaltou que é importante entender que aqueles acometidos pela “síndrome de fim de ano” ou “dezembrite”, não devem confundir seus sintomas com alguma doença mental. “Ter esses sintomas não quer dizer que todo mundo tem algum tipo de transtorno porque, para isso, essas sensações precisam perdurar para além do período de fim de ano”.

Além disso, estudos apontam que as mais afetadas são as mulheres. Na avaliação da psicóloga, isso acontece porque o grupo é atingido por demandas e encargos mais pesados, além de pressões sociais maiores, em relação aos homens. “É natural que elas se sintam dessa forma, devido à grande quantidade de funcionalidades ao longo do ano que englobam a realidade feminina”.

Cuidados

Apesar de ser um período de festa, onde normalmente o consumo de álcool costuma ser maior, a psicóloga alerta para os perigos da bebida alcoólica. Ela afirma que devido ao sentimento de melancolia que afeta alguns grupos nessa época do ano, esse consumo pode crescer devido à sensação de entorpecimento que provoca.



Foto: Arquivo Pessoal

Os fatores não existem de forma isolada, mas há aspectos específicos que, muitas vezes, a gente não tem acesso

Aléxia Pereira



Foto: Freepik

Desânimo e cansaço são alguns dos sintomas comuns

“Isso acontece justamente pela ideia de fugir um pouco dessa realidade ou ignorar essas sensações de estresse, ansiedade, insônia. Então, nesse período do ano pode se aumentar o uso dessas substâncias e isso traz um risco à saúde mental, em específico, porque a gente sabe como o uso do álcool

colabora para a complicação não só de questões da saúde mental como também na saúde fisiológica como um todo”.

Prevenção

A atividade física é uma aliada da saúde mental, mas justamente nesse período do ano as pessoas costumam

deixar esse hábito de lado, devido ao número de confraternizações. Segundo Aléxia Pereira, manter essa rotina de exercícios pode ajudar a diminuir os sintomas.

“É preciso manter uma rotina de exercícios mesmo com as confraternizações e os grandes eventos. A atividade física apresen-

ta um suporte determinante no tratamento de qualquer desconforto no aspecto da saúde mental”, alertou.

Saber os seus limites também é determinante para manter a mente saudável nesse período. “Não precisa aceitar todos os convites de todas as pessoas acerca de todos os eventos que vão se

apresentar neste mês. Então, se eu achar que está sendo demais, se eu achar que esse grupo, especificamente, não é um grupo que eu me relaciono tanto, então, eu posso dizer não para esses convites e estar presente apenas para as relações que fazem parte ou que são significativas na minha vida”.

Como Buscar Ajuda?

De acordo com o Centro de Valorização da Vida (CVV), o número de ligações aumenta em cerca de 20% em dezembro. Segundo a associação, os motivos estão ligados à “dezembrite”, que causa esse fenômeno:

- Sensação de que nenhuma das promessas e planos feitos no final do ano anterior foram colocados em prática;
- a percepção de que todos à volta estão felizes e rodeados de amigos enquanto a pessoa passa por momentos difíceis;
- ou a lembrança de pessoas queridas que já não estão por perto.

O CVV é uma organização sem fins lucrativos que há mais de 50 anos oferece apoio emocional e prevenção do suicídio gratuitamente, exclusivamente, por meio de voluntários devidamente selecionados e preparados.

Contato: 188, sem custo de ligação
E-mail: joaopessoa@cvv.org.br
Endereço: Avenida Rui Barbosa, s./n., Torre, João Pessoa

DESENVOLVIMENTO

Vocações e potenciais de Boa Vista

Município localizado no Cariri paraibano tem se destacado nas áreas do turismo, cultura e exploração mineral

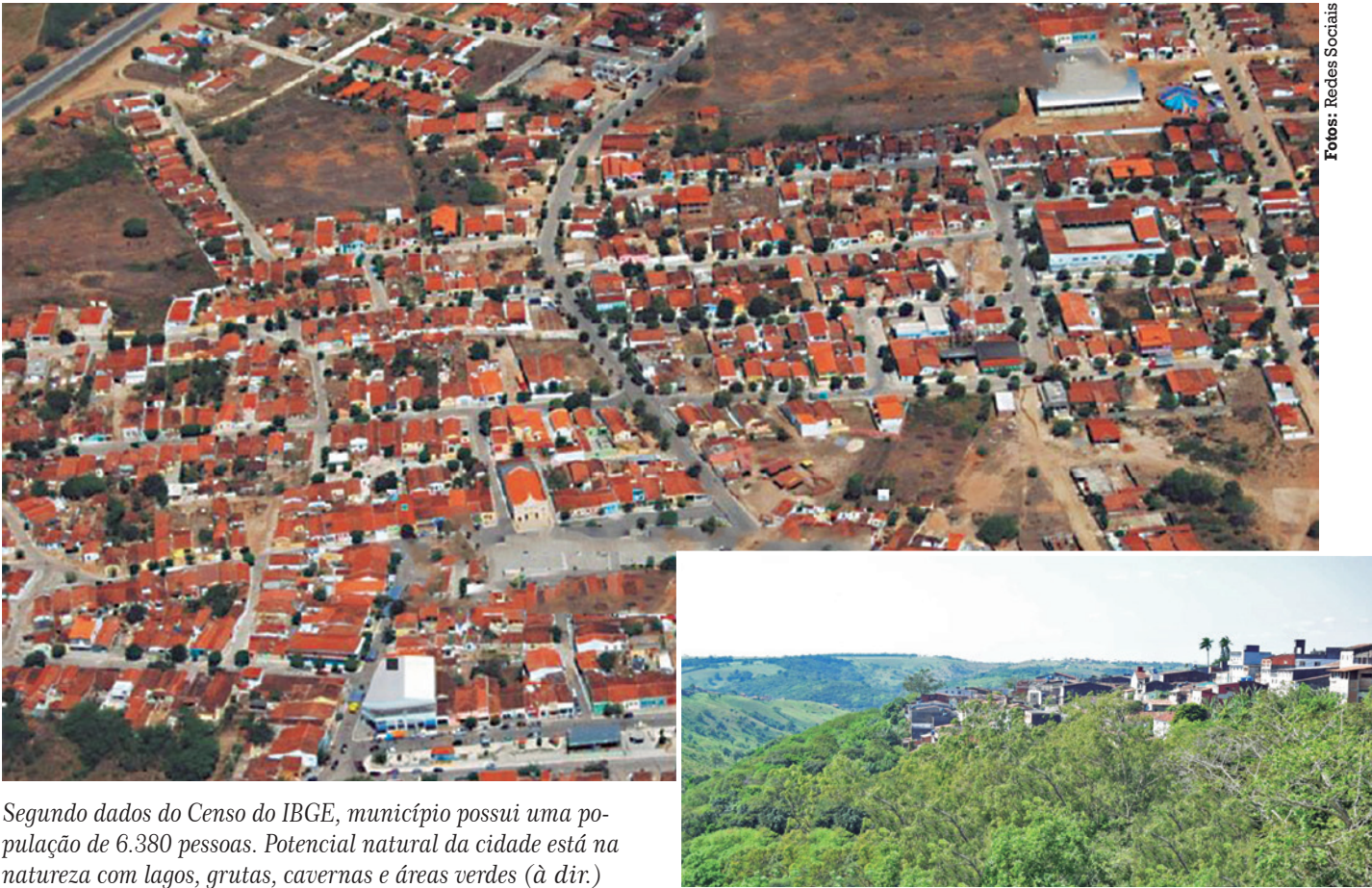
Fernanda Dantas
Especial para A União

Boa Vista é um município situado no Cariri paraibano, distante cerca de 170km da capital, João Pessoa. Uma cidade pequena, com cerca de 6.380 pessoas, segundo o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mas com um expressivo número de atrativos e potencial de crescimento. A cidade se destaca economicamente no ramo da extração mineral e do artesanato, além de contar com outros aspectos turísticos e culturais, que a transformam em um excelente lugar para se visitar no interior da Paraíba.

Historicamente, de acordo com o site oficial da Prefeitura de Boa Vista, as primeiras povoações começaram no final do século 17, quando o capitão Teodósio de Oliveira Lêdo fundou o Sítio Santa Rosa, localizado às margens do rio de mesmo nome, a cerca de 39km ao poente da cidade de Campina Grande e a 3km ao norte do território atual do município.

Antônio Gomes de Farias, o patriarca de uma das primeiras residências construídas, conhecida como “Casa Grande”, foi o idealizador da construção da primeira capela do lugar, doando um terreno vizinho. O local levou o nome de Boa Vista de Santa Rosa por causa da visão panorâmica que oferecia aos moradores de Casa Grande. Com a finalização das obras em 1838, o templo favoreceu a formação da Vila de Boa Vista, principalmente, quando passou-se a realizar os festejos comemorativos ao padroeiro Bom Jesus dos Martírios, que tornaram-se tradicionais e realizados até os dias de hoje.

Quase cinco décadas depois, com um crescimento urbano considerável, o povoado conseguiu o título de distrito pertencente a Campina Grande, em 1887. Apesar do fato, existem documentações oficiais no intervalo entre 1918 e 1948, constando o distrito com a nomenclatura de “Lêdo” e pertencendo ao município de Cabaceiras. Com o passar dos anos, o



Segundo dados do Censo do IBGE, município possui uma população de 6.380 pessoas. Potencial natural da cidade está na natureza com lagos, grutas, cavernas e áreas verdes (à dir.)

distrito ia crescendo cada vez mais e os cidadãos boavistenses, cientes da importância de sua emancipação política, iniciaram os esforços para conquistá-la durante toda a metade do século 20. O marco foi

decretado em 29 de abril de 1994, e em 1º de janeiro de 1997, o primeiro prefeito constitucional pôde ser empossado. A agricultura de subsistência e a pecuária leiteira foram duas das primeiras atividades

econômicas de Boa Vista e estão presentes em sua cultura econômica até os dias atuais. **Mineração** Foi a partir da década de 1980 que os incentivos foram

direcionados para a extração do mineral bentonita, quando empresas de mineração se instalaram na cidade de Boa Vista, a fim de explorar as abundantes jazidas minerais disponíveis no terreno.

Artesanato gera renda e conquista reconhecimento no Prêmio Sebrae

Um dos grandes marcos culturais presentes em Boa Vista é o grupo de mulheres que compõem a cooperativa artesanal “As Cabritas de Boa Vista”, que surgiu em fevereiro de 2004 com objetivo de promover a geração de emprego e renda, através do artesanato feito pelas próprias boavistenses. Segundo o portal da cidade, tanto o nome quanto o logotipo da cidade foram escolhidos como forma de homenagem o animal caprino, que possui grande representação na região do Cariri paraibano.

De acordo com a sócia-fundadora Conceição Emiliano, a iniciativa surgiu por intermédio de uma *designer* pessoense, que, ao visitar o município, juntou uma equipe feminina para tentar desenvolver o artesanato. “Atualmente, somos cinco mulheres, tentamos desenvolver o artesanato com a chita e deu certo”, explicou a artesã.

Os principais produtos incluem, principalmente, itens para decoração de casa, como jogo americano, *sousplat*, passadeiras de mesa e porta-guardanapos. Itens como bolsas, sandálias e almofadas também são comercializados por elas. Todos eles são fabricados com a aplicação de detalhes bordados, além da chita, principal matéria-prima.

A cooperativa possui uma sede na cidade, mas as “Cabritas” também vendem as peças de arte na capital paraibana no mês de janeiro, no Salão do Artesanato Paraibano. No mês do São João, é a vez de Campina Grande receber os caprichosos artesana-



Artesanato com bolsas traz a estética do Cariri



Produção artesanal gera trabalho e renda para mulheres

tos para exposição. As artesãs também recebem pedidos por encomendas e já tiveram clientes de outras regiões do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Distrito Federal. Conceição também falou sobre o sentimento de fazer

parte do projeto: “É uma experiência única, sou artesã desde meus nove anos de idade e, atualmente, o artesanato é minha maior fonte de renda. É muito gratificante, nós já recebemos o Prêmio Sebrae Top 100 de Artesanato Brasileiro”, contou.

Manifestações culturais e atrativos turísticos são diferenciais locais

A cidade conta com outros atrativos para locais e visitantes, como os diversos eventos realizados no decorrer do ano. Começando em abril, a primeira festividade celebra o dia da emancipação política da cidade, onde acontece um encontro de bandas filarmônicas vindas de vários lugares da Paraíba. Na edição deste ano, Boa Vista recebeu bandas de outros sete municípios. Em junho, a Prefeitura Municipal promove o Concurso de Quadrilhas Juninas, e também trabalha a atividade por meio da arte-

terapia com crianças e adolescentes. Além disso, o trabalho também acontece com idosos, incentivando a mobilidade na terceira idade. Em agosto, o evento da vez é a Expofeira de Caprinos e Ovinos, com atividades como corrida de jegue e concurso de cabra leiteira. No final de novembro, acontece a tradicional Festa do Padroeiro Bom Jesus dos Martírios, que preserva mais de 140 anos de tradição. Dentre os acontecimentos da festa podem ser citados a Procissão dos Motoristas, a Missa do Vaqueiro, a disputa

para escolha da Rainha da Festa e apresentações culturais no pavilhão durante os dias de festa. **Atrativos turísticos** Quando se fala de atrativos turísticos, Boa Vista também foi agraciada com paisagens naturais disponíveis para visitação. Localizado na zona rural, o Sítio Bravo dispõe de atrativos como lagoas, cavernas e grutas. Nas paredes rochosas, pode-se visualizar também a presença de escrituras rupestres, com registros possivelmente feitos há milhares de anos.



Encontro de bandas filarmônicas marca os festejos da emancipação política da cidade

Reservas de mineral impulsionaram a exploração industrial no local

Os aglomerados provenientes da bentonita sódica e cálcica natural são altamente valorizados na fundição industrial, e empregados no processo de moldagem de peças de ferro fundido, aço e ligas não ferrosas.

Tais produtos também desempenham papéis essenciais em diversas áreas, como fluidos de perfuração de poços de petróleo, beneficiamento de minérios, indústria de tintas, produção de ração animal, cerâmicas, construção civil e na formulação de saponáceos.

As empresas envolvidas na exploração da bentonita desempenham um papel significativo no desenvolvimento local, contribuindo diretamente para a criação de empregos e o aumento da renda no município.

‘AOS VIVOS’

Do compacto ao vinil de uma obra antológica

Em entrevista exclusiva ao Jornal *A União*, Chico César relembra os perrengues e frustrações de não ter lançado originalmente o seu disco de estreia em LP, o que acontece agora

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Um dos maiores álbuns da discografia nacional e responsável por colocar Chico César entre os grandes nomes da música brasileira foi moldado por suas várias limitações financeiras. Sem dinheiro para bancar um estúdio para fazer as coberturas de um disco, surgiu *Aos Vivos*, que precisou ser adaptado ao estilo voz e violão e gravado por equipamentos posicionados em uma Kombi que ficava estacionada na frente da pequena sala da Funarte, em São Paulo. O que resultou de tantas contingências foi um disco que misturou as origens do município de Catolê do Rocha e da cena alternativa paraibana à efervescência da vanguarda paulista da década de 1990. Quase 30 anos depois, a gravação original do disco antológico chega à sua versão em vinil, um sonho que Chico César vê realizar só agora.

“Quando a gravadora Velas, de Vito Martins e Ivan Lins, quisera lançar o disco só em CD, eu confesso que fiquei um pouco frustrado. Eles falaram: ‘Rapaz, a sua música é moderna, o seu público é moderno e jovem. É um público

que escuta CD, esse negócio de vinil está acabando, é mais para os artistas mais velhos”, relembra Chico César, em entrevista exclusiva para o Jornal *A União*. Em 1995, quando o disco foi lançado, o formato do vinil estava, de fato, em declínio, mas Chico César tinha uma relação afetiva com o LP. É que ele havia trabalhado dos oito aos 15 anos de idade vendendo vinis na Loja Lunik, em Catolê do Rocha. “Eles estavam certos, mas eu fiquei frustrado mesmo assim”.

Chico César não teve seu desejo de vinil atendido naquele momento, mas, quando ainda era gestor da Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), recebeu da gravadora Biscoito Fino o convite para regravar *Aos Vivos*. Ele colocou como condição que fosse feito também um vinil da nova gravação, o que acabou sendo realizado. O que a Rocinante/Três Selos traz agora é uma reedição que conta com LP *fumê* 180g, capa empastada e envelope impresso com fotos, letras e texto do jornalista e escritor Bento Araújo. O lado “A” começa com ‘Béradêro’ e vai até a ‘A Prosa Impúrpura do Caicó’, e o “B” segue de ‘Saharienne’ a ‘Dança’. Passando por ‘Mama África’, tudo virou clássico ou *hit* de sucesso.

“Tenho um fetiche por esse objeto vinil. É uma escuta diferente, uma escuta mais descansada que possibilita uma leitura, abrir o encarte, ver as fotografias maiores, ler a ficha técnica, ler as letras. Tenho uma certa vaidade das letras, porque eu adorava ler as letras do Fernando

Brant nos discos do Milton Nascimento, as letras nos discos das pessoas que eu gosto, do Luiz Melodia, do Macalé”, conta Chico César. Com *Aos Vivos*, ele posicionou seu álbum de estreia em uma estética muito influenciada pelo Jaguaribe Carne e suas parcerias com Paulo Ró e Pedro Osmar, que se estabelecia em um período pós-tropicalista e pré-mangue *beat*, com *grooves* e *bits*.

Justamente por ele ter esse formato mais básico de voz e violão, ouvir o álbum no vinil não é uma experiência que soe datada nem tenha envelhecido no tempo. “É curioso isso, nem tenho essa vaidade, porque ele é um disco precário por falta de dinheiro. Tive de adaptar tudo pro meu violão, em quatro semanas, talvez seis semanas. O fato é que nós temos uma tradição de voz e violão no Brasil, do violão brasileiro, que é muito forte, que vem de Baden, João Pernambuco, Gil, Garoto, João Bosco, Djavan, e o próprio Lenine, já mais da minha geração”, cita o paraibano, incluindo ainda a influência do disco *Transa*, de Caetano Veloso. “Vejo esse disco bem atual, e agora que ele saiu em vinil, me sinto muito feliz de não ter tido dinheiro naquele momento para bancar um disco de estúdio”.

‘Geleia Geral 90’

Aos Vivos serviu ainda para dar espaço a uma série de outros artistas da música que acompanhavam Chico César naquele momento, que morava há quase uma década em São Paulo, dividindo apartamento com Zeca Baleiro. Lenine, que participa nas faixas ‘Nato’ e ‘Dança’, topou sair de ônibus do Rio para ficar hospedado no mesmo apartamento, dormindo em um sofá de dois lugares. O álbum conta também com a guitarra de Lanny Gordin em duas músicas.

O disco tem ainda parcerias com Itamar Assumpção, ícone da vanguarda paulistana, em ‘Dúvida Cruel’; e parceria com Tata Fernandes – com quem Chico namorava na época – e Milton de Biais, em ‘Templo’. Quem produz *Aos Vivos* é André Abujamra, autor de ‘Alma não

t e m
cor’. Esse

era um movimento que Chico César chamava de ver-

dadeira ‘Geleia Geral’ naquela época. “*Aos Vivos* acabou dando visibilidade não apenas a mim, mas a uma geração de ‘cantautores’. Lenine já tinha lançado com Lula Queiroga *Olho de Peixe*, mas acho que *Aos Vivos* acabou chamando a atenção para nossa geração”, considera Chico César.

Ali, ele mostrava através do aboio com qual abriu o disco o caminho da vanguarda mergulhando na tradição da cultura popular e na sua história pessoal, com seu jeito próprio de escrever aos 30 anos. “Eu me sentia seguro com a minha escrita. Gostava de escrever essas coisas – ‘arcaico em meu peito catolaico’ – essa coisa de uma poesia que é gongórica, que tem uma sonoridade dentro dela, de inventar palavras. Ou ‘Amar dzaia soiê, dzaia dzaia, aí hinga dunrã’, refrão de ‘À primeira vista’, música de muito sucesso”. Foram essas composições que fizeram de Chico o preferido de intérpretes como Maria Bethânia, Zizi Possi, Daniela Mercury e Elba Ramalho, entre outras.

Depois de ficar mixando o álbum durante a Copa do Mundo de 1994 com Egídio Conde, dono do estúdio-Kombi e que Chico César considera o responsável pela existência de *Aos Vivos*, eles não podiam imaginar o sucesso que alcançariam. Depois que acabaram esse processo, precisaram ficar procurando uma gravadora que quisesse lançar o trabalho, algo que só aconteceria quase um ano depois. “A vida é sábia de colocar alguns limites em alguns momentos. Você tem as suas convicções, tem os seus desejos e a vida diz: ‘Agora não, agora não. Seu primeiro disco não vai ser de estúdio, você não tem dinheiro para isso, depois o seu primeiro disco não vai sair em vinil, vai sair em CD, e depois as coisas dão uma volta’. Acho bonito isso”, finaliza Chico César.

LEIA MAIS NA PÁGINA 12



Através do QR Code acima, acesse o site da Rocinante para adquirir o vinil



Na época, gravadora queria lançar apenas em CD e o artista paraibano queria também em LP: “Eles estavam certos, mas eu fiquei frustrado mesmo assim”

Foto: Di Branco - Ato Press Estúdio Conteúdo

Imagem: Rocinante/Três Selos/Divulgação



Às vésperas de completar 30 anos, o primeiro disco de Chico César ganha a sua versão em vinil; o trabalho misturou as origens do município de Catolê do Rocha e da cena alternativa paraibana à efervescência da vanguarda paulista da década de 1990

Artigo

Temos muitas vezes a ilusão de que grandes artistas como Mozart sempre foram unanimidade. Em certa medida, isso tem a ver com uma visão estreita da história e a ideia equivocada de que obras artísticas possuiriam valor universal ou que seus criadores são dotados de um dom divino. Antes de tudo é preciso levar em consideração o contexto social no qual o artista está inserido, como produz, quem o financia e quem consome seus trabalhos.

Mozart experimentou o fracasso, isto é, a frustração de não ter recebido o devido reconhecimento na corte de Viena. Norbert Elias, sociólogo alemão, que escreveu um excelente livro sobre o músico, acreditava que a doença que o levou à morte foi agravada pelo sentimento de que a vida tinha perdido totalmente o sentido. As duas coisas que mais desejava, diz Elias, era ser verdadeiramente amado por uma mulher e pelo público. O que teve o gostinho de viver, mas de forma passageira, provocando um imenso vazio.

Além dessas questões, Mozart sofria de graves problemas financeiros. As dívidas o atormentavam. Quan-

Mozart e Elias

do a corte de Viena lhe virou as costas, o mundo começou a desmoronar. Naquele contexto, os músicos dependiam diretamente do financiamento de um mecenas. Não havia meios para gravar suas músicas, um mercado fonográfico, e os lugares para apresentação se resumia aos palácios. Cair em malogro com a aristocracia significava a morte.

Os escritores, por outro lado, gozavam de uma situação mais favorável devido à possibilidade de impressão de livros e do fato dos estratos burgueses consumirem um determinado tipo de literatura.

Elias fala que a autoestima de Mozart sofreu um abalo quando foi escanteado. Isso colocou em questão a sua autoimagem como músico, a crença no próprio talento, deixando-o triste e solitário. Na medida em que definhava a figura pública do artista, diminuía admiração que Constanze, sua esposa, tinha por ele. Uma situação que não soube lidar.

Mozart viveu num mundo de intensa luta de classe entre a nobreza e a burguesia. A sua origem burguesa trouxe algumas dificuldades. Os padrões de gosto, a boa arte, eram de-

terminados pela nobreza. Todo artista que almejasse o sucesso precisa cair na graça da aristocracia. Os músicos eram vistos como empregados indispensáveis na corte, assim como os cozinheiros e os criados. Eles animavam as festas no palácio.

Elias observa como nossa trajetória individual é influenciada pelas circunstâncias sociais que estamos inseridos. Por maior que fosse o talento artístico de Mozart, o seu destino dependia de fatores externos. Ele não conseguiu vencê-los como a maioria de nós não consegue.

A estrutura de poder da nobreza estava muito bem estabelecida. O seu declínio acontecerá gradativamente com a ascensão da burguesia e a criação da sociedade capitalista, não será obra de um indivíduo. Mas um processo histórico de grande envergadura. Tal contexto reforça a ideia de que a liberdade plena só existe na imaginação, enquanto uma abstração mental. A vida em sociedade impõe limites as nossas ações, molda nossos sentimentos e maneiras de ver o mundo. Por mais genial que seja o indivíduo ele estará preso a essas teias.

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

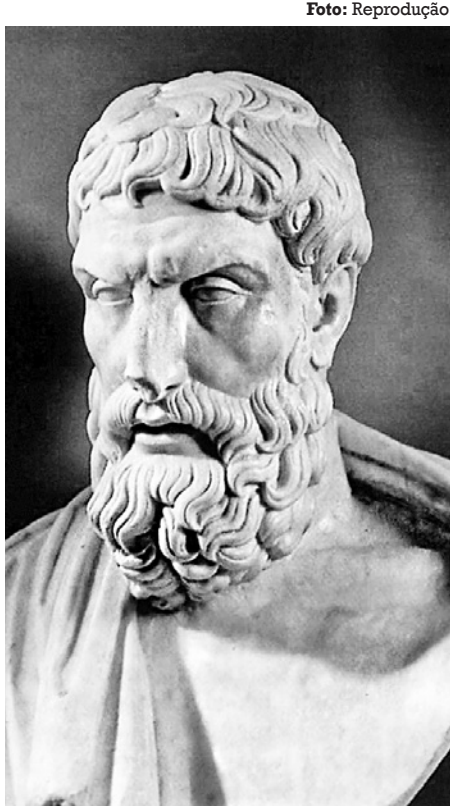
Estética e Existência

Prazer da prudência

Epicuro (341 a.C.-270 a.C.) foi um filósofo grego, nasceu em Samos. Em sua escola filosófica o Jardim, o pensador defendia a tese de que a ação humana se comporta de maneira não previsível. Ele articulou sua ética numa doutrina de vida que deve pautar-se pela busca de prazeres naturais. Por causa disso, ele ensinava o hedonismo que torna a vida mais prazerosa, também sistematizou o conceito de prazer sendo o bem supremo, que é a felicidade. Esse hedonismo está na mitologia grega. Surgiu do grego Hedonê, que é uma guia e deusa. Filha de Eros e Psiquê, Hedonê é a representação encarnada de uma vida com intenso prazer.

No epicurismo, o prazer é dependente da satisfação de um desejo ou de uma necessidade. É um gozo agradável aos sentidos. Epicuro ensina a dominar os desejos e refreá-los. Ele distingue dois tipos de desejos: os naturais, que são saudáveis e moderados; os inúteis, tais como a luxúria, a imoralidade e outros. A felicidade consiste num controle moderado dos impulsos do corpo e da intencionalidade, também se expressa na vida intelectual e artística. Na filosofia epicurista, a prudência é o princípio de todos os preceitos éticos e o mais alto bem. Ela é a fonte de todas as outras virtudes, ensinando que é impossível viver de forma prazerosa, sem viver prudentemente. Essa é a vida feliz e não qualquer tipo de vida indisciplinada nos prazeres sem limites.

Deve-se ler a *Carta a Meneceu* sobre a felicidade para compreender a ética epicurista. A busca pela felicidade é o tema central dessa obra, e os caminhos para se chegar a ela são dois: a saúde do corpo e a serenidade do espírito. São preceitos que valorizam os prazeres naturais e os essenciais à vida como fundamentais ao bem-estar. O controle sobre o desejo também é visto como o mais importante meio para vivenciar a felicidade e que o homem sábio consegue ser feliz só com o que é estritamente necessário. O livro inicia valorizando o exercício da filosofia, a fim de tornar feliz todo homem que a pratica. Após essa introdução, Epicuro transmite ao discípulo os tópicos que considera essenciais para essa busca permanente da felicidade. Fala sobre deuses, morte, vida e outros temas da exis-



Filósofo grego Epicuro (341 a.C.-270 a.C.)

tência humana. Na sequência, analisa as várias modalidades de desejo, acompanhadas da necessidade de controlá-lo com prudência, tendo em vista tanto a saúde do corpo quanto a tranquilidade do espírito. Para o filósofo, esse é o seu conceito de prazer. Ao final afirma que o homem sábio jamais deve acreditar cegamente no destino e na sorte ou fortuna como se estes fossem fatalidades inexoráveis e sem esperança. Ele defende a prática correta desses ensinamentos sendo capaz de levá-lo ao supremo bem, ou seja, à mais completa felicidade. Alguns trechos do seu livro sobre a felicidade, Epicuro afirma:

■ “Que ninguém se demore a buscar a sabedoria quando for jovem, nem se canse na busca dela quando envelhecer. Pois nenhuma idade é muito cedo ou muito tarde para a saúde da alma.”

■ “Devemos lembrar que o futuro não é totalmente nosso nem totalmente impedido a nós, de modo que não devemos contar tão certamente com ele, nem nos desesperar tanto temendo que não venha.”

■ “Não se trata de uma sucessão ininterrupta de bebedeiras e folias, nem de ato sexual, nem de prazeres de mesa requintada, que produzem uma vida agradável; é raciocínio sóbrio, buscando os fundamentos de toda escolha e abstenção, e banindo aquelas

crenças pelas quais as maiores perturbações tomam posse da alma.”

■ “Habituar-se às coisas simples, a um modo de vida não luxuoso, portanto, não é só conveniente para a saúde, como ainda proporciona ao homem os meios para enfrentar corajosamente as adversidades da vida: nos períodos em que conseguimos levar uma existência rica, predispõe o nosso ânimo para melhor aproveitá-la, e nos prepara para enfrentar sem termos as vicissitudes da sorte.”

Na carta citada, há dois tipos de desejos analisados por Epicuro, são os naturais e os inúteis. Os naturais são os necessários e o simplesmente natural. Os necessários são para a felicidade (*eudaimonia*), para a tranquilidade do corpo (proteção) e para a vida (nutrição; sono). O simplesmente natural são os relacionados às variações de prazeres e a busca do agradável. Os desejos inúteis são os artificiais e os irrealizáveis. Os artificiais, por exemplo, a riqueza e a glória. Os irrealizáveis, entre eles, a imortalidade.

O prazer de que fala Epicuro é entendido como quietude da mente e o domínio sobre as emoções e, portanto, sobre si mesmo. É o prazer da justa medida e não dos excessos. É a própria natureza humana que informa a todos que o prazer é um bem. Este, no entanto, satisfaz uma necessidade, por exemplo, a sexual ou de eliminar uma dor física ou mental. A ética epicurista conduz o ser humano a uma vida simples. O mais alto prazer está em preservar a saúde do corpo e da mente. É por essa razão que se pode afirmar que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. O filósofo aponta a amizade entre os prazeres vitais, porque são os amigos que ajudam avivenciar a felicidade como a máxima qualidade de vida. Os principais ensinamentos éticos de Epicuro são: “Não temas os deuses”; “Não temas a morte”; “O bem pode ser alcançado”; “O mal pode ser suportado”.

Sinta-se convidado à audição do 451º Domingo Sinfônico, deste dia 24, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei os ‘Concertos de Brandenburgo’, do compositor alemão Johann Sebastian Bach (1685-1750).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Vai ficar tudo bem

Tá tudo bem. É melhor dizer assim. Ouvi essa frase a vida inteira. É a frase mais repetida entre os personagens da série *Nem Tão Perfeitos Assim*, criada por Anthony van Biervliet, uma trama repleta de escândalos. A produção explora as complexidades das vidas dos jovens ricos e seus pais com relações conturbadas e segredos escondidos. Nenhuma novidade. Nada termina bem. É *punk*.

A cada tempo, a cada noite de Natal (não gosto muito dessas noites) não lembram nada, apenas o bolo da batata que eu esperava o ano inteiro para comer no mercado público, lá no Sertão de mim. O prazer era a sensação de que tudo ia ficar bem, mas só naquela noite.

Perdura a inicial incerteza de que tudo ficará bem, talvez, no ano que vem, mas não me lembro de associar essa frase aos meus ouvidos de criança. Acho que o “tudo passa” e “a vida é breve” tenham mais significados.

À deriva não era, nem nunca foi o caminho, porque sabemos que o mapa incerto dos ventos, onde o demo fez a curva, nada tem a ver com o mar que não está para peixe. Nada de milagre, viu?

Por isso desalinhamos os dias e agonias para que eles não se repitam até estar tudo bem, mas é preciso respirar, para sairmos do “navegar é preciso, viver não é preciso”.

À luz de astros, a mulher de vestido azul, que rezava em meu filho, quando ele era pequeno e aparecia um mal olhado, aqui próximo da barreira do Cabo Branco, ela sempre dizia “vai ficar tudo bem” e, na verdade, devemos atrair boas energias, trocar ou tocar a flor da pele, entre medos e anseios e procurar ficar bem, para que fique bem mesmo.

Tirando essas coisas todas, não há mais nada do que eu posso pensar que não vai estar tudo bem. Vai sim. Há alguma coisa no Brasil, que me alegra – as pessoas que fazem acontecer, embora muitas tirem proveito das doações natalinas e gostem de ver tragédias.

Há poucos dias, o empresário Roberto Santiago reuniu os bacanas ricos para ajudar ao Hospital Padre Zé. Pensei: por que não constroem outro hospital melhor, para atender os pobres? *Tá Ok*, valeu, mas assim a fila não anda.

Vi um exemplar traduzido no Brasil do *Os Últimos Dias da Humanidade*, publicado em 1915, de Karl Kraus, mas muito a parcelar, e, entretanto, não me agradou e não me agrada em nada.

É exatamente essa situação de ver alguém que veio por encomenda que não sabia nada do bem estar, mas vive num estado de inocência em relação a muitas complexidades que aparecem e que, se não forem detectadas, não sai dali uma coisa determinada a melhor. A humanidade só cresce e desaparece. Vai ficar tudo bem? A gente continua a fechar as portas depois que o ladrão vai embora. Mas quem é o ladrão? Ou os ladrões? São muitos. Eu li que não honra entre os ladrões.

Enquanto os escândalos continuarem e virão muitos em 2024, não podemos pensar que vai ficar tudo bem. Otimista é uma onda que não pode ficar focada em autoajuda. O barco afundou faz tempo.

Ainda vejo aquela mala cheia de dinheiro que Gerddel Vieira deixou escapar. Daqui a pouco, o Gerddel vai ocupar seu novo palanque no poder.

Na onda das garapas, encontrar gente bacana tá difícil, de morrer por um provérbio e uma expressão besta, é outra coisa. Dia sim, dia não, todo mundo é constante. Até domingo.

Kapetadas

1 - Às vezes acho que vou ficar louco, mas aí as vozes na minha cabeça me dizem que tudo vai ficar bem. *Still trying to get some worlds out*;

2 - Aposentados mal pagos, cansados e suarentos em roupas natalinas nas portas do comércio. Como a criança da pode acreditar em Papai Noel?



Personagens da série 'Nem Tão Perfeitos Assim': “Tá tudo bem!”

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Zezita em mais um audiovisual paraibano

Não só na presidência da Academia Paraibana de Cinema – até então, uma gestão altamente construtiva, elogiável do ponto de vista institucional – a atriz Zezita Matos tem se destacado. Seu raio de ações é admirável, tanto no teatro, como em cinema e na televisão. Ela tem se mostrado uma das atrizes mais singulares que conheço. Isso mostrado, logicamente, pela versatilidade dos personagens que tem protagonizado.

Agora, a atriz paraibana nos dá mais uma prova de sua aptidão e desvelo, interpretando Anna Margot. Personagem criado das inquietas elucbrações de um conhecido médico paraibano, que tem mostrado seu amor à cidade de João Pessoa, não apenas em seus escritos e livros publicados; mas, também, em alguns audiovisuais realizados, inclusive, com a minha parceria.

Após a realização de *Antomarchi* (leia-se, igualmente, Mirabeau Dias), lá pelos idos da primeira década deste século, passando por *Américo - Falcão Peregrino*, e, recentemente, *Poltrona Rasgada*, os três audiovisuais em média-metragem, chegou a vez de *Anna Margot*. Uma realização baseada no conto *A Visita Médica*, que o próprio Manoel Jaime Xavier publicou na *Revista da Academia Paraibana de Medicina*, da qual é integrante. Ficando patente que, de médico, escritor e *videomaker*, terá sido a vida do amigo Jaime, até agora.

Pois bem, lendo o conto do parceiro Jaime, uma luz acendeu de imediato, levando-nos a mais essa iniciativa audiovi-

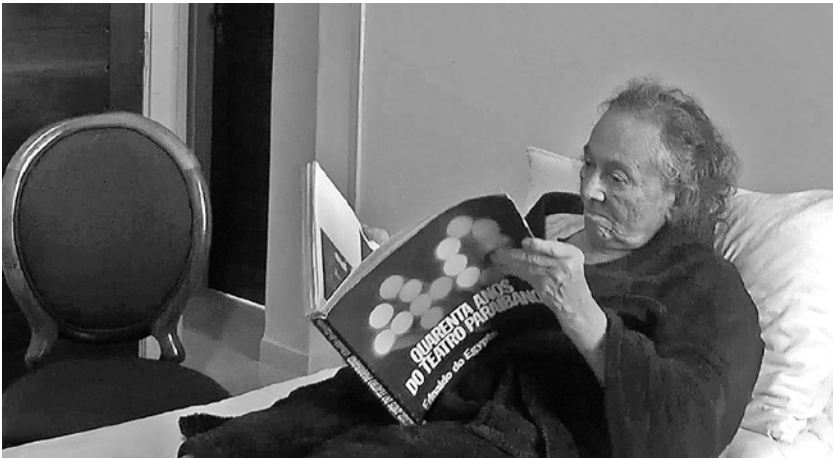


Foto: Reprodução

Atriz paraibana Zezita Matos em uma das cenas da produção 'Anna Margot'

sual, titulada de *Anna Margot*, que alguém pode até chamar de “filme”. Nem sempre, a arte de representar fora do teatro, é filme ou cinema...

Embora retrate conduta de uma senhora comum, de meia-idade, para quem “a vida não tem mais sentido” (que é o caso da paciente do conto de Jaime), a história de Anna Margot é ficção e traduz esse mesmo desânimo existencial, mas de uma atriz famosa, que não aceita a sua decadência dos palcos e de frente das câmeras, tão pouco, as evoluções tecnológicas. Coisas muito bem assimiladas pela neta Yasmin, que sempre lhe faz companhia.

A cidade é completamente outra. Cresceu vertical e horizontalmente. No Centro Histórico da capital, em que mora Margot, a vida anterior é coisa do passado. Um passado que virou museu. Mas existem pessoas, como ela, que teimam em não querer existenciar o presente das muitas

transformações. E “vegetam” só das memórias, renegando as inovações. Visto que, sua *mise-en-scène* nos palcos teatrais e cinema, criaram-lhe um universo mágico, ao qual ainda se sente presa.

Ao lado de uma igreja do século 19, no primeiro andar do sobrado onde reside, antiga pousada, hoje sem o charme da pós-Belle Époque, em ambiente totalmente descuidado, a anciã guarda alguns retratos que mostram quem foi e ainda é a sua dona – Anna Margot. Quando ainda bela e jovem, uma atriz que viveu instantes do maior glamour. Um rústico crucifixo de ferro e alguns quadros pendurados na parede, além de livros registram sua fé e paixões na vida pelo teatro, cinema e por Paris. “Cidade-Luz”, na qual permaneceu anos de glamour, sob os holofotes e muito sucesso como atriz. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexsantos.com.br.



APC vai celebrar o Dia Mundial do Cinema

A Academia Paraibana de Cinema vai celebrar, na próxima quinta-feira (dia 28), o Dia Mundial do Cinema. O encontro acontecerá nas dependências do Cine Mirabeau, no bairro do Bessa, na capital, com início previsto para as 9h. A sessão será para integrantes da APC e pessoas convidadas.

Segundo a programação, na oportunidade tomará posse a nova diretoria e conselho da entidade, para o período de 2024-2026. Após a fala dos novos dirigentes, será exibido o audiovisual Anna Margot, protagonizado por Zezita Matos, realizado por integrantes da APC, para homenagear a atriz paraibana do teatro, cinema e televisão.

Em cartaz

ESTREIAS

AQUAMAN 2: O REINO PERDIDO (Aquaman and the Lost Kingdom. EUA. Dir.: James Wan. Aventura. 12 anos). Assim que um antigo poder é libertado, Aquaman (Jason Momoa) deve forjar um perigoso acordo com um aliado improvável para proteger Atlântida e o mundo de uma devastação irreversível. CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 15h - 17h45 - 20h30; CENTERPLEX MAG 3 (leg.): 16h (dub.) - 18h45 (dub.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub., 3D): 14h (exceto seg.) - 17h - 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 15h - 18h - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 16h30 (seg. a qua.) - 19h30 (seg. a qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - Macro-XE (3D): 13h15 (dub., exceto seg.) - 16h (leg.) - 19h (dub.) - 22h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg., 3D): 15h30 - 18h30 - 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 14h45 (exceto seg.) - 17h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 13h15 (exceto seg.) - 16h - 19h - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 15h - 18h - 21h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub., 3D): 14h (exceto seg.) - 17h - 20h; CINE SERCLA TAMBÍÁ 3 (dub.): 20h (exceto dom. e seg.); CINE SERCLA TAMBÍÁ 5 (dub.): 14h30 (exceto seg.) - 17h (exceto seg.) - 19h30 (exceto dom. e seg.); CINE SERCLA TAMBÍÁ 6 (dub.): 15h30 (exceto seg.) - 18h (3D, exceto seg.) - 20h30 (exceto dom. e seg.); CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h30 (exceto seg.) - 17h (exceto seg.) - 19h30 (exceto dom. e seg.); CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h30 (exceto seg.) - 18h (3D, exceto seg.) - 20h30 (ter. e qua.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 20h (qui. a sáb.); CINE SERCLA PARTAGE 5 (leg.): 20h (exceto dom. e seg.).

PROPRIEDADE (Brasil. Dir.: Daniel Bandeira. Drama. 16 anos). Traumatizada por um caso de violência urbana, uma estilista (Malu Galli) se refugia em uma fazenda da família na tentativa de se recuperar. Porém, quando é anunciado a venda do local, uma revolta acontece. Para se proteger do levante dos trabalhadores, ela se enclausura em seu carro blindado. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 19h40 (ter.).

RENAISSANCE – A FILM BY BEYONCÉ (EUA. Dir.: Beyoncé e Ed Burke. Musical. 12 anos). Documentário retrata a jornada da *Renaissance World Tour*, desde a sua criação, a noite de estreia em Estocolmo, na Suécia, até a final em Kansas City, Missouri, nos EUA. CENTERPLEX MAG 4 (leg.): 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (leg.): 14h (qui. a sáb.) - 17h30 (qui. a sáb.) - 21h (qui. a sáb.); CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 14h30 (qui. a sáb.) - 18h (qui. a sáb.) - 21h30 (qui. a sáb.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 4h30 (qui. a sáb.) - 18h (qui. a sáb.) - 21h30 (qui. a sáb.); CINE SERCLA PARTAGE 2 (leg.): 20h30 (qui. a sáb.).

OS TRÊS MOSQUETEIROS - MILADY (Les Trois Mousquetaires: Milady. França, Alemanha, Bélgica e Espanha. Dir.: Martin Bourboulon. Aventura.

12 anos). D'Artagnan (François Civil) é forçado a se aliar à misteriosa Milady (Eva Green) após Constance (Lyna Khoudri) ser sequestrada bem diante de seus olhos. Junto a Athos (Vincent Cassel), Porthos (Pio Marmai) e Aramis (Romain Duris), o jovem mosqueteiro enfrentará alguns segredos obscuros que podem balançar velhas alianças e desencadear uma grande guerra. CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (leg.): 17h20 - 22h10.

PRÉ-ESTREIA

MINHA IRMÃ E EU (Brasil. Dir.: Susana Garcia. Comédia. 14 anos). As irmãs Miriam (Ingrid) e Mirelly (Tatá Werneck) nasceram em Rio Verde, no interior de Goiás. Elas não realizaram o sonho da mãe, Dona Márcia (Arlete Salles), de se tornarem uma dupla sertaneja e, além de terem seguido caminhos opostos, vivem em pé de guerra. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 15h15 (seg. a qua.) - 18h15 (seg. a qua.) - 21h15 (seg. a qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 15h15 (seg. a qua.) - 17h45 (seg. a qua.) - 20h30 (seg. a qua.); CINE SERCLA TAMBÍÁ 2: 14h (ter. e qua.) - 16h15 (ter. e qua.) - 18h30 (ter. e qua.) - 20h45 (ter. e qua.); CINE SERCLA PARTAGE 4: 14h (ter. e qua.) - 16h15 (ter. e qua.) - 18h30 (ter. e qua.) - 20h45 (ter. e qua.).

CONTINUAÇÃO

GODZILLA MINUS ONE (Japão. Dir.: Takashi Yamazaki. Ação. 12 anos). No Japão, após a Segunda Guerra Mundial, os últimos habitantes vivos da ilha devem enfrentar um último desafio: lutar contra o monstro e sobreviver. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 19h40 (exceto te.); CINE SERCLA TAMBÍÁ 4 (dub.): 17h35 (exceto seg.); CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 17h35 (exceto seg.).

JOGOS VORAZES: A CANTIGA DOS PÁSSAROS E DAS SERPENTES (The Hunger Games: The Ballad of Songbirds and Snakes. EUA. Dir.: Francis Lawrence. Aventura. 14 anos). Anos antes de se tornar o presidente tirânico de Panem, Coriolanus Snow (Tom Blyth), de 18 anos, vê uma chance de mudar sua sorte quando se torna o mentor de Lucy Gray Baird (Rachel Zegler), o tributo feminino do Distrito 12. CINE SERCLA TAMBÍÁ 2 (dub.): 20h15 (qui. a sáb.).

A MALDIÇÃO DO QUEEN MARY (The Haunting of the Queen Mary. EUA, Reino Unido. Dir.: Gary Shore. Terror. 16 anos). Dupla de fotógrafos (Alice Eve e Joel Fry) com seu filho mais novo (Lenny Rush) embarcam em um luxuoso navio conhecido como Queen Mary. Apesar de esperar uma viagem divertida em família, a embarcação esconde uma série de segredos sombrios e violentos. CINE SERCLA TAMBÍÁ 2 (dub.): 17h50 (qui. a sáb.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 17h50 (qui. a sáb.).

NAPOLEÃO (Napoleon. EUA. Dir.: Ridley Scott. Cinebiografia. 16 anos). A trajetória de Napoleão Bonaparte (Joaquin Phoenix) e sua rápida e implacável ascensão a imperador, visto através do prisma de seu relacionamento visceral e muitas vezes volátil com sua esposa e verdadeiro amor, Josephine (Vanessa Kirby). CENTERPLEX MAG 4 (leg.): 17h; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 20h45.

O SEQUESTRO DO VOO 375 (Brasil. Dir.: Marcus Baldini. Drama. 14 anos). Brasil, 1988. O piloto comercial (Danilo Grangheia) inicia um voo de Rondônia para o Rio de Janeiro. Abalado com a crise econômica, o passageiro (Jorge Paz) anuncia o sequestro e ordena a mudança de rota para o Palácio do Planalto, em Brasília. Seu objetivo é matar o então presidente do Brasil, José Sarney. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 15h10; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 21h45.

TÁ ESCRITO (Brasil. Dir.: Matheus Souza. Comédia. 12 anos). Alice (Larissa Manoela) acredita que os astros erraram com ela. Um dia, a garota recebe um livro com instruções que prometem que qualquer previsão astrológica escrita naquelas páginas se concretizará. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h (sáb.).

A VIAGEM ENCANTADA (Shchelkunchik i volshebnaya fleyta. Rússia. Dir.: Viktor Glukhushin. Animação. Livre). Uma garota faz um desejo para ficar do mesmo tamanho que seu querido boneco quebra-nozes. Porém, ela acaba se surpreendendo com a inesperada descoberta de que o brinquedo é, na verdade, um príncipe de verdade que foi vítima de um terrível feitiço que o transformou em boneco. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 15h; CINE SERCLA TAMBÍÁ 2 (dub.): 16h (qui. a sáb.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h (qui. a sáb.).

WONKA (EUA. Dir.: Paul King. Fantasia e Musical. 12 anos). Cheio de ideias e determinado a mudar o mundo, o jovem Wonka (Timothée Chalamet) embarca em uma aventura para espalhar alegria através de seu delicioso chocolate. Nela, ele acabou conhecendo o seu fiel e icônico assistente, Oompa Loompa (Hugh Grant), que o ajudar a ir contra todas as probabilidades para se tornar o maior chocolatier já visto. CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 15h45 - 18h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 13h45 (dub., exceto seg.) - 16h40 (dub.) - 19h15 (dub.) - 21h45 (leg.); CINEPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h (exceto seg.) - 17h - 20h; CINE SERCLA TAMBÍÁ 3 (dub.): 17h45 (qui. a sáb.); CINE SERCLA TAMBÍÁ 4 (dub.): 15h20 (exceto seg.) - 17h45 (ter. e qua.) - 20h (exceto dom. e seg.); CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h20 (exceto seg.) - 20h (exceto dom. e seg.); CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 17h45 (exceto seg.).

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

História de leitor

Agora ando lendo Nelson Rodrigues: *A menina sem estrelas*, *A cabra vadia*, *O óbvio ululante*, *O reacionário*. Assim mesmo, numa ordem circular que vai de um texto de um livro para um outro texto de outro, sob o imperativo apenas da sugestão do tema ou do interesse de ocasião.

Nelson é um dos meus preferidos, quando se trata principalmente do Nelson confessional, memorialista ou cronista de casos grotescos, de *fait divers* da imprensa, de lembranças íntimas, às vezes duras e chocantes, às vezes de um lirismo mais diáfano que o sopro da brisa no crepúsculo marinho.

O dramaturgo, enquanto texto em si, não me atrai, embora ele mesmo defenda a ideia de que o texto, em teatro, é fundamental. O romancista, muito menos. Aliás, nunca ando lendo romances. Romances, eu leio, e tem de ser numa disposição só, num ritmo agudo e contínuo, absolutamente concentrado na trama que deve possuir a capacidade de me retirar da banalidade do mundo cotidiano.

A coisa é também assim com os livros de ensaios, quando os livros de ensaios estão voltados para um único assunto: seja literário, filosófico, político, jurídico, antropológico ou moral, para me referir aos cenários teóricos que me cativam.

Leitor disperso e sem qualquer ambição de dominar este ou aquele tópico do conhecimento, sou dado às leituras rarefeitas, aparentemente desconectadas (digo “aparentemente”, porque vejo conexão em tudo!), abertas à possibilidade da volta, do retorno, do reencontro.

Certos autores são como velhos amigos, como as pessoas que amamos, e das quais, portanto, não podemos nos afastar por muito tempo. Andar lendo é estar convivendo; estar convivendo é realimentar esse amor que sempre se renova.

Venho fazendo isso, nesses últimos dois meses, com Nelson Rodrigues, e, numa outra chave, com Domenico de Masi, em *O ócio criativo*; com J. Krishnamurti, em *Reflexões sobre a vida*, e com Rubem Alves, em *Educação dos sentidos*.

Nelson Rodrigues, como eu dizia, me puxa para dentro da vida, no seu rendilhado de misérias e mesquinharias, terror e beleza; Domenico me traz o tempero da utopia e a possibilidade dos lucros intangíveis da criatividade; Krishnamurti é quase capaz de me deixar em paz e de me proporcionar a sabedoria intocável para compreender os conflitos interiores, sua dolorosa intensidade e esse movimento doido e dóido que não acaba; Rubem é puro prazer e me encanta com a medida instável da poesia mais secreta no carrossel das frases mais aladas.

Por que leio assim? Ou melhor, por que ando lendo assim?

Porque leio e releio, e o faço pelo apetite de existir, certo de que não sei nada e de que sou rigorosamente incompleto. Leio sublinhando uma palavra qualquer que me brilha mais que as outras; recortando um parágrafo que vou decorar pelo resto da vida; escrevendo, em redor da página, meus entusiasmos e minhas indagações; grifando essa expressão, aquele período, um simples substantivo ou verbo que, isolados e ao mesmo tempo dentro daquele contexto semântico, reconfiguram, para sempre, a minha escala de valores.

Foto: Arquivo Estádio Conteúdo



Dramaturgo, jornalista e escritor Nelson Rodrigues, em 1973

Colunista colaborador

ANIVERSÁRIO

Show celebrará 60 anos de Chico César

Revelando seus próximos projetos, artista paraibano começa 2024 com apresentação especial no Circo Voador (RJ)

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Um olhar para o passado e outro para o futuro, como enseja toda reflexão em dia de aniversário. Depois de concluir o ano lançando o vinil de seu primeiro álbum, Chico César começa 2024 comemorando 60 anos de idade. A data será celebrada no dia 26 de janeiro com um show especial às 20h, no Circo Voador, no Rio de Janeiro. Ele deve apresentar suas músicas lançadas em seu décimo álbum de estúdio, *Vestido de Amor*, mas revisitando também as canções que marcaram sua trajetória desde o disco *Aos Vivos*. Será um ano de novos álbuns, com músicas inéditas e de parcerias internacionais.

“O show de *Vestido de Amor* já é bastante temperado com coisas de outros momentos da carreira, inevitavelmente. Tem até música instrumental, ‘Por causa de um ingresso do festival matou roqueira de 15 anos’. Tem a música de quando eu tinha 19 anos, morando em João Pessoa, e outras que são referências para as pessoas que me influenciaram, como ‘Agalopado’, de Alceu Valença, ‘Admirável gado novo’, de Zé Ramalho, e ‘Sobradinho’, de Sá e Guarabyra, que eu gravei para a novela. É uma estética do *Vestido de Amor*, mas que mira a carreira toda”, anuncia Chico César.

Já entre fevereiro e março está previsto o aguardado lançamento de um álbum e de uma turnê com o maranhense Zeca Baleiro que deve passar por todo o país. “Com Zeca Baleiro vai ser uma coisa mais com banda, como é o disco mesmo, só de composições inéditas”, antecipa o paraibano.

O projeto deve dividir a agenda de Chico com outra parceria que ele vem realizando com sucesso junto ao pernambucano Geraldo Azevedo, com o show *Violívooz*,

que também virou álbum neste ano. O tamanho da repercussão amplamente positiva desse show chegou a surpreender o paraibano. “Com os nossos violões estamos fazendo coisas em ambientes bem surpreendentes. A gente tem feito festivais de *rock*, coisas grandes mesmo. No começo eu pensava que seria um show para teatros com 400 lugares, no máximo. Quando queriam botar a gente em 800 lugares, eu já falava: ‘Não, vamos para um lugar menor, aí não funciona’. Mas esse encontro com o Geraldo Azevedo funciona muito”, considera Chico.

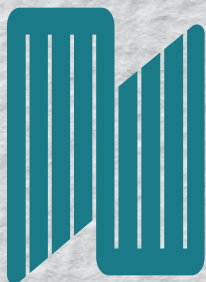
Os projetos não param por aí. Em breve, deve ser lançado ainda um disco com o *duo hermano* Rojo Barceló: a cantora e compositora Maria Barceló e o pianista e baterista Esteban Blanca. Trata-se de uma dupla argentina de quem Chico César se aproximou bastante durante o período da pandemia em que passou quatro meses no Uruguai, isolado pela Covid. “Eles não podiam voltar para o país deles e eu acabei ficando no Uruguai também aquele tempo”, remonta ele, que deve retomar também sua turnê internacional em 2024. Esse será um período intenso de trabalho e de parcerias, coisas que estavam represadas ainda pelos tempos de crise sanitária global. “As pessoas saíram da pandemia querendo arte, querendo música, isso é muito bom. Não podemos reclamar. Acho que todos estamos um pouco ávidos ao reencontro com o público, o público com o seu reencontro com os artistas, com os espaços de cultura. Nesse ano de 2024 também vamos ter bastante trabalho”, conclui César.

Os ingressos para o show especial em celebração aos 60 anos de Chico César, que acontecerá no dia 26 de janeiro, já podem ser obtidos, a partir de R\$ 60, através do site *Eventim* (eventim.com.br).

No show do Rio de Janeiro, César deve apresentar músicas do seu 10º álbum de estúdio, *Vestido de Amor*; próximo ano haverá os lançamentos do álbum e turnê nacional com Zeca Baleiro



Foto: Ana Lefaux/Divulgação



Livraria
A UNIÃO
Casa da literatura paraibana

A casa da literatura paraibana está também online!

Entre na Livraria A União e receba os melhores textos da Paraíba a um clique!

Acesse:



www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/

marketing epc



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO



GOVERNO
DA PARAIBA

REFORMA TRIBUTÁRIA

Trabalho decisivo de um paraibano

Deputado Aguinaldo Ribeiro foi o relator da matéria na Câmara Federal e elaborou o texto que foi aprovado

Juliana Teixeira
julianaaraujoteixeira@gmail.com

A promulgação da Emenda Constitucional que institui a reforma tributária foi assinada na última quarta-feira (20). A assinatura que causou tumulto e até acusação de agressão física por parte de deputados da oposição ao governo do presidente Lula (PT), também destacou políticos paraibanos, a exemplo do deputado federal Aguinaldo Ribeiro, que teve o nome enaltecido pelos presidente da Câmara dos deputados e do Senado, Arthur Lira e Rodrigo Pacheco.

O presidente da Câmara, Arthur Lira, colocou o deputado Aguinaldo Ribeiro como alguém incansável na construção da Reforma Tributária.

O presidente do Senado Federal, Rodrigo Pacheco, que presidiu a sessão, fez um reconhecimento público ao trabalho de Aguinaldo, destacando o equilíbrio, a competência e dedicação do deputado federal Aguinaldo Ribeiro, relator do texto aprovado pela Câmara. “Um agradecimento ao equilíbrio, competência e dedicação do deputado Aguinaldo Ribeiro. Dizem que a política é a arte de construir consensos. O deputado Aguinaldo e o senador Eduardo Braga foram além, deram oportunidade de participação aos agentes políticos, agentes sociais, agentes econômicos, a toda sociedade brasileira, ponderaram as mais diversas manifestações e chegaram a um consenso inédito a esta que foi a mais difícil das reformas. Só posso dizer que os senhores engrandecem o Parlamento Brasileiro”.

Já o presidente da Câmara, Arthur Lira, ressaltou: “Permita-me, neste momento, nomear e agradecer aos deputados Baleia Rossi e Aguinaldo Ribeiro, dois incansáveis na construção desta reforma”, disse.

Durante discurso, Ribeiro afirmou que essa modernização do sistema tributário brasileiro não é apenas uma reforma, mas sim uma revolução.



Aguinaldo Ribeiro assina a Reforma Tributária sob os aplausos do vice-presidente da República, Geraldo Alckmin

■ **Presidente do Senado Rodrigo Pacheco fez um reconhecimento público ao trabalho de Aguinaldo, destacando o equilíbrio e a competência**

“Ainda não nos demos conta do feito que alcançamos. Ao invés de chamar de reforma tributária, eu prefiro chamar de revolução cidadã. Não é sobre impostos, é sobre dignidade. Não é sobre taxação, é sobre justiça. Não é uma reforma, é uma revolução”, expressou.

Segundo Aguinaldo, o objetivo da reforma é simplificar a cobrança de impostos, estimular o crescimento econômico e a transparência. A ses-

são promulgou a Emenda Constitucional nº 132 de 2023, referente à Proposta de Emenda à Constituição nº 45 de 2019, que altera o Sistema Tributário Nacional.

Ribeiro agradeceu a confiança do povo paraibano e

destacou a importância de representar o seu estado na construção de uma vitória histórica para todo o país. Aguinaldo aproveitou para ressaltar a criação da Cesta Básica Nacional de Alimentos, uma iniciativa de sua autoria. “Foi uma decisão

como relator, inserir esse tema, uma cesta nacional com alíquota zero, algo que não tínhamos. Estou muito feliz por contribuir para entregar um país mais justo e moderno a toda população”, finalizou.

A proposta foi aprovada

na Câmara em julho deste ano, sob a relatoria de Aguinaldo. Em seguida, foi encaminhada ao Senado Federal, onde, em novembro, também foi aprovada após modificações. Com isso, retornou à Câmara e foi novamente aprovada pelos deputados. Agora, a promulgação torna o texto parte da Constituição.

“Ao invés de chamar isso de Reforma, eu prefiro chamar revolução cidadã. Se muitos diziam que seria impossível aprovar a reforma, eu coloco que o impossível é só uma questão de oportunidade. Não é sobre taxação é sobre justiça. Para além da simplificação, transparência, fim de cumulatividade, justiça tributária e segurança jurídica, temos muitos benefícios. Os primeiros efeitos já se fazem presentes, como a melhoria do grau de investimentos para o país. Aos que disseram que fizemos uma reforma possível, fizemos o impossível”, avaliou o relator.

Coordenador do grupo de trabalho da Reforma Tributária na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE), Efraim Filho (União Brasil), disse durante a promulgação do texto que as mudanças devem trazer mais competitividade à indústria e de quem quer produzir no país, com a consolidação de um modelo tributário mais moderno e proativo.

O Congresso Nacional se debruçou sobre uma Reforma que é estruturante. Claro que há muitas divergências ainda, de pensamento, de análise. A gente vai ver como é o impacto disso na vida real das pessoas, das empresas. Mas um consenso me parece que existe: é que o atual modelo está esgotado. É arcaico, obsoleto, ultrapassado, só atrapalha a quem quer produzir. Então acredito que foi importante essa mudança e vai fazer bem para a economia brasileira e para a competitividade da nossa indústria e de quem quer produzir no país”, frisou.

Foto: Zeca Ribeiro/Câmara dos Deputados



Haddad, Lula, Pacheco e Lira na celebração da promulgação da Reforma

Foto: Marina Ramos/Câmara dos Deputados

PEC simplifica os impostos, mas a mudança será devagar

A emenda constitucional simplificará e unificará os tributos sobre o consumo, mas as mudanças ocorrerão aos poucos. A nova tributação das mercadorias e dos serviços começará a entrar em vigor em 2026 e só terminará em 2033. A transição para a cobrança do imposto no destino (local de consumo) se iniciará em 2029, levará 50 anos e só será concluída em 2078.

A principal mudança será a extinção de quatro tributos, que serão fundidos no Imposto sobre Valor Agregado (IVA). Esse tributo seguirá o modelo dual, em que parte da administração ficará com a União e outra parte com os estados e municípios.

Aqui na Paraíba, o deputado

Tovar Correia Lima demonstrou preocupação com a relação entre a arrecadação do ICMS e o IBS (imposto estadual criado pela reforma). O parlamentar tem sugerido que o governo estadual reveja a cobrança do ICMS por aqui. O pedido acontece, já que o dispositivo da Reforma Tributária que estabelecia que a arrecadação do ICMS entre 2024 e 2028 seria a base para a distribuição da arrecadação do IBS entre 2029 e 2077 foi retirado do texto promulgado.

O dispositivo foi retirado pelo relator da reforma na Câmara, Aguinaldo Ribeiro. Ele excluiu o ponto da redação final, que foi a promulgação no Congresso. Segundo o deputado, o trecho levava “insegurança” sobre a par-



Tovar está preocupado com a arrecadação de impostos estaduais

Foto: Divulgação

ticipação de entes federativos na arrecadação durante 50 anos.

A retirada do dispositivo da Reforma Tributária já levou dois de seis estados que anunciaram a elevação do ICMS usando a reforma tributária como argumento, Rio Grande do Sul e Espírito Santo, voltaram atrás da decisão nesta semana. O governo de São Paulo também indica que não vai avançar com a proposta neste momento.

“É preciso garantir a competitividade da Paraíba, uma vez que outros estados estão voltando atrás nas suas decisões de aumentar o imposto e outros estão desistindo de apresentar a propostas as Assembleias Legislativas”, destacou Tovar.

Memórias

A União

Alexandre Luna Freire

No currículo, o orgulho de ter começado a vida profissional no caderno B do jornal

Estudante encontrou na Redação o caminho para aprender a escrever com qualidade e rapidez, a partir de um interesse da juventude e da influência do pai, que também foi jornalista

Luiz Carlos Sousa
lucsjp@gmail.com

Alexandre Luna Freire não esconde o orgulho de ter começado a vida profissional em **A União**. Nos anos 70, concluindo o curso de Direito, ele começou no Caderno B, que era dedicado aos assuntos culturais. Fez crônicas resenhas e artigos, convivendo com nomes como Gonzaga Rodrigues e Barreto Neto. Diz que foi aqui que aprendeu a escrever e dá detalhes das caronas que pegava para chegar ao Distrito Industrial. Conta como foi o primeiro artigo: “Eu lembro, não encontrei, deve estar em algum arquivo ainda em casa, que foi sobre imprensa. Na ingenuidade da estreia, você quer escrever alguma coisa para o jornalista, para o diretor do jornal dizer: ‘Ele tem potencial, ele tem embocadura’”. Nessa conversa com o **Memórias A União**, a primeira entrevista em 30 anos, Luna Freire, que é desembargador federal, faz leituras e comparações das redações de ontem e hoje. Ele acredita que um patrimônio cultural como **A União** tem que ser preservado.

Entrevista

■ *Vou começar com uma pergunta que, repetidamente, tenho feito a quem senta nessa cadeira: como é que começou a sua história com A União?*

Na verdade, eu tinha um interesse na juventude de escrever no **Jornal A União** e casualmente encontrei um jornalista com quem tinha certa proximidade na porta do Cabo Branco, no cafezinho, o Marconi Altamirando.

■ *Acredito que foi editor do jornal...*

Não sei se ele estava como editor, mas ele tinha uma coluna radiofônica que eu acompanhava sempre. Manifestei esse interesse de me aproximar d'**A União** e ele começou a trazer para publicação alguns artigos, crônicas, porque aquilo poderia me credenciar para que eu me apresentasse à direção do jornal.

■ *Abriu as portas?*

Foi o que aconteceu. Em determinado momento ele publicou alguns artigos. Era época da Presidência de José Souto, Barreto Neto na direção técnica. E Aagnaldo Almeida, que eu não conhecia, era o editor. Murilo Sena diretor administrativo e Gonzaga Rodrigues chegou algum tempo depois. Então a gente se conhecia do convívio do Cabo Branco e sabe-se que o Cabo Branco era o centro pujante, ululante da comunidade política.

■ *As discussões ocorriam ali?*

Discussões e decisões. Muitas delas eram tomadas ali preparatoriamente no Cabo Branco. Uma vez, e aqui eu lembro um fato histórico, fui contratado como repórter com encargo de função, que era redator.

■ *Já pel'A União?*

Sim. Aconteceu que num determinado sábado, ficávamos na sede e depois íamos para o Cabo Branco de Miramar, para algum jantar dançante. E houve a notícia do falecimento de Virgínius da Gama e Melo. Isso foi praticamente já no final do período que tive aqui. Colhi os dados e liguei para **A União** porque precisava fazer uma matéria, uma vez que Virgínius, nesse período, estava colaborando na própria **A União**. E aí fizemos essa matéria no sábado, partindo na frente

que é pior? Com uma fome danada para ir para casa no Centro da cidade pegando carona com Land Seixas.

■ *Começou pelo Caderno B?*

Foi no Caderno B, um artigo aqui, acolá, uma crítica de cinema, saía inventando e tapando os buracos das páginas para fechar o Caderno B. Depois arregimentei alguns conhecidos, teve uma coluna de xadrez, outra de tênis. Era fantástico e eu de olho em jornalistas já redatores credenciados como Marconi Cabral, Carlos Aranha, mas Carlos já era num patamar diferente de nós, meu e de outros que eram iniciantes. E depois vieram Josinaldo Malaquias, Carmêlio Reynado, Sílvio Osias. E tinha muitas características que **A União** marcava, por exemplo, não tinha página policial, hoje tem na TV. A gente dizia que a página de outros jornais que tinham página policial bem aguerriada “se torcer isso aí é sangue”.

■ *A União tratou o assunto policial como sendo um do cotidiano?*

Não com uma editoria específica.

■ *E noutra característica de A União, os repórteres policiais eram alfabetizados. Estavam por aqui Zé de Souza, José Cardoso, que ainda hoje trabalha na Redação...*

Eu lembro também de Tônio, ilustrador. Eu fiz algumas crônicas e pedia para ele ilustrar ou eu tentava comentar as ilustrações que ele fazia um personagem de ficção que criou e a gente acompanhava. Cheguei até fazer uma moldura com algumas ilustrações dele.

■ *O senhor chegou a sair do caderno dois para reportagem política, por exemplo?*

Não. Sempre na parte de cultura. Diversão, entretenimento no Caderno B. Algumas reportagens na página principal do Caderno B e depois entusiasmado querendo entrar no



“João Lélis, meu pai, me influenciou. É considerado o primeiro correspondente de guerra daqui”



Alexandre Luna Freire diz que o trabalho na Redação, quando começou, exigia invenção, transpiração e inteligência

mundo intelectual. Ficava insuflando Barreto Neto, que era muito acessível, com essa luta do jornal para transformar num caderno literário, página dupla, ele viu que tinha conteúdo para ser adquirido na cidade, e tinha gente à vontade para isso. Aí ficamos com os primeiros cadernos e logo depois que eu saí começou a ideia de reativar o Correio das Artes.

■ *Quer dizer que gosta de guardar arquivos?*

Gosto de guardar papel, essa mania de querer um dia ser historiador.

■ *Lembra-se de algum fato daquela época em que era repórter e que chamou atenção?*

Não. Sou capaz, se eu consegui recuperar meus arquivos que estão em casa em algum lugar, aí realmente eu tenho memória de repetição.

■ *Outra coisa que chama atenção é que o senhor sempre se refere como Caderno B o que mostra A União mais uma vez na frente, porque os cadernos de cultura nos outros jornais vieram depois nessa época?*

Tenho a impressão que havia um caderno do Jornal do Brasil. Aqui na Paraíba era o caderno de Cultura, o Caderno B que se chamava. Nos outros, o noticiário que ficava a cargo de Feitosa, o secretário de Redação.

■ *Mas os outros jornais aqui na Paraíba vieram a ter caderno de cultura e equipe específica de Cultura um pouco depois?*

Eu não sei se foi influência dos governos e Ivan Bichara e Ernani Sátiro. A turma ficava circundando para **A União** ficar sempre nessa linha de frente.

■ *Quando o senhor chegou já foi aqui no distrito ou ainda foi lá no prédio onde hoje é a Assembleia?*

Foi aqui. Eu cheguei já era aqui no Distrito Industrial. Eu vinha nas caronas de Land Seixas, já com a ro-

Fotos: Edson Matos

■ *O senhor ficou em A União quanto tempo?*

Pouco tempo. Cinco meses, no máximo.

■ *No caderno B?*

Não, no jornal todo, como empregado.

■ *Depois, como consultor jurídico?*

Foi um pouco mais. Eu deixei 84 quando fui nomeado procurador da Fazenda Nacional. Assumi em Brasília. Fiquei de 84 a 88 como PFN em Brasília. Fui o primeiro paraibano aprovado em concurso e nomeado do PFN, como também primeiro paraibano por concurso de Juiz Federal.

■ *Mas no tempo do Caderno B que o senhor trabalhou aqui n'A União a preocupação era semelhante à de hoje, que é cultura, entretenimento, diversão, cinema?*

O que havia de interessante é que a gente usava mais a imaginação do que a transpiração ou a digitação. Tinha que criar, imaginar, usar um dicionário, pensar, uma palavra para fechar um texto, revisar.

■ *Dava trabalho...*

Dava trabalho. Se você tivesse como dizia um professor meu da Fundação Getúlio Vargas, se você tivesse prisão de mente, não saía nada.

■ *Porque hoje, com a revolução tecnológica, por exemplo, a pesquisa é muito fácil, você vai lá dois minutos...*

Agora há um, porém, eu não sou um adepto, até adventos futuros, da Inteligência Artificial, acho que nada substitui nem o pensamento nem o sentimento humano.

Inteligência Artificial, como o próprio nome diz é um artifício para se chegar em um determinado ponto.

■ *Mas é algo que já está contaminando todos os setores?*

O que contamina é bom

e, também, o que contamina é ruim. Diz-se que veneno é alguma coisa demais. Alguma coisa na proporção é remédio.

■ *Há uma grande diferença nas redações do seu tempo para hoje. O senhor entrou e viu que a redação é bem diferente...*

Ninguém abre a boca, porque aqueles que olham para mim e veem um cara de paletó, já olham com cara desconfiada.

■ *É veja que na forma de produzir o jornal antigamente você tinha que no mínimo falar por telefone com a fonte...*

Usava-se uma chupeta, um equipamento com uma ventosa presa ao telefone para se fazer entrevista, para não perder.

■ *O senhor já começou no caderno B, mas viu que havia condições do caderno evoluir o Correio das Artes. Chegou a colaborar com Barreto Neto, como foi essa experiência?*

Nesse período eu me afastei muito da Literatura para me preocupar com o Direito, até por uma certa valorização no sentido negativo social. Eu conheço história, por exemplo, de um intelectual daqui, que foi advogado e era queimado no ambiente jurídico. “Ele é intelectual, não dá para advogado”, diziam. Não vou dizer o nome, mas era um dos grandes escritores que nós tivemos em ensaios e várias outras publicações. Foi diretor d'**A União**, do Correio das Artes.

■ *Interessante, porque muita gente saiu aqui de A União para a carreira jurídica...*

A gente tenta, mas eu escondi muito tempo essa veia literária, eu só voltei aos 30 anos quando já estava profissionalmente estável na advocacia.

■ *Quando o senhor trabalhou em A União estava terminando o curso de Direito?*

Já era estagiário. Agora ajudou totalmente, porque eu aprendi a escrever n'**A União**. A petição, a decisão. Digo isso a minha assessoria ainda hoje. Tenho uma pedagogia e tenho uma jornalista, que foi de uma empresa lá de Pernambuco e a turma tava querendo Bacharel em Direito. Eu quero o pessoal que sabe escrever redação criativa. Porque no tribunal, pouca gente sabe, a gente julga de novo aquilo que já foi julgado. Então, não precisa ficar reescrevendo nem enchendo linguica, nem mostrando conhecimento. O juiz de primeiro grau está muito preparado para decidir. Você pode discordar num ponto de vista. Então, vou dizer que discordo só por isso e só mudar o motivo da discordância ou daqui aquesência de entendimento. Não tem que ficar num tribunal reescrevendo.

■ *A Redação d'A União se caracterizava como uma baderna e pouquíssimas mulheres?*

Era e não era. O figurino do pa-

pel da mulher atual foi uma mudança radical dos últimos cinco anos.

■ *O senhor se lembra de, por exemplo, de um lançamento de filme da época, que mobilizou o Caderno B ou de algum assunto que foi tema de uma abordagem?*

Não lembro. Sei que escrevi, não lembro o autor, o diretor desse filme. Eu escrevi uma crítica sobre um filme que eu não lembro mais do filme. Eu vou mandar depois esse artigo 74, 75 fazendo a crítica de um filme, mas não lembro mais para puxar.

■ *No Caderno B a gente sabe também que a redação é um texto jamais até digamos com veledade literária...*

Mas a modernidade mesmo aqui dá para ver que não mudou não. A gente fez o que era daquela época a cultura local, a cidade, a visão urbana, que morreu, não existe mais.

■ *As cadeiras na calçada, por exemplo?*

As cadeiras na calçada não tem mais ninguém. Nasci e me criei no Centro da cidade até 26 anos de idade ali na Rua Conselheiro Henrique. Se passar ali de noite dá até depressão. Só vê fantasma e dá medo. Antes havia sempre a fundação disso, um artigo, Virgínio acolá, Cinema. Quatro a oito páginas. Havia muita pujança cultural aglutinada. Cinema havia seis, sete na cidade.

■ *Como era o processo de criação? Hoje a gente vai botar cinema. Tinha essa discussão?*

Não havia. Não havia essa cobrança, nem de Gonzaga, de Zé Souto, nem do próprio Aagnaldo, que era o editor que mostrava uma coisa ou outra. A gente tinha muita preocupação com revisão. E o resto era o secretário Feitosa recortando, colando com cola tenaz.

■ *O senhor disse que aprendeu a escrever bem no período que passou na Redação?*

A União como disse José Américo foi escola também?

Não tinha faculdade. Não tinha Universidade voltada a isso não. Ou você aprendia a escrever rápido, não era em segundos, mas para o dia. Aí isso até me estimulou porque o cronista, o que ele escreve, é muito volátil, ele escreve para aquelas 24 horas

■ *Há até a máxima que diz: “Nada é tão efêmero quanto à glória do jornalista...”?*

Todo dia pelo faro dele saber o que tinha na ronda das ruas. O que as ruas recriminam ou elogiam.

■ *E a avaliação que o senhor faz agora de um veículo com 130 anos de história?*

Não se tem como mensurar a importância de se preservar para uma coisa chamada preservação da inteligência. Uma coisa é a preservação da memória. A outra é a inteligência. Inteligência é reflexão. Se você para o músculo vai atrofiar mesmo.

■ *De todos os jornais impressos só res-*

tou A União, exatamente o mais velho...

Isso tem que se indagar por que os outros foram criados e existiram?

■ *Muitos criados como instrumento político...*

Aí eu pergunto: eu gosto mais de perguntar do que responder. É uma preservação e um mecanismo de penetração, mas resta saber até onde vai. Essa minha geração é a geração não nativa com relação ao jornal. Você vê que as amizades estão em mensagens escritas é diferente da mensagem no telefone ou do bate-papo.

■ *E A União como patrimônio cultural para Paraíba?*

Eu fico apreensivo se acabar, como vai ficar o tecido social.

■ *Como esse tipo de plataforma impressa ainda pode contribuir para a cultura?*

Para quem tem o prazer de ler é importante. Para quem não tem o prazer de ler é uma desinteligência. Porque mesmo na TV você vê o jornal é prazeroso. Mesmo no tablet é prazeroso.

■ *O senhor tem em casa muitos documentos relativos ao jornal A União?*

Isso. Tem o acervo de João Lélis e o meu. O meu um período de pouco tempo, agora o de João Lélis não foi da biografia dele juntando em várias etapas.

■ *João Lélis teve participação em A União em que períodos?*

Em vários períodos. Ele publicou muito aqui em 1933, na época da direção de Samuel Duarte que é um dos grandes paraibanos culturalmente se falando e está sendo pouco explorado.

■ *Há algo que o senhor gostaria de acrescentar, algum dado que eu não abordei?*

Eu quero agradecer essa viagem sentimental, mas agradecimento.

■ *E a expectativa em relação ao futuro de que pelo menos continue?*

Pois é, eu acho que tem muito material aí para desenvolver e continuar. É só pegar os jornais anteriores e reproduzir. Eu me lembro de Ivan Lucena, que escrevia **A União** há 50 anos. Tem que pensar em 50, 100 e 130 anos. A gente precisa de conteúdo e novidade.



Aponte a câmera do celular e confira a entrevista no YouTube



OPORTUNIDADE

Conde abre seleção para cargos na área da saúde

Inscrições seguem até 4 de janeiro e são 36 vagas para agente comunitário de saúde e de combate às endemias, 14 delas para contratação imediata

Alinne Simões
alinnesimoesjp@gmail.com

Começaram no último dia 14 de dezembro as inscrições para o concurso público da Prefeitura de Conde, a fim de suprir vagas para os cargos de agente comunitário de saúde e agente de combate às endemias. Estão sendo ofertadas 36 vagas, sendo 14 para contratação imediata. A banca responsável pelo certame será a Consulpam. E as provas estão previstas para serem realizadas no dia 10 de março.

As inscrições poderão ser feitas até o dia 4 de janeiro, no site da Consulpam (<http://www.consulpam.com.br/>) e custam R\$ 90. Os candidatos devem ter no mínimo nível médio com curso de aperfeiçoamento ou curso técnico em saúde de 40h, além de residir na área de atuação. A remuneração é de R\$ 2.640,00 para ambos os cargos, com jornada de trabalho de 40 horas semanais.

O concurso será realizado em duas etapas, sendo a primeira uma prova objetiva

■ As provas do concurso da Prefeitura de Conde estão previstas para serem realizadas no dia 10 de março



Agentes de saúde realizam cuidado em saúde da população

de caráter eliminatório e classificatório e a segunda, um curso de formação, também de caráter eliminatório. Serão cobradas 40 questões de Língua Portuguesa (10), Matemática (cinco), Informática básica (cinco), Conhecimentos Gerais (cinco) e Conhecimentos Específicos (15).

Entre as atribuições do cargo de agente comunitário de saúde está participar do processo de territorialização e mapeamento da área de atuação; realizar cuidado em saúde da população atendida pela unidade básica de saúde, inclusive em

domicílio, e nos demais espaços comunitários; garantir a integralidade da atenção por meio da realização de ações de promoção da saúde, prevenção de agravos e curativas; realizar busca ativa e notificação de doenças e agravos de notificação compulsória, manter contato permanente com as famílias, com vistas ao desenvolvimento de ações educativas.

Para o cargo de agente de combate às endemias, está efetuar visitas domiciliares, com objetivo de estimular medidas de notificação das doenças epidêmicas e con-

sequente controle sobre as mesmas segundo orientação da organização mundial da saúde - OMS, para possibilitar a identificação e controle de processos morbidos; verificar o sistema de abastecimento simplificado de água e fossas sépticas, orientando os munícipes, sobre as ações de saneamento básico; participar de treinamento de pessoal de nível médio e básico, na área de saneamento realizar trabalhos educativos com grupos comunitários, sobre saneamento básico, discutindo sua importância na saúde da população.

Outros Concursos

• Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)
O certame contempla a carreira de técnico de planejamento e pesquisa, em diversas especialidades.
Vagas: 80
Inscrições: até 10 de janeiro de 2024
Cargos: Políticas públicas e sociedade, políticas públicas e desenvolvimento, gestão e logística, políticas públicas e avaliação, comunicação social e divulgação científica, desenvolvimento de sistemas, Infraestrutura de tecnologia da informação, políticas públicas e sustentabilidade, ciência de dados e processo editorial (nível superior)
Salário: R\$ 20.924,80
Taxa de inscrição: R\$ 180
Prova: 25 de fevereiro de 2024. Banca Responsável: Cesgranrio

• Assembleia Legislativa do Tocantins (Aleto)
Vagas: 107 vagas
Inscrições: até 18 de janeiro de 2024
Cargos: Policial legislativo e técnico legislativo (nível médio); procurador jurídico analista legislativo (nível superior)
Salário: de R\$ 3.847,65 até R\$ 32.328,69
Taxa de inscrição: R\$ 80 (nível médio); R\$ 125 (analista legislativo); R\$ 215 (procurador jurídico)
Prova: 13 e 14 de abril de 2024
Banca Responsável: FGV

Carreiras

Bruno Cunha
brunocunha@carreiracombrunocunha.com.br | Colaborador

Se você fosse demitido hoje?

Você já parou para pensar no que aconteceria se fosse demitido hoje? Qual seria o seu plano B para a carreira? Muitos profissionais enfrentam essa pergunta apenas quando a demissão se torna uma realidade, priorizando o cuidado com a carreira de forma reativa, em vez de adotar uma abordagem preventiva.

Vivemos em um mundo corporativo dinâmico e em constante transformação. A estabilidade no emprego, que outrora era considerada uma garantia, tornou-se uma ilusão para muitos profissionais. As mudanças econômicas, avanços tecnológicos e reestruturações organizacionais são alguns dos fatores que podem impactar a segurança no emprego.

Nesse contexto, é crucial abandonar a ilusão da estabilidade profissional e adotar uma mentalidade mais estratégica em relação à carreira. Em vez de esperar por um cenário negativo, os profissionais podem se beneficiar ao antecipar possíveis desafios e criar um plano B que ofereça flexibilidade e resiliência diante de mudanças inesperadas.

A importância do plano B

A construção de um plano B para a carreira começa com o reconhecimento da importância do desenvolvimento contínuo. Muitos profissionais limitam seus esforços de aprendizado e crescimento ao âmbito de suas funções atuais, negligenciando a expansão de habilidades e a busca por conhecimentos que possam ser aplicados em diferentes contextos profissionais.

Investir em formações, cursos e certificações relevantes não apenas fortalece o conjunto de habilidades, mas também amplia as possibilidades de transição para diferentes áreas. Desenvolver uma mentalidade de aprendizado ao longo da vida é fundamental para se adaptar às mudanças no mercado de trabalho e construir um plano B robusto.

A construção de um plano B implica não apenas na busca de novas habilidades, mas também na diversificação das fontes de renda e na exploração de oportunidades alternativas. Isso pode incluir a exploração de oportunidades e ter um leque de opções aumenta a resiliência e a capacidade de adaptação diante de mudanças repentinas no cenário profissional.

Identificando a qualidade do Networking

Quando falamos em um plano B na carreira, é crucial considerar não apenas o desenvolvimento de novas habilidades, mas também a qualidade do networking profissional que pode ser uma peça-chave em momentos desafiadores. Identificar e cultivar relacionamentos sólidos na sua rede pode ser a diferença entre uma transição suave e uma jornada profissional tumultuada.

Fazer uma análise qualitativa e quantitativa do seu *networking* é o primeiro passo para compreender a relevância dos seus contatos em relação aos seus objetivos profissionais. Só assim se torna possível alinhar as estratégias com seus interesses e objetivos profissionais, aumentando a eficácia da sua rede de relacionamentos que poderá trazer novas oportunidades.

O *networking* desempenha um papel crucial na construção de um plano B para a carreira. Estabelecer e cultivar relacionamentos profissionais pode abrir portas para oportunidades inesperadas. Participar de eventos do setor, conferências e grupos de *networking* oferece a chance de conhecer profissionais de diversas áreas e expandir a rede de contatos. Além disso, a construção de uma presença on-line sólida, por meio de plataformas como LinkedIn, pode aumentar a visibilidade profissional e atrair oportunidades relevantes.



DEZEMBRO VERMELHO

Contra a Aids, prevenção. Contra o preconceito, informação.

marketing EPC

Selic Fixado em 13 de dezembro de 2023 11,75%	Sálário mínimo R\$ 1.320	Dólar \$ Comercial -0,54% R\$ 4,861	Euro € Comercial -0,40% R\$ 5,354	Libra £ Esterlina -0,26% R\$ 6,176	Inflação IPCA do IBGE (em %) Novembro/2023 0,28 Outubro/2023 0,24 Setembro/2023 0,26 Agosto/2023 0,23 Julho/2023 0,12	Ibovespa 132.563 pts +0,29%
---	---	--	--	---	--	--

TROCA DE PRODUTOS

Lojistas e clientes precisam ter atenção a prazos e regras

Consumidor também deve explicar as condições para quem for apresentado

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

A roupa que não vestiu bem, o presente do amigo secreto que não agradou ou o sapato que não coube. Após o Natal o comércio experimenta uma nova movimentação, desta vez para a troca dos presentes. Apesar de não haver previsão legal para trocas, o consumidor deve ficar atento aos seus direitos e observar principalmente a política de trocas do estabelecimento onde comprou o presente. Segundo dados divulgados pela Fecomércio, 65,96% dos paraibanos pretendem presentear no Natal deste ano.

O presidente da Comissão de Defesa dos Direitos do Consumidor da OAB-PB, Giovanni Faraco, explicou que para compras em estabelecimentos físicos o Código de Direito do Consumidor (CDC) não prevê o direito à troca, salvo se disponibilizar essa opção. Ele explicou que legislador entendeu que o consumidor pode provar, testar e analisar o produto. Porém, caso o estabelecimento conceda prazo para troca, isso gera a obrigação e a impossibilidade de “voltar atrás”.

A orientação é para o consumidor analisar a política de troca da empresa. Na Loja da Morena, em Campina Grande, a troca de mercadorias deve ser feita em até sete dias corridos a partir da compra. A



CDC garante que lojas devem fazer a troca em caso de defeito do produto adquirido

empresária Erycka Fernanda explicou que as compras com o objetivo de presentear estão menores em relação ao ano passado e o número de trocas é considerado dentro da normalidade. “Esse ano estamos vendo uma baixa nesse quesito compras para presente e não está havendo muitas trocas. É um número considerado normal, dentro do padrão que já efetuamos durante o ano”, afirmou.

O CDC garante a troca em caso de defeito do produto adquirido. De acordo com Faraco, se for um produto considerado essencial, como geladeira, fogão, lava-roupa, a troca deve acontecer de ime-

diato ou o consumidor terá devolvido o valor pago. Caso não seja produto essencial, o fornecedor tem um prazo de 30 dias para reparo. Em caso de descumprimento, o consumidor pode escolher entre três opções: o cumprimento forçado da oferta; aceitar produto equivalente, mesmo que seja de valor superior; ou a devolução do valor corrigido, com a possibilidade de perdas e danos, a depender do caso.

O Procon da Paraíba reforça a necessidade do consumidor atentar para a política de trocas do estabelecimento em que está comprando. “Caso o estabelecimento garanta a troca, nasce o direi-

to do consumidor exigir. Tem o efeito vinculante. É importante que o consumidor fique atento a qual é a política de troca, para que ele não seja surpreendido”, explicou a superintendente do Procon-PB, Késsia Lilliana.

Caso o consumidor tenha alguma dúvida em relação aos seus direitos, pode ligar para o 151, ou ainda procurar órgão em qualquer um dos endereços que estão página do Procon (procon.pb.gov.br) ou mesmo através das redes sociais Instagram, Twitter e Facebook. “Primeiramente o consumidor deve procurar o fornecedor, não resolvendo, procura o Procon Paraíba”, concluiu Késsia.

Consumidor tem direito ao arrependimento

Principal data comemorativa do ano, o Natal levará mais de 132,9 milhões de consumidores às compras, conforme pesquisa feita pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil). Deste total, 50% pretendiam fazer compras pela *internet*, o que representa 81,4 milhões de consumidores. Para aqueles que optam pela comodidade das compras *on-line*, feita até a partir do seu

smartphone, as regras para troca são diferenciadas.

Devolução

Para compras feitas fora do estabelecimento comercial, seja *on-line*, por telefone ou catálogo, o CDC estabelece o “Direito ao Arrependimento”. O consumidor pode devolver o produto no prazo de sete dias, sem a necessidade de justificativa e com nenhum custo, incluindo valor do frete de retorno.

“Como o consumidor não tocou, não, viu o produto presencialmente, ele pode ter o direito de reflexão de sete dias e pode desistir, inclusive as despesas correm por conta do próprio fornecedor e não do consumidor. Então, são coisas diferentes, mas que na hora da compra vale a pena ficar atento”, disse Késsia Lilliana.

Ainda segundo a pesquisa da CNDL, 78% dos consumidores que irão comprar presentes pela *internet* deve utili-

zar os *sites*, 70% os aplicativos e 19% o Instagram. Os *sites* internacionais ultrapassaram os nacionais na preferência dos consumidores que pretendem comprar os presentes *on-line*. De acordo com os entrevistados, 65% pretendem comprar os presentes de Natal em *sites* de lojas internacionais, 55% em *sites* nacionais, 44% em lojas de departamento e 34% nos classificados de compra e venda de produtos novos e/ou usados.

Shoppings são locais preferidos para compras

Na Paraíba, pesquisa recente divulgada pela Fecomércio mostrou que mais de 65% dos paraibanos pretendem presentear neste Natal. A pesquisa apontou que os produtos mais procurados serão vestuário, respondido por 54,48% dos entrevistados, seguidos por brinquedos (17,56%), calçados (12,19%), eletrodomésticos/eletroeletrônicos e perfumes (com 10,04% cada).

O gasto médio com as compras de Natal desse ano é estimado em R\$ 208,69, superior em 4,55% ao registrado no mesmo período do ano passado. A maior parte dos entrevistados manifestou desejo de comprar presente com valores entre R\$ 101 e R\$ 250 (32,97%), seguidos pelos que pretendem gastar até R\$ 100 (29,75%) e os que pretendem gastar de R\$ 251 a R\$

350 (16,13%). Os entrevistados que pretendem comprar presentes com valores acima de R\$ 800 representam 8,96% dos respondentes.

Preço é diferencial

Os *shoppings centers* continuam sendo os locais preferidos para as compras, escolhidos por 58,06% dos entrevistados. Em seguida aparecem as lojas no centro

(25,45%). Neste ano, o comércio online deve responder por 20,07% das vendas na Paraíba. Os preços dos produtos aparecem como principal motivo para a escolha do local de compras, com 68,82% das citações, seguidos pela qualidade dos produtos (24,01%), o conforto no local de compra (18,64%) e a variedade de produtos ofertados nos estabelecimentos (13,26%).

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

Retrospectiva econômica e visões para 2024

Ao nos despedirmos de mais um ano, celebramos o fim das implicações diretas da crise sanitária imposta pela Covid-19 nos últimos três anos (2020, 2021 e 2022). Este fato, por si só, já é motivo de comemoração. No entanto, os impactos na economia persistem até os dias atuais. Apesar dos desafios em alguns aspectos, é evidente que, este ano, a economia se manteve mais estável e melhorou em relação a alguns indicadores macroeconômicos.

Analisando o Boletim Focus, que reflete as expectativas do mercado no início de 2023, as projeções para o crescimento do PIB brasileiro eram de 3,03%. Ao longo do ano, observamos poucas mudanças, indicando que o PIB de 2023 deve manter-se em torno de 3%. Embora não tenhamos alcançado um crescimento acima do esperado, como em 2022, permanecemos alinhados com as previsões, o que, de forma geral, não é negativo.

No mercado de trabalho, mesmo com um ritmo de crescimento menor que o observado em 2022, o saldo continua positivo na geração de novas vagas com carteira assinada. Destaque para a taxa de desocupação, que deve fechar o ano em 7,8%, ante 8,3% em 2022. Entretanto, as projeções indicam uma elevação da taxa de desocupação para 2024, atingindo 8%. Este é um forte indicativo do esfriamento econômico que está por vir.

Quanto à inflação, experimentamos uma considerável melhoria em relação às projeções iniciais, que apontavam para uma taxa de 5,6%. Atualmente, caminhamos para encerrar o ano em torno de 4,4% - 4,6%. Esse resultado é fruto da batalha travada pelo Banco Central, que implementou o aperto monetário no país, elevando a taxa de juros - Selic. Ainda que a taxa de juros permaneça em um patamar acima de dois dígitos, refletindo incertezas em relação aos problemas fiscais, é digno de nota que encerramos o ano com uma taxa inferior àquela com a qual iniciamos, passando de 13,75% para 11,75%.

No mercado financeiro, a bolsa de valores acumula um crescimento de 23% ao longo de 2023, um aumento expressivo em comparação aos 4,7% registrados em 2022. A redução das taxas de juros foi um dos principais impulsionadores desse crescimento, impactando os rendimentos da renda fixa e levando os investidores a buscar opções mais arriscadas para obter resultados mais significativos. Outro fomentador que podemos destacar é a recente aprovação da Reforma Tributária, mesmo com todas as críticas, é um avanço histórico.

Ao olharmos para o próximo ano, as perspectivas apontam para a continuidade do crescimento do mercado financeiro, uma vez que o ciclo de aperto monetário global tende a desacelerar com a queda da inflação. No entanto, incertezas surgem com a expectativa sobre o crescimento da economia para 2024 na casa dos 1,5%, mostrando um cenário significativamente menor em comparação a este ano. Todos os setores econômicos tendem a ser afetados, especialmente aqueles que já enfrentam problemas significativos, como a indústria e o comércio. Além disso, os indicadores de confiança continuam a cair, tanto pela ótica dos produtores quanto dos consumidores.

Apesar do cenário, desejo a todos um Feliz Natal e que em 2024 vocês façam a diferença!

FRAUDES DIGITAIS

Golpes geram prejuízos financeiros

Especialistas alertam para os crimes mais comuns e explicam quais medidas legais as vítimas devem adotar

Agência Unico

Quem nunca ouviu falar de alguém que teve o cartão de crédito clonado ou que clicou em um *link* e teve os dados bancários roubados? À medida que a tecnologia avança e facilita a nossa vida, os golpes financeiros e fraudes digitais também vão ficando mais sofisticados.

Recentemente, a fotógrafa Aline (nome fictício) foi alvo de um golpe. Ela, que prefere não se identificar, teve a conta do WhatsApp invadida por um criminoso que se passou por um funcionário de uma empresa para a qual ela presta serviços. Ele, que já tinha alguns dados da vítima, pediu o *e-mail* e, ao mesmo tempo em que conversava com ela, enviou um SMS.

“Ele ficou me distraindo. Eu estava baixando umas fotos e informei o código que seria de uma suposta reunião e que chegou pelo SMS. Mas, quando percebi, ele já tinha roubado a minha conta”.

Em instantes, o golpista enviou mensagens para diversos contatos da fotógrafa pedindo dinheiro, inclusive nos grupos de trabalho. “Eu fui tentando alertar as pessoas pelo Instagram e pedindo para que replicassem a informação. Não sei se alguém enviou dinheiro. Mas fiquei mais de uma semana para recuperar minha conta. Foi uma dor de cabeça”.



Foto: Freepik

Além do prejuízo financeiro, é importante lembrar que os dados pessoais das vítimas, obtidos de forma ilegal, podem ser usados em diversas fraudes

O que Fazer?

Especialista em Direito Penal e Crimes Cibernéticos, o advogado Jair Jaloreto diz que é fundamental agir rapidamente, lembrando ainda de guardar provas, como faturas e registros de ligações, para eventuais ações de pedido de ressarcimento dos valores.

“A primeira coisa a fazer é contatar a instituição financeira onde mantém seus recursos. Informar também a companhia telefônica para o bloqueio da linha. Depois, registrar a ocorrência na delegacia. Atualmente, a maioria dos estados permite que se faça isso pela *internet*, no *site* da Polícia Civil”, explica Jaloreto.

Além do prejuízo financeiro, é importante lembrar que os dados pessoais obtidos ilegalmente podem ser usados em diversas fraudes, como abertura de contas bancárias, obtenção de empréstimos fraudulentos, aquisição de veículos, entre outras.

“De posse dos dados financeiros da vítima, o fraudador pode tentar desviar os recursos para contas de terceiros envolvidos no crime, além de existir sempre a possibilidade de extorsão e até sequestro”, diz o advogado.

Tecnologia é aliada no combate às fraudes, mas é preciso saber usar

É importante saber quais medidas podemos adotar após cair em um golpe. Mas é ainda mais crucial saber como se proteger para evitar situações como essas.

O primeiro passo é entender a importância de proteger os dados pessoais. A desconfiança também faz parte do processo de “blindagem” contra os fraudadores. Portanto, não clicar em *links* encaminhados por mensagem de texto ou por *e-mail* e não passar senhas ou informações pessoais por telefone. Em caso de dúvida, entrar em contato diretamente com a empresa para confirmar se determinada informação é verdadeira ou não.

No combate aos crimes digitais, a inovação também desempenha um papel importante. Uma medida eficaz para evitar diversos tipos de fraudes de identidade é o uso da biometria facial. Dessa forma, é possível garantir a identidade das pessoas de forma simples e segura nas mais diversas transações.

“A capacidade mais importante da biometria facial é que a distingue diretamente de qualquer outro segundo fator de autenticação é a dificuldade da personificação da vítima por possíveis atacantes. Não existem métodos utilizados por ofensores para burlar este mecanismo de segurança sem gerar muito ruído nos provedores.

Claro que com este método no caso de situações de fraude há muitos caminhos para o usuário provar que não fez uma determinada compra ou transação”, explica Alex Nunes, diretor de Tecnologia e Segurança da Unico.

Diferenciais e desafios

Atualmente, as pessoas já encontram a biometria facial no dia a dia. “A utilização mais comum para os usuários creio que é para desbloquear celulares. Hoje quase todos os provedores de celular possuem um método de autenticação por face, fica claro para o usuário final como além de ser mais fácil de utilizar este tipo de autenticação é mais seguro do que qualquer outra biometria”, destaca Nunes.

Já na questão da proteção dos dados para combater os golpes financeiros, a biometria facial se transforma em mais um bloqueio para a identificação dos golpes.

“Antes da autenticação por face, já existiam diversas normas de segurança que as empresas que oferecem esse tipo de serviço deveriam seguir. A segurança deve ser implementada por camadas, não podemos abandonar as camadas anteriores para a implementação de novas. A autenticação facial, apesar de ser um fator muito forte, não é uma bala de prata em relação a todos os tipos de ataques que uma empresa possa

sofrer. Dito isso, a biometria facial oferece o método de autenticação com mais possibilidade de separar casos de fraude e de transações legítimas, fala o diretor de Tecnologia e Segurança da Unico.

Segurança dos dados

Com todas essas informações à mesa, a dúvida agora é: como as empresas podem garantir a integridade e a segurança dos dados biométricos dos usuários? Para resolver esse dilema, Nunes afirma que existem duas perspectivas que precisam ser consideradas.

A primeira diz respeito à proteção dos dados do usuário em relação aos ataques à base de dados de uma empresa. “Nesse caso, é possível usar todas as normas e todos os métodos de segurança disponíveis atualmente”. O segundo ponto é a garantia que os dados do usuário são legítimos e que a captura da face para autenticação é válida.

“No caso da proteção dos dados capturados e utilizados para autenticação existem a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) e as normas de segurança que toda indústria deve seguir. Esse eu creio que seja um panorama mais fácil de entender, já que os ataques e os métodos de proteção são bem conhecidos pelas empresas que prestam esse tipo de serviço”, finaliza o diretor de Tecnologia e Segurança da Unico.

Especialista diz que faltam opções de proteção contra crimes virtuais

Agência Estado

Ao descobrir que o próprio pai caiu no chamado golpe do Pix, perdendo cerca de R\$ 15 mil, Márcia Netto percebeu que uma solução na área de segurança digital seria uma boa opção. Assim, ela criou a Silverguard, empresa que opera atualmente com um *chatbot* voltado para a ajuda dos usuários que acabaram de sofrer algum tipo de golpe digital. A interação ocorre por meio de um telefone

“O cidadão comum ainda não está acostumado com essa conversa sobre segurança digital. Um dos grandes problemas é a educação sobre o tema

de WhatsApp verificado e opera de forma gratuita desde meados de maio, somando mais de 10 mil denúncias computadas.

A empresa se prepara para lançar seu principal produto: uma assinatura de segurança digital (com preço ainda a ser definido) que irá unir ferramentas de prevenção a golpes virtuais, proteção de dados e outras funções voltadas para segurança digital para todos os tipos de público.

O serviço deve contar ainda com uma opção de seguro voltado especialmente para golpes digitais, além de proteção de *apps* e senhas de pânico, que podem ser ativadas em caso de assalto. Apesar de inicialmente se voltar para o público mais velho, a Silverguard foi pensada para o público geral, sem distinção de idade.

Foram definidas duas frentes de atuação. Uma delas, já disponível para o público, é o SOS Golpe, que opera desde maio deste ano. A ferramenta oferece atendimento gratuito para quem acabou de sofrer um golpe, incluindo um protocolo próprio que inclui as ações prioritárias a serem feitas.

A segunda, por meio do aplicativo, que ainda está em desenvolvimento,

dá ao usuário acesso a diferentes soluções de segurança digital. Alguns dos recursos serão alertas sobre a descoberta de novos golpes, identificação automática de mensagens de números de WhatsApp já classificados como golpistas, assistência e seguro.

“O cidadão comum ainda não está acostumado com essa conversa sobre segurança digital. Um dos grandes problemas é a educação sobre o tema”, afirma o coordenador do MBA em Cibersegurança da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Álvaro Massad. Para ele, as opções de *softwares* de segurança se concentram no mundo corporativo, em especial em soluções para grandes empresas, o que faz com que programas voltados para o atendimento de usuários comuns tenham espaço no mercado.

“Existem várias ferramentas voltadas para educação no mercado - de bancos, entidades e universidades - mas não como produto e serviço”, afirma Massad. Para o especialista, a alternativa, integrada com uma opção de assinatura, pode ser uma boa opção, especialmente considerando que o avanço de golpes e *softwares* maliciosos só tende a aumentar.

Álvaro Massad

PARQUE TECNOLÓGICO

Fundação impulsionalará setor na PB

Instituição é vinculada à Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior

Márcia Dementshuk
Ascom Secties-PB

Iniciado no ano de 2021, o Programa Parque Tecnológico Horizontes de Inovação (PTHI) foi estabelecido com a finalidade de impulsionar o desenvolvimento e a implementação de tecnologias inovadoras no estado da Paraíba. Atualmente, o programa evoluiu para se tornar uma Fundação, conforme estabelecido pela Lei Complementar Nº 188, que institui a Fundação Parque Tecnológico Horizontes da Inovação (FPTHI), aprovada na Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba e sancionada na última semana pelo governador João Azevêdo. É uma fundação pública, com personalidade jurídica de direito privado, dotada de autonomias, vinculada à Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties).

A sede física será no antigo prédio que anteriormente abrigava o Colégio Nossa Senhora das Neves, situado no Centro Histórico da capital paraibana. O local está em reforma e adaptação. Para o secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado, a criação da FPTHI é fruto do avanço em inovação na Paraíba. “O Parque surgiu da demanda do ecossistema de João Pessoa por um ambiente que pudesse receber empresas nascentes de tecnologia. Há um parque tecnológico em Campina Grande, um dos mais antigos do Brasil, ou seja, um ecossistema já organizado. Mas não havia na cidade de João Pessoa, nem no entorno ou no resto do Estado, um empreendimento que pudesse congrega o ecossistema de inovação do Estado”.

“Já tendo bem mais empresas de base tecnológica em João Pessoa, esse clamor, vamos dizer assim, foi ouvido. Então, realizamos a inclusão do Parque, o PTHI no Plano de Governo de João Azevêdo. Depois de vários

Foto: Mateus de Medeiros



A FPTHI foi aprovada na Assembleia Legislativa da Paraíba e sancionada na última semana pelo governador João Azevêdo

estudos, foi escolhido pelo governador o Centro Histórico de João Pessoa para estabelecer a sede. Houve uma concretização disso a partir da apropriação do antigo Colégio Nossa Senhora das Neves, que hoje está em reforma”, ressaltou o secretário. Os estudos destinados a estabelecer o arranjo jurídico mais adequado foram iniciados imediatamente. Anteriormente a isso, os primórdios deste projeto estão registrados na lei que instituiu a Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, momento em que a Executiva de Ciência e Tecnologia foi desmembrada da Educação, em janeiro deste ano. Trata-se de um processo que vem se consolidando progressivamente.

Incubação

A tecnologia e a inovação, no entanto, já permitem um percurso exitoso para as atividades realizadas pelo Programa PTHI. A fase inicial de concepção desse empreendimento é administrada por meio da Secties, não só o projeto geral como também efetivando processos de incubação. Além da participação em eventos dentro

e fora da Paraíba, a publicação de editais pelo Governo do Estado já permite o acolhimento, a pré-incubação e a incubação de projetos empresariais inovadores (as *startups*) e a aceleração de empresas que, também com características inovadoras, buscam a inserção no mercado.

Até agora aproximadamente 30 *startups* foram acolhidas em processos de pré-incubação e aceleração, e 14 destas concluíram os respectivos ciclos, foram graduadas e já se inserem no mercado. “Começamos a entender como modelar nosso negócio, como entender sua viabilidade. O Parque Horizontes de Inovação realmente foi um grande parceiro nosso, no papel de auxiliar com esse apoio e de uma forma contínua”, declarou Laís Catarine – COO da Startup @ weguidetour.

Para 2024 está prevista a conclusão do terceiro ciclo e a abertura do quarto ciclo de incubação, no segundo semestre, com mais 26 empreendimentos oriundos do edital Celso Furtado, da Hackathon Imagine The Future e de um próximo edital de incubação a ser publicado

brevemente. É um empreendimento destinado a impulsionar outros empreendimentos, construir a cultura de inovação no estado da Paraíba.

Estes e outros traços formavam desenhos iniciais na mente do secretário Claudio Furtado, da Secties, conforme seu relato: “Com a Lei aprovada finalizaremos o estatuto, o qual definirá as normas de funcionamento do PTHI. A lei é uma questão administrativa”, explica Furtado. Conforme ele menciona, o Parque está inserido em um conjunto de inicia-

tivas promovidas pelo Governo do Estado e pela Prefeitura de João Pessoa com o objetivo de revitalizar o Centro Histórico. “A decisão sobre a localização do Parque esteve, desde o início, alinhada a esse propósito. A ideia de introduzir no centro da cidade um equipamento de tal magnitude seria um elemento crucial no processo de revitalização e requalificação do Centro Histórico”, salienta o secretário. Tal medida incentivará a instalação de empresas, incrementará o fluxo de pessoas e fomentará a necessidade de estabele-

cimento de residências, culminando na renovação das estruturas do Centro.

A expectativa da criação do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação está sendo alcançada. Furtado finaliza considerando “um grande acerto e o cumprimento de uma promessa feita: dar oportunidade a pessoas formadas, aos acadêmicos, que possam se envolver no empreendedorismo. É a ciência e a tecnologia contribuindo para o desenvolvimento do Estado da Paraíba com qualificação, ou seja, um PIB qualificado”.



A sede da FPTHI será no antigo prédio do Colégio Nossa Senhora das Neves, no Centro de JP

PTHI promoverá transformação na estrutura produtiva do estado

Ao mencionar um “PIB qualificado”, o secretário Claudio Furtado se refere ao aumento da renda per capita do estado com base em uma transformação da estrutura produtiva da Paraíba, de forma que ela seja capaz de pagar melhores salários.

A Paraíba teve um PIB per capita de R\$ 19.082, em 2021 - o paraibano, em média, ganha 1.590,00 por mês (Seplag/PB/2023/IBGE). No Estado de São Paulo o salário médio por pessoa, no mesmo ano, foi de R\$ 4.858 (IBGE). Dadas as diferenças para essa comparação, os dois estados se destacam na área de serviços com relação ao PIB. Mas na PB o valor equivale a 80% do PIB,

enquanto que em SP, o percentual varia entre os 30%.

Segundo os economistas, o desafio é a qualidade dos empregos, os salários baixos equivalem a atividades de baixo valor agregado. Essa característica é forte na economia paraibana. Por outro lado, São Paulo, se fosse um país, estaria entre 21ª economia do mundo, possui forte densidade industrial e tecnologia agrícola. Em dados mais recentes, os 100 milhões de brasileiros ganham em média R\$ 2.900,00 por mês (PNAD 2023/IBGE).

A coordenadora do Programa Parque Tecnológico Horizontes de Inovação, Francilene Procópio, anali-

sa o papel do PTHI através dessa perspectiva. “O Parque será uma alavanca para a evolução da Paraíba, puxado pela política pública governamental, que é fundamental. Está inserido como impulsionador para as empresas a repensarem a sua atuação. Não importa o tamanho da nossa indústria, o tamanho das empresas ou grau de desatualização delas, é importante que nós tenhamos uma oportunidade de evoluir”.

Francilene Procópio destaca um segundo ponto citando a procura de cidades com boa qualidade de vida e um custo mais baixo pelos “nômades digitais”, aquelas

pessoas que escolhem locais para viver e prestam serviços de forma remota através das plataformas. “Os municípios paraibanos com mais de 100 mil habitantes atraem essas pessoas. Dois elementos são atrativos para que essas cidades sejam escolhidas: a remuneração abaixo da média do mercado e a presença de banda larga. Então, eu vejo nisso oportunidades importantes para João Pessoa e cidades de porte médio que são nucleadoras de mudanças e transformações no estado”.

Além desses pontos, Procópio cita a perenização dos investimentos em C,T&I como fundamental: “Particularmente o Governo do Es-

tado está comparecendo e mantendo de forma contínua investimentos nas áreas de ciências, tecnologia e inovação, olhando não apenas para o apoio à Universidade Estadual, mas também aos programas de fomento à inovação e ao empreendedorismo inovador no estado.

A Paraíba aparece no relatório Indicadores Nacionais de Ciência, Tecnologia e Inovação 2022, do MCTI, como o 3º estado no ranking nacional cujo tesouro público mais investiu em Ciência (o 1º é SP e o 2º é o PR). Nessa esfera, a institucionalização da Fundação Parque Tecnológico Horizontes de Inovação (FPTHI) sinaliza a integração da

Paraíba à tendência global da indústria 4.0.

“Podemos dizer que nos próximos 10 anos vamos esperar maior presença de empresas inovadoras contribuindo para o PIB do Estado, para um aumento significativo no valor do salário médio pago, sobretudo àquelas ocupações que estão atuando nessas cadeias baseadas em conhecimento. E mais do que isso, a transformação das regiões. Isso vale para todo estado, não apenas para a capital, mas para as cidades nucleadoras, sobretudo aquelas onde a gente tem a presença de instituições científicas e tecnológicas”, finaliza Procópio.

“
O Parque surgiu da demanda do ecossistema de João Pessoa por um ambiente que pudesse receber empresas nascentes de tecnologia

Claudio Furtado

Foto: Ascom Secties

PRESERVAÇÃO

Reflorestar reduz impacto da erosão

Pesquisadores apontam que ação humana acelerou processo em falésia, mas há como reverter impacto

André Resende
andresendejornalismo@gmail.com

Como tudo que é sólido se desmancha, as barreiras e falésias do Litoral paraibano não estão imunes à ação dos ventos e das águas. Seja pela ação da própria natureza, em sua comunicação silenciosa, ou pelo agir do homem, nas intervenções barulhentas e poluentes, o Litoral paraibano vem há alguns anos, assim como o litoral de outras partes do mundo, em um processo de alteração do seu estado. O tempo de transformação, porém, é distinto: quanto mais presença do homem, mais rápido ele se dará.

O professor Saulo Vital, do Departamento de Geociências do Centro de Ciências Exatas e da Natureza da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), é responsável por coordenar um grupo de pesquisa sobre o processo erosivo no Litoral do estado. Dentre os objetos de estudo do professor está a falésia do Cabo Branco, conhecida como Ponta do Seixas, ponto mais oriental do continente americano. O professor explica que a ação do homem apressou o processo de degradação do cartão postal.

Ainda de acordo com Saulo Vital, apesar da degradação, é possível promover uma intervenção benéfica, no sentido de evitar que a erosão na Ponta do Seixas siga em um ritmo que vá comprometer os prédios que foram construídos na região. “A ocupação humana tem acelerado a erosão e existe, sim, uma forma de reverter isso, que seria reflorestar ao máximo. A nossa indicação é realizar um reflorestamento, que deve ser feito, sobretudo, no topo da barreira e o mais próximo possível dos pontos erosivos”, comentou.

Para o pesquisador, está claro que a ocupação ao longo dessas décadas aumentou a erosão na barreira, que é um evento natural, que pertence à dinâmica dessas formações costeiras. Aliás, Saulo Vital explica que a erosão, em níveis naturais, ou seja, a transformação dos sedimentos que caem das falésias, integram um processo que ajuda na formação dos bancos de areia das praias, sendo levados pelos ventos ou pelas correntes marinhas.

Por esse motivo, ao invés de impedir o processo erosivo natural, com a intervenção de gabiões ou quebra-mares no sopé da barreira, os poderes públicos poderiam fortalecer o solo com o reflorestamento da área, além de uma política de proteção da região a partir do ordenamento da ocupação pela construção civil.

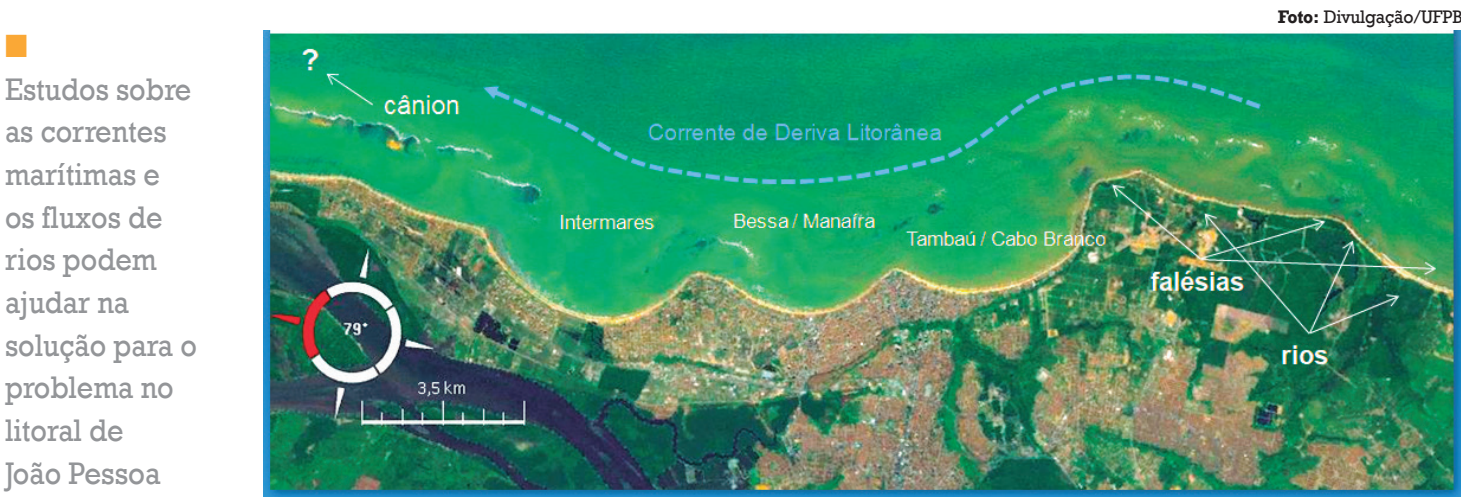
“Se a falésia for completamente concretada, se ela for completamente ocupada, pode trazer sérios danos ao meio ambiente. Inclusive, já tem causado hoje, por exemplo, o próprio enrocamento que tá ali no sopé da barreira protege da erosão marinha, mas gerou outros impactos secundários. A impermeabilização do solo no topo da barreira diminui a infiltração e aumenta o escoamento das águas que ganham mais força e começa a erodir na face da barreira”, complementa.



Barreira tem sofrido com a ação das marés e o impacto de ações humanas



Intensificar o plantio de mudas é uma das soluções para diminuir o problema



Estudos sobre as correntes marítimas e os fluxos de rios podem ajudar na solução para o problema no litoral de João Pessoa

Intervenções mal planejadas podem fazer com que haja recuo na faixa de areia de algumas praias da capital

Pesquisadores apontam que rios trazem a areia do oceano até a praia e o mar escava os materiais das falésias



Rios como o do Cabelo são considerados as nascentes das praias



Alguns rios, segundo pesquisadores, não estão mais cumprindo essa tarefa

Ações podem proteger as edificações próximas

Outro professor, pesquisador, Tarcísio Cordeiro, do Departamento de Sistemática e Ecologia, responsável por vários estudos em oceanografia do Litoral paraibano, explica que é mais fácil de entender o processo entre erosão e deposição quando se compreende as praias como rios de areia, uma vez que a areia que vemos hoje nas praias vai se deslocar em algum momento. Desta forma, as praias sempre vão precisar de “nascentes” de areia, porque a ação do vento e do mar naturalmente vai diminuir a largura das praias.

“As nascentes das praias são os rios e falésias. Os rios trazem a areia do continente até a praia, lembrando que muitos rios já não fazem mais isso. As falésias vivas também são nascentes de areias, então, se impedirmos o mar de escavar as falésias, vai ter menos areia no

rio. Se por qualquer motivo todas as nascentes “secarem”, o rio de areia vai continuar a fluir e a praia vai esvaziar, por assim dizer. Se o enrocamento diminui a erosão do mar sobre as falésias de Cabo Branco, é de se esperar que ocorra uma erosão correspondente nas praias de Cabo Branco, Tambaú, etc”, explica Cordeiro.

Desta forma, a intervenção direta sobre o processo erosivo das falésias gera um impacto direto sobre a dinâmica que existe nos bancos de areia do Litoral. A suposta correção de um problema pode gerar um outro problema, uma vez que a natureza em sua dinâmica excludente da ação humana, está interligada. O homem ocupa, perturba a relação, e depois intervém para reduzir os efeitos desta perturbação com uma solução que não resolve. Ao contrário, vai exigir outras intervenções que se-

guem, essas sim, uma relação de causa-efeito sem fim.

A ocupação contínua do topo do barreira do Cabo Branco apressou o processo erosivo que, por sua vez, exigiu um enrocamento para evitar que grande parte das estruturas erguidas não fosse comprometida, fato que por consequência, para evitar o desgaste, vai ativar um processo de redução da largura das praias urbanas de João Pessoa ao Norte. A situação, aliás, traz à tona a situação da engorda das faixas de areia recentemente ventiladas pela Prefeitura de João Pessoa.

“Sobre a engorda de praia em João Pessoa, do meu ponto de vista essa ainda é uma opção no cardápio, desde que assegurada a preservação dos corais. Sem os corais, o alargamento não irá resistir por muito tempo, sendo necessária a sua repetição de tempos em tempos. A

engorda de praia é uma intervenção cara do ponto de vista financeiro e ambiental, em diversos aspectos, desde o impacto sobre a pesca e o turismo local e terminando pela emissão de gases de efeito estufa. Acho que existem outras opções que devem ser consideradas, como por exemplo, a instalação de recifes artificiais”, detalha o professor de oceanografia.

A erosão do Litoral paraibano, para além dos fatos postos, passam uma clara mensagem sobre a intervenção humana na natureza. O que é natural tem seu próprio tempo, que pode ser atrasado ou apressado a depender de como nós, seres humanos, escolhemos interagir. Ainda é possível encontrar a medida certa da intervenção, ou melhor, de coexistência entre homem e meio ambiente: ela está escondida em respeitar e preservar o tempo da natureza.

Paraibano faz história no vôlei da Lituânia

Matheus Araújo já jogou em vários países e diz que, no Brasil, o jogador não é muito valorizado

João Thiago
joaothiagocunha@gmail.com

Matheus Araújo Veloso participou da Copa da Lituânia, maior torneio de vôlei do país báltico. Seu time, o Amber Volley, venceu o campeonato e o oposto paraibano foi eleito o melhor jogador em quadra. A caminhada de Matheus desde o Colégio Polígono, de João Pessoa, até as ligas internacionais de vôlei é cheia de altos e baixos, mas sempre foi marcada pela perseverança e pelo amor pelo esporte.

“Eu me apaixonei cedo pelo vôlei, jogando, ainda adolescente, pela escola onde estudava. Cheguei à seleção paraibana, onde joguei torneios nacionais, e isso me levou para outros lugares do Brasil, ainda aos 14 anos”, lembra o atleta.

“

Eu me apaixonei cedo pelo vôlei, jogando ainda adolescente, pela escola onde estudava. Cheguei à seleção paraibana, onde joguei torneios nacionais, e isso me levou para outros lugares do Brasil, ainda aos 14 anos

Matheus Araújo Veloso

A primeira cidade por onde jogou foi São José dos Campos, no Vale do Paraíba, no interior de São Paulo. Depois, foi para Uberlândia, no Triângulo Mineiro, em Minas Gerais. Depois, em Sertãozinho, na grande Ribeirão Preto, jogou o sub-19 e em São Caetano, no ABC Paulista, jogou uma liga profissional pela primeira vez.

“Foi um longo caminho, que me ensinou muito. Estou na estrada há muito tempo, e desde muito cedo. Isso faz a gente mudar, se torna muito adaptável. Quando eu era adolescente, jogando por esses times todos, conheci muita gente, muitos sotaques, viajei pelo Brasil... isso faz a gente crescer cedo. Foi muito boa essa experiência”, destaca Matheus.

Nômade internacional

Foi jogando o Brasileiro pelo São Caetano que Matheus chamou a atenção de times internacionais e começou sua carreira fora do Brasil. A primeira experiência foi o Qatar, onde ficou por três anos, vivendo inserido em uma cultura totalmente diferente da sua.

“Foi a experiência mais difícil nesse sentido, de choque cultural. É um povo muito diferente do nosso. Tínhamos uma comunidade de brasileiros bem forte por lá, que me acolheu e me ajudou a viver naquele local. A gente aprende, cresce, aprecia outras culturas. Foi um tempo que começou difícil, mas me deu forças para evoluir”, frisa.

Do Qatar ele foi para o Líbano, voltou para o Brasil e jogou no Paraná, pelo AVP Palmas, jogou a Superliga B, pelo Canoas e voltou para o mundo. Jogar no Brasil não faz parte dos objetivos dele no futuro.

“Financeiramente falando é muito diferente. O Brasil não oferece uma estabilidade para o atleta. Os salários não são condizentes com a nossa condição, e é muito difícil viver do vôlei aqui no país. O ideal é, mesmo, sair daqui e encontrar um caminho fora”, explica.

Há outras diferenças gritantes entre jogar no Brasil e jogar fora. O ritmo é bem diferente. “Lá fora a cobrança é maior, pois os times investem muito em você. Você é o cara de fora que vem para resolver mesmo. É o jogador que tem algo diferente para oferecer, então você tem que ter um rendimento maior. Nos oito meses da temporada eu estou totalmente disponível para o time. Totalmente focado, mas os treinos são mais leves. Nos outros quatro meses eu viajo para o Brasil e eu tenho uma vida confortável”, destaca.

“Já no Brasil o volume de treino e jogo são muito maiores o ano inteiro. A gente passa muito tempo treinando, muito tempo do ano se dedicando ao vôlei, e financeiramente não compensa tanto quanto jogar lá fora”, revela. Desde 2019, quando voltou ao Brasil, Matheus tem o acompanhamento de uma assessoria que administra a carreira dele. Desde então ele já jogou uma temporada no vôlei português, passou dois anos na Grécia e agora brilha na Lituânia, onde ainda tem, pelo menos, mais quatro meses de trabalho.

“Ainda temos a ‘Liga da Lituânia’ e a ‘Liga dos Países Bálticos’ pra jogar. Temos jogos até abril. Depois disso eu renegocio meu caminho com o Amber Volley ou vou para outro lugar. Estou no terceiro ano de Educação Física, e espero, no futuro, poder me estabelecer como treinador profissional. A experiência fora conta muito para mim. A experiência não é só no vôlei, mas em tudo. Aconselho a qualquer um que experiente”, conclui.

Foto: Arquivo pessoal

Ele ainda tem mais quatro meses para jogar na Lituânia e, como andarilho do vôlei, não sabe qual será o seu próximo destino

EM MUNDIAIS

Brasil fecha 2023 com 20 medalhas

Esporte olímpico tem um excelente desempenho, e destaque maior fica por conta da ginástica artística

Foto: Ricardo Bufolin/CBG

O ano de 2023 vai terminando e o Comitê Olímpico do Brasil (COB) tem muitos motivos para comemorar. Ao longo da temporada, foram 20 medalhas em campeonatos mundiais ou competições equivalentes de dez diferentes modalidades, considerando as provas que estão no programa de Paris 2024.

“2023 foi mais um ano positivo para o esporte olímpico brasileiro. As conquistas em campeonatos mundiais refletem a qualidade do trabalho em conjunto desenvolvido pelo Comitê Olímpico do Brasil e as confederações. Entramos agora no último ano deste ciclo olímpico otimistas e motivados para um grande desempenho de nossos atletas em Paris 2024”, afirmou Paulo Wanderley, Presidente do COB.

Ao todo, foram quatro ouros, sete pratas e nove bronzes em campeonatos mundiais.

Puxada pelo talento de Rebeca Andrade, a ginástica artística foi o grande destaque com seis pódios, entre eles a inédita prata por equipes. Rebeca também foi coroada com o ouro nos saltos, prata no individual geral e solo e bronze na trave. Já Flávia Saraiva conquistou sua primeira medalha em mundiais, o bronze no solo.

A radicalidade do skate street e do surfe também garantiram troféus de campeões para o Brasil em 2023, respectivamente com Rayssa Leal e Filipe Toledo.

Vieram do skate park outras duas medalhas de prata, com Augusto Akio, e Luigi Cini, e um bronze com Pedro Barros.

O boxe do Brasil teve duas medalhas em 2023. Bia Ferreira conquistou a bicampeonato na categoria até 60kg e Wanderson Oliveira foi bronze no médio ligeiro (-71kg). No judô, foram dois bronzes, com Beatriz Souza e Rafael Silva.

A dupla de vôlei de praia Ana Patrícia e Duda teve



A ginástica artística teve um ano quase perfeito e conquistou seis pódios, entre eles a inédita medalha de prata por equipes, além do brilho de Rebeca Andrade, que foi ouro nos saltos

uma excelente temporada, terminando o mundial da modalidade com o vice-campeonato.

Caio Bonfim, na marcha atlética, e Maria Clara Pacheco, no taekwondo, também subiram ao pódio, com a terceira colocação em seus respectivos mundiais.

Outro que se destacou em 2023 foi Marcus D’Almeida, que conquistou a medalha de bronze no Mundial de Tiro com arco e terminou o ano na liderança do ranking mundial do recurvo.

Skate

O COB considerou em seu levantamento os dois mundiais por categoria no skate realizados em 2023.

Em 2022, o Brasil con-

quistou 23 medalhas em campeonatos mundiais.

Além de modalidades com tradição de medalhas, o atual ciclo vem mostrando a ascensão de outras, como o próprio tiro com arco, além do tênis de mesa, canoagem slalom e da ginástica rítmica, que chegou bem próxima de uma medalha mundial inédita.

“Os resultados dos mundiais em 2023 nos deixam satisfeitos e servem como bons parâmetros do cenário atual, mas sabemos o nosso foco da preparação e do planejamento é no objetivo principal que são os Jogos Olímpicos de Paris. Nesse que é o ciclo olímpico mais curto da história, tivemos a confirmação do bom momento de alguns de nos-

sos principais nomes, novas modalidades se destacando e jovens atletas com um futuro promissor pela frente despontando. Um dos nossos grandes objetivos é que a gente tenha um maior número de modalidades com medalhistas para aumentar o leque de possibilidades em grandes competições. Temos algumas novas modalidades muito próximas de chegar a uma medalha olímpica. Entraremos agora no ano olímpico com muita confiança e pensando em todos os detalhes para oferecer a melhor preparação para que nossos atletas cheguem no melhor de suas performances nos Jogos Olímpicos”, comentou Ney Wilson, diretor de Alto Rendimento do COB.

MEDALHISTAS EM MUNDIAIS EM 2023

■ Ouro

- Beatriz Ferreira – boxe
- Filipe Toledo - surfe
- Rayssa Leal - skate street
- Rebeca Andrade – ginástica artística (saltos)

■ Prata

- Ana Patrícia e Duda – vôlei de praia
- Augusto Akio - skate park
- Equipe feminina – ginástica artística
- Luigi Cini – skate park
- Rayssa Leal - skate street
- Rebeca Andrade - ginástica artística (individual geral)
- Rebeca Andrade - ginástica artística (solo)

■ Bronze

- Beatriz Souza – judô
- Caio Bonfim – atletismo (marcha atlética)
- Flávia Saraiva – ginástica artística (solo)
- Maria Clara Pacheco – taekwondo
- Marcus D’Almeida – tiro com arco
- Pedro Barros – skate park
- Rafael Silva – judô
- Rebeca Andrade – ginástica artística (trave)
- Wanderson Oliveira – boxe

ANO DE OLIMPIADAS

CPB divulga o calendário de competições para 2024



Foto: Marcello Zambrana/CPB

A disputa das Paralimpíadas Escolares, etapa nacional, está prevista para ocorrer de 24 a 30 de novembro de 2024

O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), por meio da Diretoria de Esportes de Alto Rendimento, divulgou o calendário de competições nacionais de 2024 das quatro modalidades em que atua como confederação: atletismo, halterofilismo, natação e tiro esportivo. O calendário também contempla os eventos organizados pela Diretoria de Desenvolvimento Esportivo, como as Paralimpíadas Escolares e o Festival Paralímpico Loterias Caixa.

O destaque internacional do ano será a realização dos Jogos Paralímpicos de Paris, de 28 de agosto a 8 de setembro. Além do megaevento na capital francesa, o calendário internacional reserva para 2024 o Mundial de Atletismo de Kobe, no Japão, de 17 a 25 de maio.

No calendário nacional, o primeiro semestre tem como um de seus destaques a realização do Meeting Paralímpico Loterias Caixa, evento que, com novo formato, irá percorrer todos os estados brasileiros e o Distrito Federal, começando por Porto Alegre (RS) e Rio Branco (AC) no dia 24 de fevereiro, tanto com competições de alto rendimento como também provas para estudantes e ex-agentes das forças de segurança.

O Centro de Treinamento Paralímpico, em São Paulo, recebe no primeiro semestre a Primeira Fase Nacional do Circuito Loterias Caixa de atletismo e de halterofilismo, ambos em março. No mês seguinte, será a vez do Open Internacional Loterias Caixa de atletismo. A seguir, a natação terá duas disputas que

também servirão como seletiva para os Jogos Paralímpicos de Paris: o Open Internacional de natação e a Primeira fase Nacional do Circuito Loterias Caixa de Natação, ambas em maio. O tiro esportivo estreia no segundo semestre, com a realização do Circuito Loterias Caixa em julho, no Rio de Janeiro.

A seguir, o segundo semestre contará com duas edições do Festival Paralímpico Loterias Caixa, que tem por objetivo apresentar de forma lúdica o esporte paralímpico para crianças com e sem deficiência. O evento, realizado simultaneamente em todas as regiões do país, será realizado nos dias 21 de setembro e 3 de dezembro. Também no final do ano haverá a etapa nacional das Paralimpíadas Escolares, no CT, de 24 a 30 de novembro.

GUILHERME MADRUGA

Prêmio Puskás pode ser do brasileiro

Jogador do Botafogo de Ribeirão Preto-SP fala de sua expectativa da premiação sobre o gol mais bonito do ano

A vida de Guilherme Madruga nunca mais foi a mesma depois de 27 de junho de 2023, mas tudo mudou de novo agora, com a indicação ao Prêmio Fifa Puskás. O volante de 22 anos do Botafogo de Ribeirão Preto (interior do estado de São Paulo), está rindo à toa de pura alegria com a notícia e mostra humildade nas reações.

O jogador conversou com a Fifa sobre a realização deste sonho que nunca foi só dele – aliás, por muito tempo o futebol nem mesmo foi seu sonho! Guilherme queria o handebol, mas, aos 13 anos, ficou com as chuteiras e os gramados por decisão de seu pai, Genildo. Hoje, eles sonham acompanhados.

O golaço contra o Novorizontino – que concorre ao Prêmio Puskás com outras dez jogadas – foi, segundo as contas de Madruga, apenas o quinto da carreira. Ele ainda não balançou as redes desde aquele dia, mas parece ser questão de tempo: ele está literalmente cada vez mais perto do gol, já que começou como zagueiro, mudou para primeiro volante e, hoje, é segundo volante, a função “box to box”.

“É importante trabalhar muito. Quando comecei a jogar de segundo volante, algumas pessoas falavam que eu não conseguiria jogar de costas. E olha que consegui fazer esse gol de costas! Estou calando a boca de cada um! Com todo respeito, é claro”, brincou.

Mas será que aquele golaço de bicicleta, de fora da área, foi proposital?

“Foi intencional. Eu me cobro muito para finalizar. Eu tinha mais de 20 jogos pelo Botafogo e ainda não tinha marcado. Aquele chute de bicicleta foi um recurso na posição em que estava para não perder a bola. Mas é lógico que não é sempre que você imagina fazer um gol de Puskás. Espero que aconteça mais vezes!”, respondeu.

Madruga já tinha feito um gol parecido antes, há 9 anos, mas poucos puderam presenciar a bicicleta na ocasião. “Eu treino todo recurso possível para ficar preparado, mas não é normal acontecer aquilo. A única vez que eu tinha feito isso foi com 13 anos, jogando com meu pai e os amigos dele. E não tinha sido um chute tão de longa distância assim!”, contou.

Quando acertou a bicicleta em junho de 2023, não havia nem como pensar no Puskás: sincero, ele disse que demorou alguns instantes para perceber que tinha sido gol.

Minutos antes da jogada, o brasileiro tinha sofrido um choque com outro atleta e foi obrigado a receber cinco pontos no supercílio e usar touca de natação para proteger o corte. Talvez a dor de cabeça tenha deixado Guilherme em dúvida se o golaço era real ou somente um delírio!

“Eu até demorei para reagir quando saiu o gol, tive de esperar meus parceiros me abraçarem para ver que acertei. Eu nunca imaginei fazer um gol desse, com essa di-



Guilherme Madruga, volante de 22 anos, marcou o gol que concorre ao prêmio Puskás durante o jogo contra o Novorizontino, pelo Campeonato Paulista desta temporada



Antes de marcar o gol, o volante Madruga tinha sofrido um corte no supercílio que o obrigou a usar uma touca de natação

menção. Fiquei abismado. Meus parceiros falaram para eu ir para a câmera... não digo que deu pânico, mas deu um branco! Fiquei sem reação”, comentou, divertindo-se.

“Depois do jogo, fiquei vendo os vídeos de novo e só aí tive noção. Eu e meu irmão ficávamos olhando um para a cara do outro, até que eu falei: ‘Mano, que foi que eu fiz?’

Pés no chão e pai coruja

O jovem e alegre atleta só ficou mais sério quando falou das dificuldades que enfrentou.

“Eu cresci no interior do Mato Grosso do Sul. São poucas oportunidades. Com 13 anos, meu pai me jogou para a capital Campo Grande para morar com meus avós e tentar o futebol. Eu não queria, o handebol era uma febre, mas a decisão mudou minha vida. Acredito que meu pai seja muito feliz por cada conquista minha. Eu me entrego por esse sonho, que é de nós dois”, relatou.

Genildo é um autêntico “papai coruja”. Uma vez, quando a equipe de Guilherme jogou com portões fechados, o pai escalou uma torre de iluminação para acompanhar o filho. Em outra situação, ele subiu em uma camionete para assistir a um treino pela fresta de um portão.

Maturidade

Apesar da idade, Guilherme Madruga mostra maturidade mesmo diante de uma indicação ao Prêmio Fifa Puskás. Ele acredita que tem essa característica justamente por ter saído de casa cedo para batalhar pela própria felicidade.

“A indicação ao Puskás vai mudar minha vida, mas não posso me iludir. Sou muito pé no chão, tenho que trabalhar muito para retribuir ao clube que confia em mim. Sou novo e quero ter uma carreira maravilhosa”, afirmou.

O jogador só se permite um pouquinho de deslumbamento quando fala sobre os craques do futebol mundial que gostaria de “tietar” na cerimônia em que serão entregues os troféus Fifa.

“Vou tirar foto com todo mundo! Já vou trabalhar o inglês. Acho que principalmente vou tentar falar com Haaland e De Bruyne, que admiro muito. Da minha posição, sou muito fã do Busquets, mas não sei se ele estará lá. Ah, quero falar com todo mundo!”, disse o volante, empolgado.

Até hoje, apenas dois brasileiros conquistaram o Prêmio Puskás: Neymar em 2011, por um gol feito com a camisa do Santos, e Wendell Lira, que marcou pelo modesto Goianésia em 2015.

“Conto demais com o apoio da torcida brasileira! Vai me ajudar bastante. Galera, espero que vocês me apoiem no Puskás. Independentemente de clube, espero que torçam por mim. Espero ganhar esse prêmio como Wendell e Neymar ganharam um dia”, pediu.



Os atletas da Paraíba demonstraram uma excelente performance nas piscinas nacionais e internacionais durante a temporada de 2023

ANO POSITIVO

Natação paraibana ganha de braçada em 2023

Seis atletas do estado conquistaram prêmios internacionais, mostrando que o esporte está no caminho certo para novas conquistas

João Thiago
joaothiagocunha@gmail.com

“Eu não vou dizer que as águas são tranquilas. Tem turbulências, ondas altas, dificuldades inesperadas. Isso é normal. Esse ano, no entanto, podemos dizer que foi um tempo formidável para os esportes aquáticos da Paraíba”. A frase é do vice presidente da Federação Paraibana de Esportes Aquáticos Antonio Meira Leal, o “Toinho”, figura histórica da natação do estado, que tem motivos de sobra para estar orgulhoso dos resultados obtidos pelos atletas paraibanos.

“Há muitos anos não tínhamos um período tão bom, com tantos prêmios, inclusive internacionais. Isso nos enche de orgulho, pois é fruto do trabalho que realizamos no estado”, comemora Toinho. Neste ano seis atletas paraibanos conquistaram prêmios internacionais que provaram que a natação da Paraíba está na raia certa.

“Yasmin Fujiy, que compõe a Seleção Brasileira de Nado Artístico, foi campeã sul-americana juvenil. Ainda conseguiu o sexto lugar na competição de figuras. O Brasil foi campeão da competição geral. Duas medalhas de ouro e uma das melhores atletas da América do Sul na modalidade, e é atleta aqui da Vila Olímpica. Temos muito orgulho desse trabalho nessa modalidade”, conta Toinho.

Na natação, Giovana Campos foi bronze no Campeonato Mundial Escolar nos 200 m nado borboleta. A atleta ainda representou o Brasil na Copa Pacífico, que aconteceu em Cali, na Colômbia, de onde trouxe duas medalhas de prata e três de bronze. “Ela com-

pete no juvenil, que vai de 15 a 17 anos. Ela acabou de entrar na categoria, o que mostra que ela ainda tem um caminho longo pela frente, sendo muito forte para a idade. Sabemos que pode nos trazer, ainda, muito orgulho”, destaca Toinho.

Já João Gabriel, do Sesi, ganhou a medalha de ouro no Campeonato Sul-Americano Escolar dos 100 m livres. O torneio aconteceu no Chile, e nesta competição, além do ouro individual, ele ainda conseguiu mais dois, sendo um no revezamento 4 x 100 e outro da Seleção Brasileira, que venceu a competição. Junto com Giovana Campos, Miguel Leal, Ana Clara Menezes e Sofia Gomes ele foi convocado para a Seleção Brasileira Juvenil e participou da Copa Pacífico. Os cinco honraram o nome da Paraíba e representaram bem o estado na principal competição juvenil da natação brasileira.

Interiorização do esporte

Um dos maiores desafios para a Federação, hoje, é que o esporte chegue ao interior do estado. Hoje, são oito clubes federados. Cinco de João Pessoa, dois de Campina Grande e um de Guarabira. Há uma série de times que participam das competições, mas não têm interesse em se federar.

“São clubes que somam forças e participam de diversas competições, mas não têm voto na federação. São participantes. Uma dificuldade que a gente tem é a logística. Deslocar as equipes para o interior é mais difícil. Sem contar que a gente tem um Parque Aquático de nível olímpico em João Pessoa, o que acaba nos incentivando

a realizar competições aqui na capital”, explica Toinho.

No ano que vem, no entanto, esse processo deve ser mais descentralizado. “Teremos mais competições em Campina Grande e

vamos levar algumas para Guarabira também, a pedido do clube de lá, que se federou neste ano. Dos outros clubes do interior, infelizmente não houve interesse da parte deles de participar, então

não temos como interiorizar mais o esporte. Queremos, mas os desafios são grandes”, diz.

Competições

As competições que aconteceram neste ano serão mantidas no ano que vem, inclusive com a novidade do Velocidade Máxima, torneio de velocidade que aconteceu neste ano e que ganhou muitos adeptos. “Todo mundo tá pedindo pra gente voltar a realizá-lo. Teve uma aceitação muito grande por parte dos atletas. É uma competição diferenciada”, revela. Uma das etapas do Campeonato Brasileiro de Águas Abertas também aconteceu na Paraíba, entre as cidades de João Pessoa e Cabedelo, na Praia do Bessa.

A federação é responsável por cinco modalidades: natação, águas abertas, nado artístico, saltos ornamentais e polo aquático. Deste último esporte, duas equipes paraibanas participaram de eventos fora do estado. “Estamos em uma luta incansável, pois precisamos criar uma nova geração de atletas do polo. É um trabalho contínuo que esperamos que traga resultados de longo prazo”, revela o dirigente.

Nesta quarta-feira (27) a Federação vai entregar o Prêmio dos Esportes Aquáticos para estes e outros atletas que se destacaram ao longo de 2023. O evento acontece no auditório da Uninassau, na Epitácio Pessoa, a partir das 19h. “Queremos demonstrar que valorizamos estes atletas, que eles são importantes para nós, e queremos que anos assim se repitam cada vez mais”, conclui.



Giovana Campos foi bronze no Campeonato Mundial Escolar nos 200m nado borboleta e é uma das grandes promessas da natação paraibana

Mar de naufrágios

Permanecem sem identificação 18 das 41 embarcações naufragadas no litoral paraibano, a partir do ano de 1601, e descobertas pelo pesquisador Jair Miranda, pernambucano que foi radicado na Paraíba; Jair nunca conseguiu apoio oficial, mas até um satélite alemão ele resgatou do mar

Hilton Gouvêa
araujogouvea74@gmail.com

Jair César de Miranda Coelho, foi um pernambucano radicado há anos na Paraíba. A ele se atribui o mérito de ter descoberto, por conta própria, 41 embarcações de diferentes nacionalidades naufragadas no litoral paraibano, a partir do ano de 1601, que estão localizadas numa área de mar entre os municípios de Pitimbu e Mataraca, compreendendo uma importante região da orla da Paraíba, por conta de seu conteúdo histórico.

Além de hábil mergulhador, Jair Miranda conseguiu acesso à Biblioteca do Senado, nos Estados Unidos, onde descobriu a identidade e a carga de muitas embarcações afundadas no litoral nordestino. A partir desses dados, ele suspeitou que 18 delas – ou parte desse número – poderiam pertencer à esquadra luso-espanhola que, no século 17, combateu os invasores holandeses, nas famosas batalhas da Torre, registradas entre as praias do Cabo Branco e Tambauzinho, próximo à Ilha da Restinga, em dias e meses diferentes do ano de 1641.

A esquadra luso-espanhola era comandada pelo Conde Senhor da Casa da Torre, na Bahia, à qual pertenceu o bandeirante Teodósio de Oliveira Ledo, responsável pela colonização onde hoje está a cidade de Campina Grande.

Jair Miranda nunca conseguiu apoio oficial para suas pesquisas subaquáticas. A exceção foi durante um curto período de tempo em que ele teve a atenção da Prefeitura do Conde (PMC), município da Região Metropolitana de João Pessoa, quando o então prefeito Aloísio Régis pretendeu resgatar o bergantim francês Marie, que naufragou no mar da Praia em Jacumã, no litoral sul da Paraíba, em 1601.

Bergatin é uma embarcação do tipo da galé, de um a dois mastros e velas redondas ou velas latinas. Levava 30 remos e era utilizado como elemento de ligação, exploração, como auxiliar de armadas ou em outros serviços do gênero. Era um navio escolhido pelos reis e grandes senhores para sua utilização em cerimônias.

O projeto depois foi esquecido. Jair Miranda partiu então para um projeto especial, que o fez tirar do mar um acervo de mais de duas mil peças de naufrágios, a maioria balas de canhão, perto da Ilha da Restinga e do Cabo Branco. E hoje, ninguém sabe informar sobre o destino desse material.

■ Acervo de mais de duas mil peças de naufrágios foi resgatado entre a Ilha da Restinga e a Praia do Cabo Branco

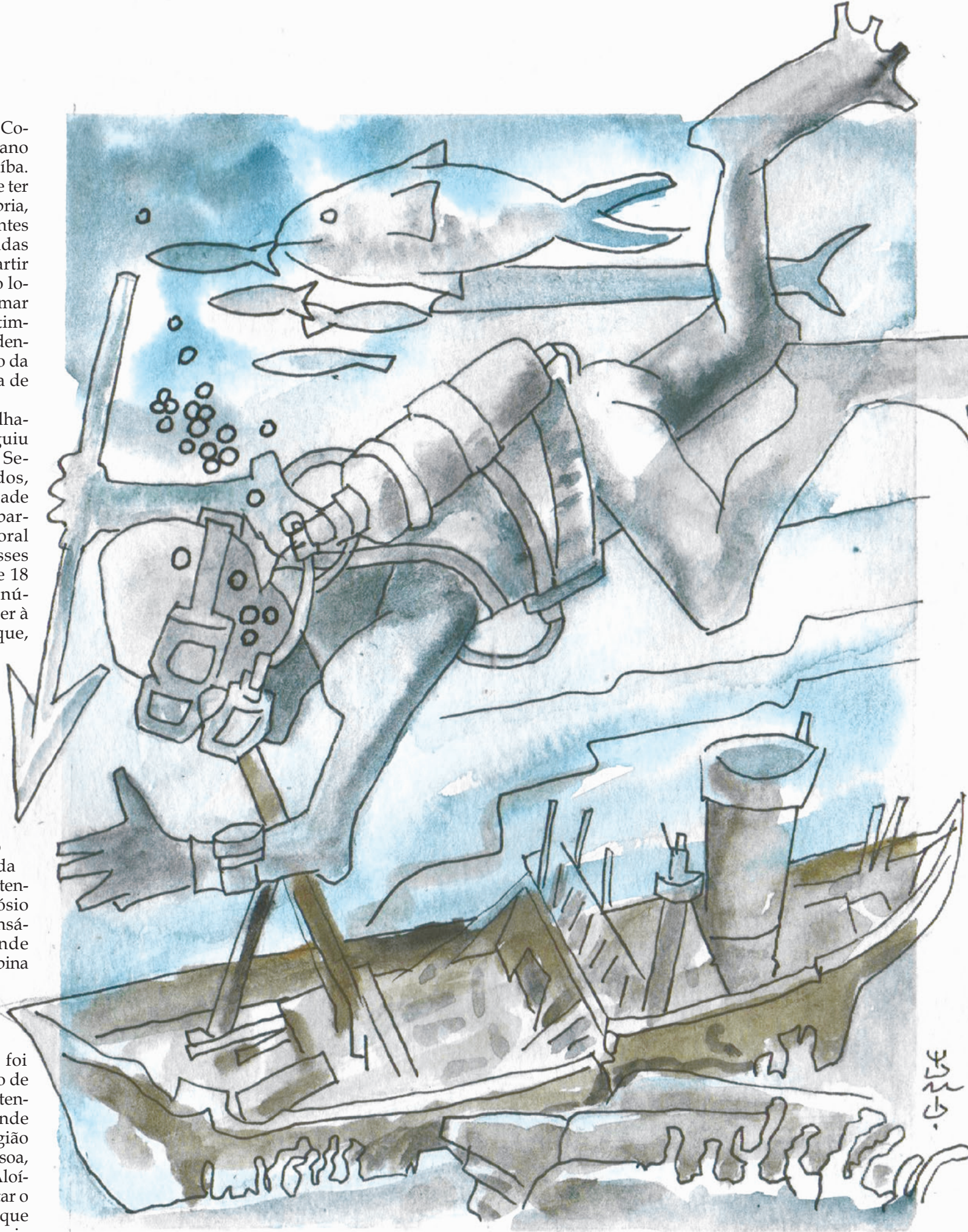


Ilustração: Tônio

Satélite alemão de pesquisas espaciais foi achado em alto-mar pelo explorador

Uma das façanhas de Jair Miranda foi a de achar um satélite boiando em alto-mar e, em seguida, rebocá-lo para terra firme. O engenho espacial acabou sendo apreendido pela Capitania dos Portos, em João Pessoa. A história foi levantada pelos jornalistas Rubens Nóbrega e Giovanni Meirelles, na época do jornal Correio da Paraíba.

O satélite, que pertencia ao Institut Fuer Mekreskundes The Universita est Kist, um órgão alemão de pesquisas espaciais, trazia uma plaqueta metálica com essas inscrições e um número de telefone. O Correio da Paraíba entrou em contato com o órgão, que ordenou a extinção do satélite, pois deixara de ser útil para a entidade. Mesmo assim, Jair Miranda “levou um carão” da Capitania dos Portos.

Cirurgião dentista, pesquisador subaquático e tenente R-2 do Exército Brasileiro, Jair Miranda nasceu em Recife, em 1952, e morreu no Hospital Edson Ramalho, em João Pessoa, no dia 23 outubro deste ano, aos 71 anos. O atestado de óbito deu como causa mortis enfisema pulmonar.

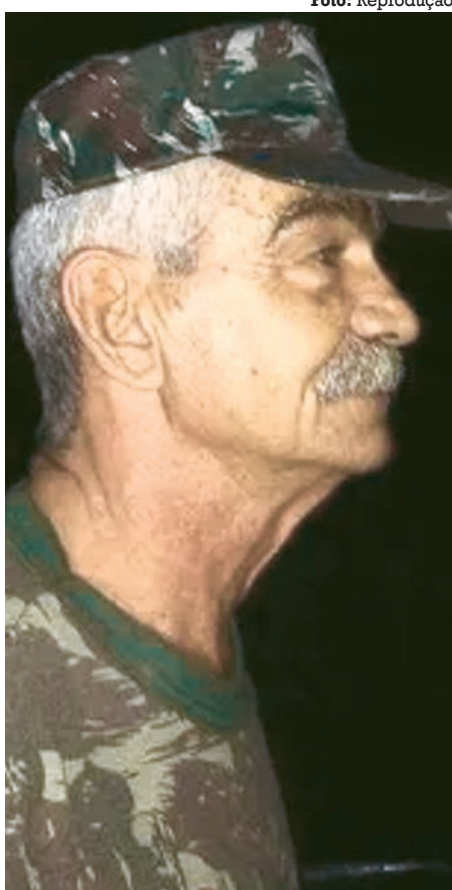


Foto: Reprodução

Cirurgião dentista e pesquisador, Jair Miranda foi tenente R-2 do Exército

Atlântida na Paraíba

Ainda na época do jornal O Momento, o então editor-geral Walter Santos pautou a reportagem para ir à casa de Jair Miranda, na Avenida Olinda, no Bairro de Mafra, na capital paraibana, para levantar a história de que o pesquisador afirmava ter descoberto vestígios de Atlântida, o continente perdido.

Jair Miranda era um senhor magro, de bigode saliente e aspecto desconfiado. Com uma voz roufenha, vestido com camiseta e bermuda relatou sobre sua descoberta. Segundo sua teoria, a “Atlântida paraibana” era uma parte de terra que integrava um único continente. Quando afundou no oceano, fez surgir a América, a Europa e a Ásia. A parte americana que afundou estava num setor entre o Cabo Branco, na Paraíba, e a imensidade oceânica que ligava à África.

As “provas” apresentadas por Jair Miranda eram um tijolo com caracteres microscópicos estranhos e uma pedra que o pessoal do interior chama de “corisco”, também dotada de estranhas inscrições. A matéria fez “sucesso” em uma das edições em O Momento.

“Enterro” simbólico do Queimado

Entre os objetos “salvos” durante sua vida de pesquisador, Jair Miranda extraiu do mar, ou próximo, um sílex, tipo de machado de pedra usado pelos primitivos habitantes da Paraíba, utilizado para guerrear e abater animais. Por deduzir que se tratava de um “artefato extraterrestre”, Jair procurou a imprensa para apresentar o achado no 10º Encontro Internacional de Ufologia, realizado em Brasília, na década de 1990.

A reportagem foi ao Distrito Federal credenciada pela Equipe de Pesquisa Ufológica de Guarabira (Epug) e acompanhada do geógrafo e ufólogo Carlos Belarmino. Niete Guidon, a cientista francesa que descobriu as Sete Cidades Perdidas no Piauí, participava do evento em Brasília e se interessou pelo sílex. Mas Jair não “vendeu” o objeto.

Em outra situação, Jair Miranda localizou Neil O’hara, adido cultural dos Estados Unidos em Recife. Com o norte-americano, ele conseguiu fazer o “enterro” simbólico do naufrágio do navio Queimado, que adernou cinco milhas a leste da Praia do Bessa, em 2 de janeiro de 1871. O nome verdadeiro desse vapor era Eriê JNY. O apelido de Queimado surgiu entre os mergulhadores, porque essa embarcação foi a pique durante um incêndio em seus porões, ocupados com 24.900 sacas de café. A carga seguia o trajeto entre o Rio de Janeiro e Liverpool, na Inglaterra. A tripulação e os passageiros foram salvos por pescadores da Praia de Tambaú, que, em plena madrugada, avistaram o incêndio da beira-mar.

E como foi o “enterro” simbólico? Neil trouxe dois corneteiros do Corpo de Fuzileiros Navais de Recife para o toque de réquiem marítimo. Duas vozes entoaram um cântico, enquanto o próprio Neil, autorizado pela Igreja Anglicana, recitava a prece do alarme internacional denominado SOS (Save Our Souls ou Salvem Nossas Almas). O jornal Correio da Paraíba deu destaque a essa notícia.

Achados

Um sílex, tipo de machado primitivo de pedra, também foi retirado do mar pelo pesquisador

Deusdedit Leitão

Autodidata que se tornou referência em todas as áreas em que atuou

Ilustração: Tônio



Deusdedit Leitão era jornalista, escritor, pesquisador e historiador

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Jornalista, escritor, pesquisador e historiador, Deusdedit Leitão deixou um legado importante na Paraíba em todas as áreas em que se dedicou. Autodidata, começou seu interesse pela leitura e escrita ainda quando trabalhava com o pai em um cartório na sua adolescência. E até os seus 88 anos se tornou referência em todas as áreas que atuou.

Atualmente, o acervo da biblioteca do escritor paraibano está resguardada no Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em Cajazeiras. Através dele, formou-se no Centro de Formação de Professores (CFP-UFCG) e o Núcleo de Documentação Histórica Deusdedit Leitão (NDHDL).

De acordo com a coordenadora do núcleo, a professora Janaína Valéria Pinto Camilo, o local também conta com o acervo com os Fundos de Documentação Francisco Eugênio Paccelli Gurgel da Rocha, Juan Carlos Ceballos, Francisco das Chagas Amaro e Mariana Moreira Neto, "os quais estão agregadas diferentes perspectivas históricas que enriquecem nossa compreensão da região", comenta a coordenadora.

Mesmo com várias áreas de atuação, todas eram feitas com paixão, segundo conta o filho mais velho de Deusdedit, o também jornalista Rui Leitão, atual diretor da Rádio Tabajara. Ele afirma, ainda, que o pai começou na comunicação ao ser

convidado para publicar nos principais jornais da Paraíba.

Deusdedit colaborou com diversos jornais e revistas da Paraíba e de outros estados, como o Correio do Sertão, O Observador, Correio da Paraíba, Diário da Borborema e Diário de Pernambuco. Em 1951, fundou a revista Letras do Sertão, que era impressa na Tipografia Marques & Cia. Segundo a pesquisa realizada pelo núcleo da UFCG que se dedica a estudar sobre Deusdedit, ele foi autodidata em assuntos voltados à educação, à história e à cultura do estado da Paraíba.

Deusdedit Leitão tornou-se professor de História Geral, História do Brasil, História Econômica e Administrativa do Brasil na Escola Técnica de Comércio Monsenhor Constantino Vieira, em Cajazeiras, sua cidade natal e, também, trabalhou lecionando no Seminário Nossa Senhora da Assunção. Além de ensinar, ele fundou e participou de várias instituições culturais, como o Centro de Estudos e Pesquisas Históricas de Patos, em 1949, a revista Letras do Sertão, o Centro de Artes e Letras de Cajazeiras e o jornal O Lábano.

Fugindo dos holofotes

De acordo com o jornalista Rui Leitão, uma das características que mais marcaram a personalidade de seu pai era a humildade. Apesar de já ter ocupado diversos cargos públicos, escrito nos mais importantes jornais e de ter sido um historiador respeitado, ele fugiu dos holofotes. "Ele se incomodava quando era obrigado a se projetar, a parecer. Carregava na sua personalidade uma humildade. Era honesto, simples, profissional, muito responsável e bastante amigo", comenta Rui.

Ainda segundo Rui Leitão, na área profissional o que marcou a jornada de Deusdedit era a paixão por tudo o que fazia, em especial na área da pesquisa. "Ele era um pesquisador desses apaixonados, que viveu sua juventude fazendo pesquisas, que levou ele a produzir

obras literárias, principalmente em relação a genealogias. Ele conseguiu levantar muitas árvores genealógicas de famílias", destaca.

Em um livro publicado por Deusdedit Leitão, intitulado de 'Inventário do Tempo', ele conta a sua história e os caminhos por onde percorreu. Morou em várias cidades da Paraíba, do Ceará e do Rio Grande do Norte. Como escritor, escreveu 16 livros e ocupou uma longa lista de cargos, a exemplo da diretoria do Jornal A União.

Rui Leitão lembra a influência do pai para a sua carreira e como terminou ocupando vários espaços que o pai também ocupou, a exemplo do Jornal A União, onde Rui foi superintendente e da Academia Paraibana de Letras (APL), onde ocupa a mesma cadeira que foi de seu pai.

"Ele era um pai muito dedicado e eu tive a honra de aprender com ele, inclusive também me dedicando à atividade da área cultural, ocupei vários cargos públicos por onde ele passou, trilhei caminhos que ele percorreu. Meu pai sempre foi uma inspiração, eu sempre o tive como um norte, alguém que era um exemplo para a minha vida e continua sendo. Ele é sempre uma pessoa que eu tomo como referência, seja como profissional na atividade da administração pública ou na cultura, nos livros que escrevo e artigos diários".

Trabalho no cartório despertou o gosto pela leitura e escrita



Foto: Edson Mares

Rui Leitão, filho mais velho de Deusdedit, lembra que o pai começou na comunicação ao ser convidado para publicar nos principais jornais da Paraíba

Deusdedit de Vasconcelos Leitão nasceu no dia 7 de maio de 1921, na cidade de Cajazeiras. Era filho do casal Elizário Gomes Coelho e de Maria Madalena de Vasconcelos Leitão. O pai de Deusdedit era agricultor, funcionário da Inspetoria Federal das Obras Contra as Secas e comerciante. Por isso, além de Cajazeiras, também morou com a família em Sousa, no estado da Paraíba; Natal, Acari e Boqueirão de Parelhas, no Rio Grande do Norte; e Quixadá, no Ceará.

Devido à crise financeira, resolveu,

em 1930, ir para Missão Velha, também no Ceará, onde os amigos de Elizário lhe conseguiram a titularidade do segundo Cartório de Missão Velha. Ali, Deusdedit ajudava seu pai nos afazeres do cartório, atividade que lhe despertou o gosto pela leitura e escrita.

No meio cultural, Deusdedit participou e fundou importantes instituições. Em 1949, incentivou a fundação do Centro de Estudos e Pesquisas Históricas de Patos, grupo que reuniu acadêmicos e intelectuais da cidade. Foi nesse espaço que

ele se dedicou às atividades de escritor e historiador, que revezava com a função de funcionário público.

Em 1951, fundou a revista Letras do Sertão. Foi sócio e presidente do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), entre os anos de 1974 e 1977. Também fundou e presidiu o Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica.

Segundo a professora Janaína Valéria, sua condução à Academia Paraibana de Letras deu-se pelo reconhecimento dos seus trabalhos e contribuição para a lite-

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Carlos Lyra – O melodista da Bossa-Nova – Introdução

Os que viveram o período da Bossa-Nova, na MPB, estão de luto neste fim de ano. Talvez somente agora muitos estejam colocando Carlos Lyra no pedestal dos primeiros bossa-novistas. Como já disse Ruy Castro, quando se fala nesse novo "estilo musical", é necessário que, revisitando o compositor, se coloque a história de nossa música popular no seu devido lugar. E o jornalista Sérgio Cabral já havia feito a pertinente observação que aqui atualizo: "Ainda bem que esse cara existe", no caso "existiu", em vida, e permanece depois de sua passagem. E, se elogios se fazem necessários, vai mais esse de Millôr Fernandes: "Carlinhos é a pedra fundamental, o alicerce, a estrutura, a fachada, a cumeleira e os fogos de artifício da inauguração da Bossa-Nova". É pouco ou há necessidade de se dizer mais?...

Como já acontecia com Tom Jobim, que nunca negou ser um amante da música dita erudita ou clássica de Chopin, Debussy e Villa-Lobos, nada a estranhar nas influências recebidas por Carlos Lyra, como ele próprio afirmava, das criações de Debussy, Ravel, Stravinsky, Villa-Lobos, Gershwin e do próprio Jobim. E tudo isso, sem falar das afinidades musicais dos dois com os consagrados intérpretes ligados ao jazz da west coast norte-americana, como Gerry Mulligan, Chet Baker, Stan Kenton, Modern Jazz Quartet, bem como dos compositores seus preferidos, como Cole Porter, Irving Berlin e Gershwin, entre outros do gênero.

De resto, quando já iniciado nas aulas de



Foto: Pepé Schettino

Carlos Lyra, em início da carreira

violão, Carlos Lyra ou Carlinhos, como era chamado no meio musical, se dedicou ao estudo de obras dos prelúdios e dos choros de Villa-Lobos. Ele próprio afirmava que estava aí o gratificante caminho para conhecer melhor Bach, Vivaldi e o próprio Chopin. Não é inoportuno relemburar que foi em 1958, no Rio de Janeiro, que se iniciou a propagação do novo estilo musical da Bossa-Nova, claro que com alusões ao chamado "samba de raiz", que vinha, até então, sen-

do cultivado, evidentemente com a introdução de invenções melódicas e harmônicas, sobretudo com as alterações sensíveis que ocorreram na maneira de acompanhamento violinístico, como no que se convencionou chamar de "estilo João Gilberto". Não há como se negar que o estilo bossa-novista foi, inicialmente, elaborado como fruto do gosto mais refinado de uma classe média/alta, afirmação que Carlos Lyra contestava, quando afirmava que a Bossa-Nova é "uma música feita da classe média para a classe média [que optou] por cultura e qualidade".

Carlos Eduardo Lyra Barbosa era carioca, nascido (11 de maio de 1933) e criado em Botafogo, descendente de artistas amadores: os avós maternos dele, ambos, tocavam piano; do lado paterno, o avô foi poeta laureado pela Academia Maranhense de Letras; o pai, oficial da Marinha, era um bom flautista, enquanto a mãe chegou a estudar piano e violino. Enfim, até os tios eram afeitos à música; dentre esses, dois destaques: a tia Carolina era pianista do antigo Cine Metro, e o tio Edgar, que residia com os pais do nosso biografado, é que despertou nele, ainda criança, o gosto pelo violão, a partir da execução de dois sucessos da época: 'Adelita', canção do folclore mexicano ("Si Alelita se fuera con outro/ le seguiria en la huella sin cesar/ si por terra en un buque de guerra..."),

que fazia muito sucesso tanto com Trini Lopez quanto com Nat Cole, e 'Sons de Carilhão', o clássico de João Pernambuco. Apesar de não se desconhecem os no-

mes daqueles a quem é atribuído o valor da criação do movimento, como Newton Mendonça, Aloysio de Oliveira, João Gilberto, Ronaldo Bôscoli, Roberto Menescal, Luís Eça, Baden Powell, os irmãos Sérgio e Marcos Valle, entre outros mais, não há como não enaltecer a chamada "Santíssima Trindade da Bossa-Nova": Tom Jobim, Vinícius de Moraes e Carlos Lyra.

A título de curiosidade: o próprio Carlos Lyra cita, como precursores e inspiradores do movimento, Noel Rosa, Ary Barroso, Dorival Caymmi, Custódio Mesquita, Lúcio Alves, Dick Farney, Garoto, Lúiz Bonfá, Dolores Duran, Johnny Alf, não omitindo o seu gosto inicial em reservar espaço no seu gosto musical para antigos cultivadores dos boleros mexicanos, como Augustin Lara, Gonzalez Curiel e Maria Gríver, sobretudo quando tinham suas criações interpretadas por Lucho Gatica com o acompanhamento do que ele considerava um "violão surpreendente, no caso Arturo Castro, que, segundo ele, 'mexeu' com a cabeça de tantos...".

Outra consideração relevante, para ele, é o fato de que, segundo sua visão, a Bossa-Nova não é apenas uma forma nova de tocar samba; é, muito mais, uma variada salada de ritmos, em que estão presentes, além do simples samba, o samba-canção, o choro, a valsa, a marchinha, a marcha-rancho, a modinha, a toada e até o baião. De forma resumida e didática, para Carlos Lyra, a Bossa-Nova caracterizava-se pela procura de um formato novo na melodia, na letra, na harmonia, no ritmo e na interpretação.

Angélica Lúcio

Que tal uma árvore de Natal enfeitada com boas notícias?

Se você pudesse ter uma árvore de Natal diferente, toda enfeitada com boas notícias? Quais acontecimentos seriam colocados, ao redor da árvore, da base ao topo? Que fatos, reais ou imaginários, iriam compor sua ornamentação? Difícil imaginar isso? Para mim não!

Comecei a pensar sobre os enfeites para tal árvore ao verificar meu e-mail recheado de anúncios: roupas, eletrônicos, livros, um sem-fim de possibilidades para dar de comer ao consumismo. Mas nada disso é a essência do Natal, você sabe.

Na minha árvore de Natal, não haveria luzes coloridas, mas recortes de um noticiário fictício, que sonho um dia virar realidade. Fim de todas as guerras, eliminação do analfabetismo, famílias sem passar fome, crianças sendo crianças – sem ser exploradas pelos próprios pais nas redes sociais ou vítimas de violências várias.



Foto: Clobot

Também colocaria na minha árvore a cura para todas as doenças; seria um elixir poderoso, para eliminar as mazelas que existem e as que potencialmente ain-

da virão. Na verdade, tal notícia não iria enfeitar um pinheiro, que não tem nada a ver com a cultura local, mas um lindo cacto, refletindo a coragem e a resistência da nossa gente.

Meu pé de mandacaru natalino ainda estaria enfeitado com uma notícia singela: pesquisadores encontram uma forma efetiva de convivência com a seca. Também um sistema muito eficaz, para evitar inundações e desabamentos de casas. Além de alguma inovação que permitisse o reaproveitamento de alimentos, a custo baixo e sem colocar em risco a saúde de ninguém.

Outras notícias que não poderiam faltar na minha árvore de Natal: o fim da corrupção; a extinção de privilégios na esfera pública; resgate e valorização da cultura popular, e das expressões artísticas como um todo; inclusão de pessoas com deficiência ou neurodivergentes; mulheres e ho-

mens atuando lado a lado, sem ninguém se achar superior ou inferior.

Em meu pé de mandacaru, ainda haveria recortes de notícias relacionadas às pessoas idosas, ou que, já chegarão lá: fim do etarismo; oferta de empregos com bons salários para os 50+, aposentadoria para todos e todas; valorização de quem resistiu ao tempo e tem muito a nos ensinar.

Por fim, bem lá em cima – onde se costuma colocar a estrela de cinco pontas – estaria a notícia máxima: Jesus nasceu! Sim, porque para mim, que sou cristã, relembrar a chegada do Menino Jesus a cada ano é a melhor boa nova que podemos noticiar. E para isso não precisamos de roupas, presentes e comidas caras.

É necessário apenas divulgar tal fato entre amigos e familiares, e mesmo desconhecidos, por meio de gestos simples, mas plenos de amor.

angelicallucio@gmail.com



TRADIÇÃO

Origem das cartas das crianças ao Papai Noel

Todo ano, centenas de milhares de crianças em todo o mundo enviam seus desejos de Natal

Da Redação

Antes do Papai Noel começar a contribuir na tarefa, o tradicional portador de presentes em muitas partes da Alemanha, por exemplo, era o Christkind, uma figura semelhante a uma fada, com vestes douradas e brancas e uma coroa. Mesmo antes da chegada do Dia de Natal, Christkind já começava a trabalhar arduamente.

Todavia, a figura parecida com um duende sozinha não conseguia responder a todas as cartas enviadas pelas crianças, razão pela qual existem agora um total de sete correios oficiais do Natal na Alemanha, em cidades com nomes como Himmelsthür (Porta do Céu), Engelskirchen (Igrejas dos Anjos) ou St. Nikolaus. Juntamente com São Nicolau e o Papai Noel, segundo registra o Portal Zap, muitos voluntários ajudam Christkind a responder a todas as cartas.

Com listas de desejos chegando de todo o mundo, as respostas são também escritas em muitas línguas diferentes além do alemão: inglês, francês, espanhol, tcheco, tailandês, chinês, estônio, holandês, japonês e polonês. Também em Braille e, atualmente, muitas correspondências em ucraniano. E as crianças se esforçaram em suas cartas para Christkind ou Papai Noel.

Em suas cartas, as crianças fazem uma lista dos presentes que esperam receber, desde unicórnios



Na Alemanha, Papai Noel é Cristking; em Portugal, Pai Natal

e bicicletas a PlayStations. Alguns pedem o presente de boas notas na escola, e uma introdução amigável é sempre útil. Algumas crianças são até bem específicas, detalhando em que loja os brinquedos que estão pedindo podem ser encontrados. Outras cartas são particularmente comoventes: “Querido Papai Noel, podés parar a guerra e garantir que todos tenham o suficiente para comer?”.

Juntos, Papai Noel (Pai Natal em Portugal), Christkind e São Nicolau receberam cerca de 634 mil cartas de crianças em 2022. Este ano – ainda não contabilizado – a previsão é que esse número cresça. O maior correio do Natal na Alemanha está localizado na pequena cidade

de Himmelfort, no estado oriental de Brandenburg, que recebeu 300 mil cartas no ano passado. A maior parte das cartas são da Alemanha, mas também houve correspondência de locais bem distantes, como a Nova Zelândia. Para as crianças na

Alemanha, a tradição de escrever uma carta em preparação para as festividades de fim de ano remonta ao início do século 19. Naquela época, era chamada de carta de Natal. No entanto, as crianças não escreviam cartas elaboradas e decoradas para Christkind ou Papai Noel. Eram para seus pais e eles não pediam presentes, mas agradeciam e prometiam obediência, diligência e bom comportamento.

À medida que a indústria de brinquedos se desenvolveu, os fabricantes tiveram a ideia de distribuir formulários de lista de desejos, onde as crianças podiam assinalar as suas preferências de presentes. Em 1950, uma conhecida loja de departamentos alemã endereçou esses formulários diretamente a Christkind ou a Papai Noel. Já os correios do Natal começaram a aparecer uma década depois. O mais antigo é em Himmelforten, na Baixa Saxônia.



Charada

Francelino Soares: francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: botequim (1) = bar + bobo (2) = tolo + não é teu (1) = meu. **Solução:** brasileiro inventor do aeróstato (4) = Bartolomeu. **Charada de hoje:** era branca (2) a roda flutuante (2) vista da abertura envidraçada (4) daquele telhado.

Eita!!!

Frases ditas, mas que não são bíblicas

Há frases corriqueiramente citadas que muita gente garante que estão escritas na Bíblia. E na verdade, não estão. Uma das frases é “o cair é do homem, o levantar é de Deus”, utilizada para justificar erros, mas não está no conjunto de livros bíblicos. Há um salmo que indica: “O Senhor puxa todos os que caem e levanta todos os que andam curvados”.

Linhas tortas e ferro que fere

“Deus escreve certo por linhas tortas”. Essa, talvez, a mais famosa. Numa passagem lê-se: “Pensa naquilo que Deus fez: quem pode endireitar aquilo que nasceu torto?”, que na verdade nesse contexto “torto” significa mesmo “inclinado”, não é “errado”. Já “quem com ferro fere, com ferro será ferido”, vem do evangelho segundo Mateus, onde se lê “torna a pôr a tua espada na bainha, porque todos os que se servem da espada à espada morrerão”.

Trabalho e ganância por dinheiro

“Deus ajuda a quem cedo madruga”. Mais um ditado popular que não está na Bíblia, mas que aparece em Provérbios: “Vai ver a formiga, ó preguiçoso; vê como ela faz e aprende a lição. Ela não tem capataz, nem oficial, nem patrão, mas faz as suas provisões de comida no verão; armazena no tempo da ceifa o seu alimento”. Tem uma que quase está na Bíblia: “O dinheiro é a raiz de todos os males”. Todavia, no original, em Timóteo, lê-se: “A raiz de todos os males é a ganância do dinheiro”.

Andar certo e caridade

“Diga-me com quem andas e que direi quem tu és”. Em Coríntios, pode-se ler: “Não se deixem enganar! As más companhias estragam os bons costumes”. Em relação à frase “quem dá aos pobres empresta a Deus”, constata-se semelhança no livro dos Provérbios: “Quem faz bem ao pobre empresta ao Senhor: ele lhe retribuirá o benefício”. E na frase “fazer o bem sem olhar a quem”, entre outras possibilidades, destaca-se a passagem em Gálatas: “Não nos cansemos de praticar o bem, pois, se não desanimarmos, teremos a colheita no tempo devido”.

Doação e a voz de Deus

“É dando que se recebe” não passe de uma inspiração na Bíblia. Nos Atos dos Apóstolos está: “Mostrei-vos em tudo que é trabalhando assim que podemos ajudar os necessitados e recordar estas palavras do Senhor Jesus: ‘É mais feliz quem dá do que quem recebe’”. Já a frase popular “a voz do povo é a voz de Deus” é que não tem nenhuma inspiração bíblica mesmo. A origem estaria na expressão em latim “vox populi, vox dei”.

9 erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

Noel: 1 – cajado; 2 – estrela; 3 – calça do menino louro; 4 – dedo do Papai Noel; 5 – bolinha; 6 – camisa do menino; 7 – livela; 8 – boca do Papai Noel; 9 – assintura de Tônio.

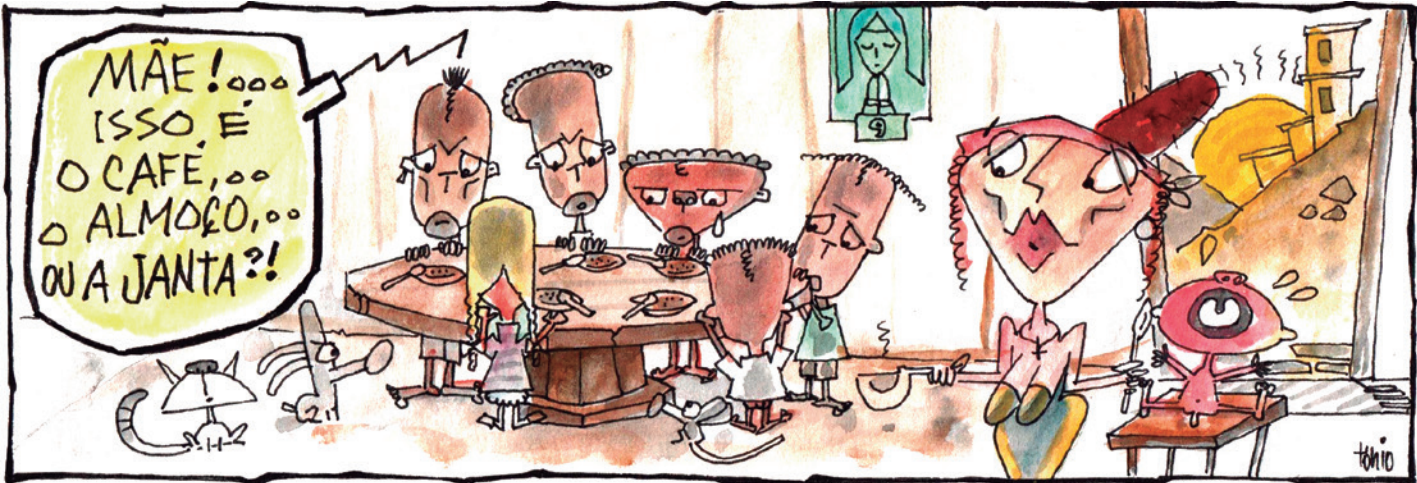
Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota



Sons do desconforto

Condição neurológica do portador da síndrome causa reação física e emocional negativa de forma intensa



Imagem: Pixabay

Ítalo Arruda
ianolivrura@gmail.com

Já pensou na possibilidade de sentir desconforto, irritação ou até mesmo pânico pelo simples fato de ouvir determinados sons, considerados normais pela maioria da população? É isso o que sentem as pessoas diagnosticadas com misofonia – uma condição neurológica em que sons do cotidiano, como o de mastigação, o do “tique-taque” do relógio, o de talheres batendo na hora da refeição, entre outros, causam reações físicas e emocionais negativas intensas.

Embora a causa ainda seja desconhecida, pesquisadores e especialistas acreditam que ela pode estar relacionada tanto a uma hipersensibilidade no sistema auditivo (provocando, com isso, uma reação involuntária e “exagerada” a determinados sons) quanto a acontecimentos que possuem alguma relação (direta ou indireta) com os barulhos que causam o incômodo.

É o que afirma o médico otorrinolaringologista José Franklin Gomes Dantas, formado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e membro da Associação Brasileira de Otorrinolaringologia. Segundo ele, os sons que, geralmente, induzem a misofonia são sons corporais, especialmente aqueles associados com alimentação e respiração. Também entram na lista outros ruídos sonoros que também induzem essa condição, incluindo sons repetitivos, como algumas batidas de leve ou os sons emitidos a partir de cliques com uma caneta, por exemplo.

“Em diversos estudos foram abordados sons, que foram citados por indivíduos com misofonia, como sons que evocavam reações negativas. Alguns deles são provocados com a mastigação e deglutição, respiração ofegante, som de assoar nariz, ronco, tosse, pigarro, som de lixar as unhas e de escovação dentária, ranger de portas, amassar de papel e plástico, sons de motor e de chaves, pipoca estourando e digitação em teclado de computador”, explica Franklin Dantas.

Entre os principais sintomas, acrescenta o especialista, o misofônico – nome dado ao portador da síndrome – pode apresentar irritabilidade, raiva, vontade de chorar e de fugir, tensão, frustração, desconforto, dificuldade de concentração, medo, angústia, mal-estar, preocupação e momentos de estresse.

Apesar dos transtornos causados, quem sofre com misofonia não possui problemas de audição, uma vez que o problema está relacionado com a maneira com a qual os sons ou ruídos são percebidos pela função cerebral. “Se assim o tiverem, pode ser uma associação e não uma relação causal”, reforça o médico Franklin Dantas, destacando, ainda, que pessoas de diferentes idades, de crianças a idosos, podem ser acometidas por tal condição.

Vale acrescentar, ainda, que a misofonia é uma experiência subjetiva. Sendo assim, diferentes pessoas podem ter gatilhos sonoros distintos. Uma consulta clínica, portanto, é imprescindível para um diagnóstico preciso e, consequentemente, para o tratamento adequado.

Avaliação multidisciplinar para diagnóstico do problema

Para Diana Lopes Lacerda Martins, especialista em Otorrinolaringologia pela Associação Médica Brasileira (AMB) e Associação Brasileira de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cervical (ABORLCCF), a melhor opção para o diagnóstico é uma avaliação multidisciplinar.

“É necessária a avaliação otorrinolaringológica, fonoaudiológica (através de audiometria e teste de limiar de desconforto a sons) e psiquiátrica, visto que esta condição costuma estar relacionada a problemas como transtorno de ansiedade e transtorno obsessivo-compulsivo

(TOC)”, afirma ela que também atende no Hospital Universitário Alcides Carneiro, vinculado à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Ainda de acordo com Diana Lacerda, a reação involuntária a determinados sons, geralmente, surge da infância para a adolescência e se prolonga durante a fase adulta, não havendo, até o momento, conforme a médica, diferença significativa da misofonia com relação à faixa etária as pessoas diagnosticadas com a síndrome.

Com relação ao tratamento, esse não é único, explica a otorrinolaringologista, porque, como cada caso é um caso, os métodos aplicados para tratar o misofônico podem envolver técnicas de psicoterapia, como terapia cognitivo comportamental e uso de medicação para controle de ansiedade. “O próprio portador desta condição tende a desenvolver táticas de enfrentamento, como evitação, autodistração, uso de tampões de ouvido. Não há tratamento único e, por isso, ele tende a ser multidisciplinar”, reforça Diana.

Além disso, ela acrescenta que, mesmo com os avanços com relação às formas de tratamento, os dados da literatura científica sobre este assunto ainda são precários e, portanto, não permitem afirmar se há cura para a doença.



Foto: Arquivo Pessoal



Esta condição [da misofonia] costuma estar relacionada a problemas como transtorno de ansiedade e transtorno obsessivo-compulsivo

Diana Lopes Lacerda Martins



Foto: Arquivo Pessoal



Em diversos estudos, foram abordados sons que foram citados por indivíduos com misofonia, como sons que evocavam reações negativas

José Franklin Gomes Dantas

Estatísticas, tratamento e população atingida

Embora não sejam dados oficiais, validados por órgãos como a Organização Mundial de Saúde (OMS), o Ministério da Saúde e a própria Associação Brasileira de Otorrinolaringologia, algumas pesquisas estimam que a misofonia afeta cerca de 3% a 20% da população geral. Dados mais recentes, no entanto, levantados por pes-

quisadores da Universidade de São Paulo (USP) e divulgados pelo jornal O Globo, em março de 2023, mostram que, somente no Brasil, 150 mil pessoas, aproximadamente, recebem o diagnóstico da misofonia a cada ano.

O médico Franklin Dantas afirma que entre os tratamentos mais comuns estão a terapia cognitivo-comportamen-

tal (essa terapia pode ajudar as pessoas a mudar seus pensamentos e comportamentos em relação aos sons irritantes, reduzindo assim sua resposta emocional aos mesmos); a terapia de exposição (envolve a exposição gradual aos sons irritantes, ajudando a pessoa a se acostumar com eles e a reduzir sua resposta emocional); e a terapia sonora

(que ocorre a partir da audição de sons agradáveis, como música, para ajudar a reduzir a ansiedade e o estresse associados à misofonia).

“Além disso, algumas técnicas de relaxamento, como yoga e meditação, podem ajudar a reduzir o estresse e a ansiedade associados à misofonia”, lembra o especialista em otorrinolaringologia.



INCÔMODOS

Bem-estar emocional prejudicado

Constante exposição a sons desencadeadores e os impactos negativos podem desgastar emocionalmente uma pessoa

Ítalo Arruda
ianolivrra@gmail.com

Além dos incômodos provocados pela misofonia, esse tipo de problema pode prejudicar significativamente o bem-estar emocional e a qualidade de vida daqueles que são portadores da síndrome. A constante exposição a sons desencadeadores e os impactos negativos resultantes podem desgastar emocionalmente uma pessoa com misofonia, o que pode levá-la a sentimentos persistentes de tristeza, desesperança e até depressão.

Mesmo que não esteja diretamente relacionada à saúde mental e emocional, a síndrome da sensibilidade seletiva a sons pode ter impactos significativos nesses aspectos, pois, conforme afirmam alguns especialistas, os indivíduos misofônicos, para evitar os ruídos e os sons que lhes despertam gatilhos, podem optar por evitar determinadas situações sociais ou se afastar de pessoas que produzem esses sons, levando-os ao isolamento social e sentimentos de solidão.

A exposição repetida a tais sons tende a aumentar os níveis de estresse, contribuindo, assim, para um estado de tensão constante, podendo causar sérios danos. É o que pensa a psicóloga clínica Moiseth Neves Nascimento, orientadora educacional. Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário de João Pessoa (Unipê) e especialista em Psicanálise pela Faculdade Cidade Verde, ela afirma que o quadro de estresse pode desencadear graves reações.

“A misofonia é sim uma condição que provoca uma reação negativa em quem tem a sensibilidade, os barulhos desencadeiam sentimentos e

■ Para evitar ruídos e sons que despertam gatilhos, paciente pode optar por evitar situações sociais

emoções que podem ser apenas uma irritação, mas, evoluir para uma angústia e até a fúria. A doença prejudica o humor gerando ansiedade, prejudicando diretamente o emocional”, pontua.

“A terapia é altamente indicada, uma vez que pode ajudar a pessoa a aprender a tolerar os barulhos, trabalhando a fim de fazer com que os sons, que provocam emoções negativas, possam fazer com que o paciente tenha reações mais amenas”, acrescenta a psicóloga, destacando que a terapia, aliada à mudança de hábitos, consegue gerar resultados satisfatórios no que diz respeito à saúde emocional.

Além desses fatores, a misofonia também pode afetar a qualidade de vida geral de uma pessoa. Isso porque o desconforto constante com determinados sons pode dificultar a realização de atividades simples do dia a dia, como trabalhar, estudar, passear por determinados locais ou, simplesmente, dormir.

Para evitar ou amenizar tal situação, o médico otorrinolaringologista José Franklin Gomes Dantas recomenda um “tratamento em paralelo com psiquiatra e neurologista, para adequar a melhor forma do controle desses sintomas”.



Foto: Arquivo Pessoal

A terapia é altamente indicada, uma vez que pode ajudar a pessoa a aprender a tolerar os barulhos

Moiseth Neves Nascimento

Seleção de alguns dos sons mais comuns que podem desencadear a síndrome da misofonia

1. Mastigação: o som da mastigação, especialmente de alimentos mastigados com a boca aberta,

pode ser extremamente perturbador para pessoas com misofonia;

2. Sons de boca: isso inclui barulhos como estalos de lábios, sons de beijos, estalos de língua ou qualquer som produzido pela boca;

3. Respiração: certas pessoas podem ser incomodadas ou irritadas pelos sons da respiração, especialmente se forem fortes, pesados ou se houver alguma obstrução nasal;

4. Sons de nariz: os ruídos provocados pela respiração nasal intensa ou obstruída, como fungadas, assoar nasal ou roncos, podem ser desencadeadores para algumas pessoas com misofonia; e

5. Sons de teclado ou digitais: o som de digitação em teclados de computador, smartphones ou qualquer outro tipo de superfície tátil pode ser incômodo para pessoas com misofonia.

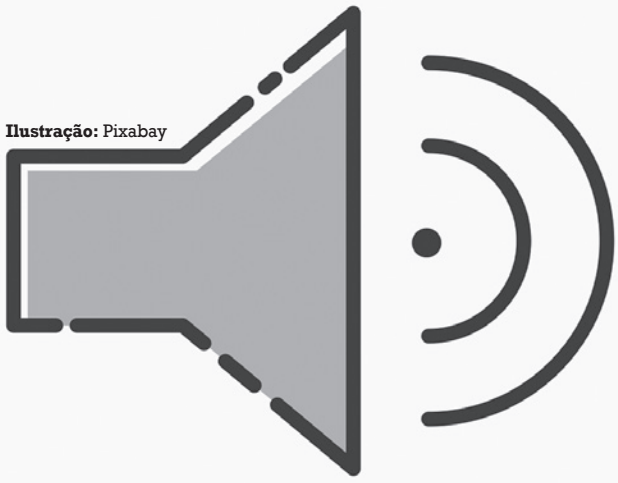


Ilustração: Pixabay

DIAGNÓSTICO

Síndrome pode ser hereditária

Médica esclarece que diagnosticados com misofonia não necessariamente apresentam Transtorno do Espectro Autista

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

Quando o paciente procura ajuda, em geral o relato da sensibilidade vem acompanhado da informação de que há outros familiares com queixas parecidas. Estudos mostram que a misofonia pode ser hereditária e a médica otorrinolaringologista Elaine Miwa Watanabe, pesquisadora na área de Zumbido e Hipersensibilidades Auditivas, reforça ser comum o relato de início quando crianças ou mesmo adolescente.

Embora a ansiedade gerada por sons específicos lembre um transtorno obsessivo compulsivo, neste último o paciente não tende a ter “raiva” ou “aversão” a determinados sons como ocorre na misofonia. A médica esclarece ainda que as pessoas diagnosticadas com misofonia não necessariamente apresentam Transtorno do Espectro Autista (TEA). Quem tem TEA pode ser misofônico, porém o contrário não é verdadeiro. Ela reforça que os critérios de diagnóstico são completamente diferentes.

“Existem pesquisas em andamento no Brasil. Inclusive, nós do Grupo de Pesquisa em Zumbido e Hipersensibilidades Auditivas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), chefiado pela médica Jeanne Oiticica, estamos validando no país alguns questionários usados internacionalmente no diagnóstico e acompanhamento dos pacientes. Além disso, existe uma outra pesquisa sobre misofonia começando em parceria com a Universidade de Illinois”, explica a médica Elaine Miwa Watanabe.

Em geral, o médico otorrinolaringologista é o primeiro a ser procurado para o diagnóstico, mas outras especialidades também são procuradas como psiquiatras e neurologistas. É necessária uma avaliação médica e uma equipe multiprofissional que atue em conjunto, particularmente com a Fonoaudiologia e Psicologia.

“No caso de Abigail Aquino, conhecida como @misofonicasincera, uma das maiores representantes da misofonia no Brasil, senão a maior, conseguiu com muito esforço e estudo pessoal se curar e ainda ajudar outras pessoas a superar a misofonia. Foi fácil? Acredito que não, por isso ela ainda continua a ajudar tantas pessoas a abrir os olhos sobre um assunto tão pouco conhecido”, pontua a médica.

A misofonia é considerada uma hipersensibilidade auditiva em que ocorre aversão a alguns sons específicos. Os sons mais comuns são os de mastigação (amendoim, mascar chicletes, chupar bala), deglutição, aspiração de suco com canudo, arrastar chinelo, cliques de caneta. Mas existem outros, como dedilhar os dedos numa superfície, som da água do chuveiro tocando no solo.

“Ou seja, são sons comuns do dia a dia, mas percebidos como ameaçadores pelo misofônico. Existem alguns estudos que sugerem, inclusive, que a fonofobia, que é o medo excessivo a determinados sons, seja o grau máximo da misofonia. A irritabilidade e o desconforto podem ser tão grandes que podem ficar fora de controle”, revela a médica.

Ilustração: PixaBay



Foto: Arquivo Pessoal

“

Existem alguns estudos que sugerem, inclusive, que a fonofobia, que é o medo excessivo a determinados sons, seja o grau máximo da misofonia

Elaine Miwa Watanabe

Comprometimento mais emocional que auditivo, apontam as pesquisas

As pessoas que vivem com a misofonia costumam apresentar um impacto muito significativo na qualidade de vida, tendo em vista que apresentam raiva, estresse e desconforto com sons tão comuns no dia a dia. O fonoaudiólogo Vitor Cantele Malavolta, mestre em Distúrbios da Comunicação Humana pela Universidade Federal de Santa Maria, destaca que quem já viu algum vídeo de ASMR (Resposta Sensorial Meridiana Autônoma) na internet sabe da experiência prazerosa ou extremamente desconfortável que é. Ele ressalta que, em casos de desconforto exacerbado, é possível que a pessoa apresente misofonia.

“Para muitos, parece inusitado que a fonoaudiologia tenha algum tipo de vínculo com a misofonia. No entanto, um dos primeiros pes-

quisadores a falar sobre o tema foi um fonoaudiólogo, Pawel Jastreboff, sendo até hoje um grande nome na área. Uma área em especial de atuação dos fonoaudiólogos se preocupa com a misofonia e outros tipos de hipersensibilidades auditivas, a Audiologia. É através dela que o fonoaudiólogo avalia a audição e as respostas neurológicas da via auditiva nessas pessoas com misofonia e auxilia no processo de diagnóstico”, explica o fonoaudiólogo.

Ele ressalta que, apesar da misofonia ser um comprometimento de cunho muito mais emocional que auditivo, é importante que o paciente passe por uma avaliação da audição, para que outros tipos de intolerância aos sons sejam descartadas ou consideradas. Além da atuação no processo de

diagnóstico, o fonoaudiólogo tem um papel muito importante na reabilitação e tratamento.

“Esse profissional é responsável por realizar a terapia sonora e o treinamento auditivo, uma das possibilidades terapêuticas mais tradicionais da misofonia. Nesse tipo de tratamento, o fonoaudiólogo, através da apresentação e manejo de sons específicos, consegue modificar a via auditiva e outras vias neurológicas centrais dos pacientes e, consequentemente, melhorar a misofonia e a qualidade de vida dos sujeitos”, conclui.

Distúrbio raro

A misofonia pode ser considerada uma condição rara e o Instituto de Psicologia Aplicada (Inpa) estima que há menos de 150 mil no Brasil. Os misofônicos podem

apresentar ansiedade ou raiva, depressão, medo dos sons e tornarem-se agressivos. Os sintomas começam a aparecer, geralmente, na infância, os barulhos “desencadeadores” tendem a ser o da respiração e o da mastigação.

O Inpa explica que os sons são conduzidos até o cérebro para serem analisados e entendidos. Eles passam por várias estações até chegarem na região final desse caminho. O Instituto pontua que, por ser uma descoberta recente, a misofonia ainda está em fase de pesquisas. Sabe-se que, nas pessoas com misofonia, duas áreas cerebrais estão mais ativadas durante a passagem dos sons. Assim, essas conexões cerebrais superativadas provocam reação negativa imediata, forte e desproporcional com esses sons.



Foto: Arquivo Pessoal

“

Uma área em especial de atuação dos fonoaudiólogos se preocupa com a misofonia e outros tipos de hipersensibilidades auditivas: a Audiologia

Vitor Cantele Malavolta

MISOFONIA

Pacientes sofrem pelo preconceito

Pouco conhecimento sobre a síndrome causa desconforto aos misofônicos, que são tachados de exagerados

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

O preconceito é constante na vida das pessoas que convivem com a misofonia. Além do pouco conhecimento da população sobre a condição, muitos encaram os desconfortos enfrentados pelos misofônicos como sendo “mimimi” ou exageros. A jornalista Abigail Sander, curada da misofonia, usa as redes sociais para divulgar a misofonia e criou uma rede de apoio para auxiliar as pessoas com diagnóstico. A intenção é também chamar a atenção das autoridades para a elaboração de políticas públicas voltadas para a misofonia.

“Só conseguiremos tirar a misofonia do estado de marginalidade em que se encontra quando as pessoas compreenderem realmente que misofonia não é frescura, que há sofrimento real, destrói famílias, relacionamentos, acaba com carreiras e leva a pessoa a escolher viver o pior castigo do mundo: o isolamento social. Por que o pior? Porque nas cadeias, o pior castigo é o isolamento. E se uma pessoa escolhe viver isolada para fugir de barulhos, isso não é frescura. Porque onde tem dor, não existe mimimi”, desabafa Abigail.

O Novembro Laranja marcou a conscientização sobre as hipersensibilidades auditivas. Novembro Laranja é uma campanha de conscientização nacional sobre o zumbido, misofonia e hiperacusia e teve início em 2006, coordenada pelo Instituto Ganz Sanchez e tem como objetivo orientar a população sobre esses sintomas.

Abigail conta que teve misofonia por cerca de 30 anos e atualmente está curada e atua como uma espécie de contato emergencial para as pessoas que ainda pouco conhecem sobre seus sintomas.

“A rede de apoio surgiu depois que eu criei a Misofônica Sincera no Instagram. Eu vi que as pessoas precisavam de um lugar para conversar porque eu ficava, e ainda fico, cerca de três horas, duas horas conversando com cada pessoa e pelo Instagram é muito difícil. Gente querendo desistir da vida e estou batalhando por direitos e levando informações. Eu pensei: tenho que fazer alguma coisa e surgiu a ideia de criar um grupo no WhatsApp. Mas aí eu ficava pensando: poxa vida e se eu criar e ninguém aparecer aí eu falei: quer saber, se aparecer uma pessoa eu ajudo essa pessoa.”, revela.

Como previsto, inicialmente apenas uma pessoa ingressou no grupo, mas o número foi aumentando até chegar a seis, quando ela decidiu fazer uma reunião on-line para tirar dúvidas e trocar experiências entre os participantes. Abigail considera o grupo um local de acolhimento para as pessoas com misofonia, levando em consideração que nos muitos grupos de que participou ela constatou uma série de conflitos.

A página no Instagram @misofonicasin-cera surgiu quando a jornalista perdeu o primeiro gatilho. Em busca de informações, ela encontrou dificuldades. “Não tinha quase nenhum material sobre misofonia. E eu pesquisei muito. O único livro que tinha para ler já começava falando que quem tinha misofonia queria se matar e que misofonia não tinha cura. Eu achei um absurdo já começar um livro de uma forma tão desanimadora. Que desanimador começar um livro desse jeito e quando eu perdi o primeiro gatilho, percebi que precisava contar para as pessoas que pode não existir cura, mas que existe tratamento que dá para melhorar”, pontua. Atualmente, Abigail trabalha na elaboração de um livro sobre misofonia que deve ser lançado brevemente.



Imagem: Pixabay

Fones de ouvido e protetores são refúgios dos misofônicos

Quem tem a misofonia descreve o dia a dia como angustiante. Para tentar abafar os incômodos sons, os protetores auriculares e fones de ouvido muitas vezes são os melhores amigos para aliviar a dor dos gatilhos. No entanto, nem sempre os itens são benéficos e o uso inadequado pode piorar a hipersensibilidade.

“Quando está rolando um som e o seu cérebro que é um sujeito super conectado, detecta que você

não está ouvindo o tanto que deveria, ele entende que está havendo uma falha na audição e, por isso, aumenta a sensibilidade. Resumindo, o queridinho dos misofônicos não é seu melhor amigo como você imagina. É mais indicado, nesses casos, fones com antirruído”, diz um post explicativo do Instagram Misofônica Sincera.

A mesma página conta a história de uma pessoa com mi-



sofonia que externou os desafios em se relacionar com outras pessoas. Ele revelou ter perdido alguns relacionamentos por usar fones de ouvido o tempo todo. As parceiras nunca entenderam sua relação com os fones e acreditavam que ele se importava mais com música alta do que com a companhia delas.

“Sua dor era audível em sua voz e, em um certo momento, ele

confessou que não conseguia mais viver sem os fones. Fone de ouvido utilizado de forma correta, é tranquilo. Altura adequada e tempo de exposição ao som também adequado. Fone de ouvido utilizado de forma errada pode causar surdez e, apesar de alguns misofônicos acharem que isso pode ser uma benção, não é. É mais um desafio adicionado na vida de quem já tem diversos”, alerta Abigail em outra postagem.